

Cláudio Eduardo Muller [Banzato n°/228

A concepção lingüística freudiana e algumas de suas implicações filosóficas. Ensaio inspirado nas críticas de Wittgenstein a Freud.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Osmyr Faria [Gabbi Jr. ^{unio} *f.*

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 11/04/1994.

Fevereiro/1994



1405454

Sou extremamente grato ao Professor Osmyr pelas aulas estimulantes, que me aproximaram da consideração de questões filosóficas. Nesse processo de iniciação, sua orientação paciente e cuidadosa foi fundamental. Agradeço ainda sua participação decisiva em todas as etapas da elaboração do presente texto.

Introdução

As esparsas e incisivas observações formuladas por Wittgenstein ao longo de sua obra (em grande parte, reproduções de aulas e conversações, baseadas em notas de seus alunos), acerca da psicanálise freudiana, tem sido há anos objeto de uma especial atenção, sendo o tema abordado a partir das mais variadas perspectivas. Encontramos em alguns comentadores tentativas de esclarecer pontos suscitados pelas notas de Wittgenstein e, na dependência de sua articulação, de dar à crítica um caráter sistemático e consistente. Outros estudos procuram ir além: criam um debate póstumo entre os dois autores; outros ainda concentram-se sobre as imprecisões de leitura dos textos freudianos por parte de Wittgenstein e suas conseqüências nos termos das críticas propostas; ainda há aqueles (completamente desprovidos de alcance teórico) que procuram invalidar as objeções de Wittgenstein por intermédio de uma interpretação psicanalítica selvagem, atroz e descabida do pensador vienense. Como tentamos evidenciar adiante (capítulo I), em meio a essa diversidade, há dois autores que se destacam pela sutil apreensão da especificidade da natureza da crítica de Wittgenstein: o norte-americano Cioffi e o francês Bouveresse.

O presente estudo, no entanto, adota a perspectiva, inaugurada por Gabbi Jr.(1992), de um atento exame da letra freudiana, inspirado nas preocupações filosóficas de Wittgenstein, com o intuito explícito de analisar determinados pressupostos filosóficos freudianos, ou seja, de identificar alguns dos sustentáculos teóricos de sua formidável e inovadora empresa. No presente caso, a atenção dirige-se para a concepção lingüística de

Freud por duas razões: não há sentido em se fazer ou se tentar mais uma análise epistemológica da obra freudiana; tendo em vista o fato de todo procedimento psicanalítico situar-se no campo da linguagem, ou seja, permanecer sempre circunscrito ao domínio do relato, afigura-se como imprescindível examinar as especificidades da teoria da significação (i.e. da relação entre sentido e referência) implicada pela teoria psicanalítica. Intentamos rastrear com pormenores as alusões freudianas à linguagem, recorrentes em seu texto, assim como tencionamos investigar as teses lingüísticas implícitas, porventura relacionadas com a ambição heurística e explicativa de Freud. A articulação consistente entre as teses a serem identificadas, se tal se revelar possível, será dada a denominação de *concepção lingüística freudiana*, título do presente trabalho.

Consideremos a seguir o plano geral da dissertação. A mesma fraciona-se em três capítulos, em consonância à prévia divisão temática estabelecida. No primeiro, existe a tentativa de recuperar o teor e o contexto das críticas de Wittgenstein a Freud, a partir de textos do próprio Wittgenstein e de diversos comentadores. O segundo procura focalizar extensamente a noção freudiana de símbolo (visada por Wittgenstein enquanto *linguagem do sonho*), tanto no aspecto histórico do desenvolvimento da teoria, como, principalmente, em sua especificidade e estrita relação com a linguagem. Em seguida, no capítulo III são recolhidas as dispersas referências freudianas explícitas à linguagem, e, num segundo momento, reunidas àquelas outras identificadas no percurso deste estudo, com o fim de promover a articulação das mesmas, em sua totalidade, em torno de uma

pretensa concepção lingüística freudiana. Finalmente, à guisa de conclusão, sugerimos algumas implicações filosóficas do entendimento freudiano sobre a natureza da linguagem, à luz das críticas de Wittgenstein.

O capítulo inicial intitulado *Wittgenstein - crítico de Freud*, trata especificamente da concisa, mas abrangente, crítica de Wittgenstein a determinadas características da teoria freudiana, sendo as principais, entre outras: a ambição explicativa desmedida, o desejo de universalidade, a marcada anfibologia conceitual e o essencialismo tácito. O interesse de Wittgenstein em relação à psicanálise aparentemente se deve ao fato da teoria freudiana, mesmo com todo o seu brilho (capaz inclusive de atrair Wittgenstein por exemplificar como o sentido das palavras é multívoco), ser paradigmática de uma forma de pensar que Wittgenstein deseja combater.¹ Assim, a crítica reveste-se de um caráter mais ilustrativo, e menos temático (o mesmo ocorrendo em relação a Darwin e Frazer). Wittgenstein interessa-se pela sedução com que certas teorias conseguem através do seu encanto transformar hipóteses interessantes em certezas a priori. Nesse caso, a retórica freudiana certamente desempenha um

¹ -O projeto filosófico de Wittgenstein visa abolir a necessidade de explicações em certos domínios, como evidencia a seguinte definição: "Philosophy simply puts everything before us, and neither explains nor deduces anything." (BT,p. 12) Todo o problema filosófico decorreria da desordem de nossos conceitos, alimentada pela mitologia presente em nossa linguagem; nesse sentido, seu preceito metodológico básico pode ser assim enunciado: "As I do philosophy, its entire task consist in expressing myself in such a way that certain troubles \problems\ disappear. (Hertz.)" (ibid,p. 13)

papel deveras significativo (para Wittgenstein, a psicanálise é um dispositivo persuasivo que se ignora enquanto tal). O outro alvo central é a ontologia implícita na teoria freudiana, correspondente à passagem de um uso adjetivo do termo inconsciente para um uso substantivo, gerando a ilusão de que remete a algo existente (ou, em outras palavras, a psicanálise ao invés de se limitar a ser um original e fértil ponto de vista, tenderia a tomar suas extensões de conceitos como descobertas científicas acerca das coisas).

De acordo com Wittgenstein, Freud incorreria em inúmeras confusões conceituais de graves consequências filosóficas por não distinguir devidamente a seguinte série de pares de termos aparentados: a) causa e razão, a primeira, não apreensível por si e determinável através do método empírico, a segunda, acessível de modo imediato, obedecendo a critérios teleológicos (Wittgenstein contesta serem as razões, causas vistas desde o interior, idéias essa presente, por exemplo, em Schopenhauer); b) lei e regra, com a seguinte ressalva adicional: mesmo a descoberta de uma determinada lei natural não representa a explicação de um dado fenômeno do campo envolvido; c) hipóteses e descrições suplementares, respectivamente, de domínios científico (ciências naturais) e estético (a explicação estética tem por objetivo resolver a perplexidade do sujeito, e nesse sentido, na medida do interesse suscitado, pode ou não ser aceita, mas as categorias de verdadeiro e falso não se aplicam no caso); d) descoberta e a boa maneira de representar um fato; e) a aproximação imprópria entre uma convicção inabalável no determinismo psíquico e uma dotação generalizada de sentido *inerente* aos fatos da vida anímica.

Além disso, a preocupação de Wittgenstein converge sobre a interpretação de sonhos, procedimento, em seu entender, equivocado por natureza.² Para o filósofo austriaco, tomar o sonho como fragmento de um todo compreensível é um preconceito freudiano, assim como postular a existência prévia de um conteúdo latente (pois, de outra perspectiva, nada impede de tomá-lo como criação intrínseca do processo interpretativo). Assim, isto posto, a psicanálise não revelaria um sentido até então oculto, mas o sonho seria ressignificado a partir da sua inclusão num novo contexto. Ainda em torno do sonho, a noção de simbolismo onírico é problematizada, principalmente seu caráter fundamentalmente sexual. Os pontos de Wittgenstein atinentes a essa questão são os seguintes: no lugar de uma conexão necessária, apresenta-se uma hipótese genética (crítica lógica); Freud comporta-se como se tivesse apreendido o símbolo por meio de uma definição ostensiva (de seu reconhecimento seguro dos símbolos - e da falta de indicação de parâmetros inequívocos - deriva a questão do assentimento psicanalítico); o símbolo depende da preliminar assimilação ao sintoma para ser esclarecido (temos, portanto, nesses termos, o campo semântico apoiado num tipo específico de causalismo).

Resumindo o ponto do filósofo vienense, a teoria freudiana seria alternativamente uma construção metafísica envolta

²-Wittgenstein, entretanto, concede a seguinte possibilidade de mérito da "Traumdeutung": "If Freud's theory of dreams has anything in it, it shows how complicated is the way the human mind represents the facts in pictures. So complicated, so irregular is the way they are represented that we can barely call it representation any longer." (CV-1944, p. 44e)

em roupagem cientificista (sendo duplamente condenada nesse sentido³), ou um discurso de natureza estética (em si, atraente) que se ignora, no entanto, enquanto tal, e além do mais, repleto de anfibologias. Wittgenstein parece não aceitar o realismo e o essencialismo freudiano presentes principalmente no primeiro caso, e, nos termos da relação de significação, suas referências ocultas (e, portanto, extra-lingüísticas); também a metapsicologia é rejeitada globalmente, pois a trama dos princípios explicativos faz as vezes de uma metalinguagem, cuja possibilidade é interdita pelas observações filosóficas de Wittgenstein desde o ILP. Além disso, a imensa capacidade da teoria freudiana de ordenar uma multidão de fatos revela-se de crucial importância na construção do argumento crítico porque indicaria a natureza intrinsecamente mitológica do empreendimento freudiano. Delimitamos assim um dos problemas centrais desse tipo de formulação, o tendencioso apelo de exclusividade implicado por essa forma de pensar, permitindo, por conseguinte, a passagem em curto-circuito de um modo opcional de representação a outro com ares de virtual obrigatoriedade. Evidentemente, não há pretensão de, na leitura do texto freudiano, promover uma confrontação sistemática entre ambos os autores: o ponto de vista de Wittgenstein será fonte inspiradora e pano de fundo do exame das teses freudianas relativas à linguagem.

No segundo capítulo, *A noção freudiana de símbolo*, a construção de uma teoria especificamente psicanalítica de símbolo

³-Basicamente por reunir de modo infeliz, na perspectiva de Wittgenstein, o engano filosófico típico (pretender falar das coisas como tais) e a ambição explicativa desmesurada da ciência (ignorando os limites de seu domínio).

recebe um tratamento histórico - desde um provável antecedente, *Sobre a Concepção das Afasias* (1891) -, até os derradeiros textos de Freud. O motivo de estudarmos o simbolismo reside no fato dele possivelmente representar o mais acentado ponto de afastamento das formas usuais de significação, dado o mesmo depender de uma referência remota (isto é, não contextual ou individual), permitindo, talvez, a identificação de pressupostos freudianos acerca da linguagem. Especial ênfase é concedida a *Estudos sobre Histeria* (1895), *Interpretação dos Sonhos* (1900) e progressivos acréscimos (principalmente aqueles inseridos entre 1909 e 1914), e *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1916), onde encontramos de maneira mais sistematizada os fundamentos da concepção freudiana sobre o simbolismo. De todo modo, existe um rastreamento exaustivo das demais referências freudianas ao assunto, em geral apresentadas por Freud como confirmações adicionais de seus pontos de vista e citadas aqui à guisa de ilustração. O objetivo do capítulo é determinar o grau de compatibilidade entre as formulações de diferentes períodos e estabelecer as principais características distintivas do símbolo psicanalítico. No decorrer de sua composição, notamos na obra freudiana um gradual estreitamento da acepção de símbolo - o mesmo progressivamente se diferencia das demais formas de representação indireta-, e a conseqüente aquisição de contornos conceituais próprios.

Nos *Estudos sobre Histeria* (1895) encontramos referências a: símbolos mnêmicos (praticamente equivalentes dos sintomas histéricos) - são recordações que ocupam o lugar de outras, traumáticas (os fatores que possibilitam a substituição são: a coincidência temporal e, fundamentalmente, a pré-existência

de um enlace associativo); simbolizações, isto é, associações mediadas por expressões lingüísticas. Na medida em que o determinante é o laço associativo, a diferença entre ambos atenua-se consideravelmente. No *Projeto de uma Psicologia* (1895), Freud descreve em termos energéticos essa substituição e reafirma a sua dependência de um estado de coisas prévio do aparelho psíquico; o simbolismo é, assim, explicitamente associado ao mecanismo do recalque. Até esse momento, o símbolo é um produto individual, a despeito de, facultativamente, se nutrir de algo compartilhado, a linguagem. Ele é, inclusive, o grande traço distintivo do procedimento interpretativo freudiano, aplicado aos sonhos e à sintomatologia neurótica, através do método singular da associação livre.

Entre 1909 e 1916, entretanto, o simbolismo adquire gradativamente um caráter de constância e independência de fatores individuais, com a importante ressalva de que a identificação de um sentido simbólico permanece tributária da relação transferencial (isto é, possui uma determinação clínica). Um mesmo termo pode ser tomado simultaneamente em acepção simbólica e não simbólica (precisamente por esse motivo o método da associação livre conserva sua primazia). Por simbólico, deve-se entender, neste momento, um conhecimento inconsciente (e compartilhado pelos indivíduos) de certas relações, onde, inevitavelmente, existem referências a um campo restrito, o âmbito do sexual. O enorme contraste entre a multiplicidade de símbolos e o pequeno número de objetos simbolizáveis recebe uma explicação energética, via recalque (o fluxo da libido seria unidirecional). O mais surpreendente, no entanto, é o simbolismo ser dito universal,

superando as fronteiras lingüísticas e culturais, atravessando intacto o curso da história. Freud pretende resolver o problema com o auxílio de Sperber, um filólogo sueco, autor de uma especulativa teoria [publicada em 1912] sobre a origem sexual da linguagem. As diferentes linguagens teriam origem na mesma matriz. A seu turno, Freud pensa ter encontrado a linguagem universal na sintomatologia neurótica, postulando ser o sexual a matéria prima básica, ponto de confluência entre simbolismo, linguagem e sintomatologia. Em outros termos, temos uma hipótese filogenética acerca da origem e desenvolvimento da linguagem, reiterada até seus últimos textos como *Moisés* (1939) e *Esquema de Psicanálise* (1940). As conseqüências dessa aproximação promovida entre simbolismo e linguagem são tratadas no capítulo seguinte.

Finalmente, no terceiro capítulo, *As teses freudianas acerca da natureza da linguagem*, desejamos promover a articulação tanto de referências extraídas do texto freudiano (mais ou menos explicitas), como de inferências do autor, buscando o estabelecimento, assim, de um hipotético painel temático, onde a consistência da posição de Freud possa ser analisada. Esperamos encontrar argumentos a favor da tese central do presente estudo de que a linguagem na teoria freudiana funciona como elemento de mediação entre o sexual e o não sexual, ou dito de outro modo, que a linguagem no vocabulário metapsicológico situa-se como ponto de tensão do dualismo pulsional (em suas duas versões principais). Revendo seu próprio percurso teórico na *Conferência XXXII* (1932), Freud refere-se à doutrina das pulsões como a mitologia da teoria psicanalítica (Freud, XXII, 88), salientando tanto a inspiração biológica de sua primeira formulação em torno das grandes

necessidades, fome e amor, como os limites da independência da psicologia diante do fato indiscutível do indivíduo servir a dois propósitos básicos: sua própria conservação e a da espécie. (ibid.) Veremos, no decorrer da análise, a posição da linguagem face a essa dupla demanda como articuladora do enlace entre ambas. Influenciado pela assim denominada compulsão à repetição (tendência conservadora de reproduzir o estado anterior), Freud reagrupa suas pulsões: "(...) as eróticas, que querem aglomerar cada vez mais a substância viva em unidades maiores, e as pulsões de morte que contrariam esse afã e reconduzem o vivo ao estado inorgânico. Da ação eficaz conjugada e contrária de ambas surgem os fenômenos da vida, a que a morte põe fim." (ibid.,99) A partir desse desenvolvimento, emerge uma nova questão para o presente estudo, estabelecer a relação entre linguagem e compulsão à repetição.

No primeiro momento, enfocamos a palavra a partir de diferentes perspectivas: a) a crença freudiana num sentido originário e pleno (literal) das palavras (referido ao sexual), passível de resgate pela via do simbolismo; b) o sentido antitético das palavras primitivas⁴; c) as palavras seriam como ensalmos, crenças primitivas associando magicamente palavras (nomes) e coisas; d) a organização representacional no interior do aparelho psíquico, a elaboração freudiana acerca das representações de palavra, objeto e coisa; e) o tratamento da

⁴-O paradoxo existe somente na aparência, pois a) e b) revelam-se compatíveis na medida em que, no desenvolvimento da linguagem, a função de nomear - uso substantivo - teria precedência, uma vez que as relações e conceitos - uso adjetivo - surgiriam apenas no momento seguinte.

palavra no chiste, no sonho e na esquizofrenia, isto é, a virtual tensão existente entre a plasticidade, multivocidade e equívocidade de um lado e o significado literal, concreto e unívoco de outro.

A partir da aproximação entre o primeiro momento e o capítulo anterior resultam inferências sobre as teses freudianas acerca da linguagem e da relação de significação - organizadas em torno da mediação lingüística no interior do dualismo pulsional -, expostas esquematicamente na seguinte seqüência: 1-a linguagem teria uma referência sexual em sua origem (ou seja, na constituição da matriz universal) e o simbolismo seria uma espécie de modalidade da linguagem ancestral; 2-a linguagem teria sido inicialmente figurativa e agramatical (com uma conseqüente imprecisão conceitual); num segundo momento, discursiva e gramatical; 3-haveria uma correspondência entre linguagem e realidade, a linguagem seria um espelho, senão da realidade exterior, da realidade psíquica, e isso parcialmente devido à teleologia presente tanto na linguagem como no aparelho psíquico; 4-a linguagem representaria uma fonte privilegiada do conhecimento, a tradição conservaria vestígios de uma relação primordial que aproximava as palavras das coisas e, desse modo, a etimologia poderia esclarecer questões conceituais; ou, em outros termos, semelhanças léxicas pressuporiam também relações semânticas; 5-teríamos, de um lado, a série *originário-relações lingüísticas profundas*⁵ - univocidade e, de outro, a série correlativa *deslocado-relações lingüísticas superficiais*⁶ -

⁵ - Aquelas que vigoram quando os proferimentos têm sentido.

⁶ - Onde, por exemplo, a sonoridade pode ter precedência em relação

multivocidade; b--todas as linguagens seriam comensuráveis, tendo em vista a origem a partir de uma matriz comum.

E por fim, como conclusão, visamos a especificidade da relação de significação (entre sentido e referência) implicada na teoria psicanalítica, tendo em vista as teses expostas acima. De modo demasiadamente sintético, podemos sugerir a existência, no texto freudiano, de duas modalidades distintas de linguagem. A primeira merece a denominação de *linguagem primordial*, o elemento sexual seria o princípio organizador por excelência (universalidade ancorada na hipótese filogenética, tal como o complexo de Édipo). Nesse contexto, a linguagem atenderia a uma das motivações básicas do ser humano, i.e., a sexualidade, e sua principal função seria a de nomear as coisas sexuais, ou seja, conectar *palavras* e *coisas*, onde as últimas se constituiriam numa espécie de referência fundamental. Em outros termos, tal procedimento seria baseado em definições ostensivas⁷, e conseqüentemente teríamos um significado visual (extra-lingüístico) na origem. O simbolismo, por sua univocidade e referência remota, seria o caso prototípico. Podemos chamar a segunda modalidade de *linguagem ordinária*, onde a função de nomear teve sua importância diluída na trama lingüística. Neste sentido, o propósito de dar conta das relações entre os objetos assume o primeiro plano. A última modalidade derivaria da anterior por sucessivos deslocamentos, atendendo aos reclamos da ao sentido.

⁷-Para Wittgenstein, a definição ostensiva corresponde ao ato de proferir fórmulas do tipo 'isto é ...' ('This is...'), apontando para um determinado objeto em particular.

autoconservação, através de seu papel no desempenho social do trabalho; processo que a tornaria multívoca e dependente, portanto, de uma referência contextual atualizada. De certa forma, porém, como o primordial persiste no interior do ordinário, este teria um duplo sistema de referências. A todo momento, ao utilizar a linguagem, estaríamos-nos reportando a uma referência remota e a uma outra contextual. Se aplicarmos a tese da dupla referência aos objetos freudianos tradicionais, poderemos diferenciar quatro casos: 1-simbolismo que remete exclusivamente a uma referência remota (se a contextual intervier, não estaremos mais no âmbito simbólico); 2-esquizofrenia onde se observa uma total disjunção entre ambas as referências com resultados paradoxais: de um lado a inoperância da referência remota torna a linguagem altamente abstrata, de outro, a ausência do contexto faz com que as palavras sejam tratadas de modo concreto, como se fossem coisas (a combinação dos dois mecanismos acima conduz a uma linguagem privada). 3-chiste onde o trânsito imprevisto pelas diferentes referências responde pelos seus efeitos psíquicos de prazer pela descoberta de uma via rápida e desimpedida de descarga (o sentido sexual subjacente proviria da referência remota, mas a referência contextual mantém-se incólume); e 4-neurose onde a referência remota é determinante sem aparecer, e a contextual, trocada, produz a aparente ininteligibilidade da fala sintomática.

Capítulo I - Wittgenstein - crítico de Freud

"A good simile refreshes the intellect." (CV-1929,p. 1e)

"Na psicologia somente podemos descrever com a ajuda de comparações (Vergleichungen). Não é, no entanto, particularidade sua, isso também ocorre algures. Mas nos vemos obrigados a variar continuamente essas comparações (Vergleiche), nenhuma se mantém por um tempo suficientemente longo." (Freud,XX,183)

Explicar as razões da aproximação entre os dois autores certamente não se revela uma tarefa supérflua, em parte devido ao aspecto inusitado das observações de Wittgenstein acerca da psicanálise freudiana, mas também pela posição singular das mesmas no interior da obra do filósofo, onde Freud aparentemente comparece na condição de 'exemplo' (de um estilo de pensar a ser combatido), sem constituir propriamente, portanto, um objeto temático de análise, menos ainda um 'alvo' sistemático, como a palavra "crítico", presente no nosso título, poderia sugerir. Assim, cumpre inicialmente estabelecer um determinado terreno contextual, especificando os movimentos da intrincada elaboração filosófica de Wittgenstein, bem como as razões de seu interesse pelo criador da psicanálise, procurando desse modo encontrar um ângulo de exame do tema que se revele prolífico, e justificável *per se*. Mas antes de considerarmos as inúmeras nuances particulares das observações de Wittgenstein, faz-se necessária uma pequena digressão para assegurar desde já o propósito do presente estudo de se distinguir claramente de outros tipos de abordagens do discurso psicanalítico.

Além disso, nunca é demais ressaltar, presenciamos no momento atual uma espécie de esgotamento do debate acadêmico em torno do freudismo, a despeito da incessante multiplicação da

literatura não psicanalítica relativa ao assunto. A psicanálise tem sido visada basicamente a partir de duas posições conexas, com o estabelecimento, por assim dizer, de dois campos de embate: a) o *front* epistemológico, onde se discute o *status* científico da psicanálise⁸; b) o *front* filosófico, onde a disputa dá-se em torno da própria noção de racionalidade. Neste sentido, a teoria freudiana é atacada por supostas inconsistências de sua trama conceitual que resultariam em formulações aporéticas; em contrapartida, a psicanálise questiona radicalmente o discurso filosófico precisamente através de sua noção de divisão do sujeito (*Ichspaltung*) e propõe-se como o fórum por excelência para tratar deste problema. Temos fundamentalmente um jogo de mútua invalidação. Em particular, a relação entre filosofia e psicanálise tem sido exaustivamente examinada de perspectivas as mais variadas, muito embora por vezes tenha havido mais propriamente a tentativa de assimilação de um discurso pelo outro. Monzani identificou algumas das tendências recentes de abordagem da obra freudiana, condenando-as globalmente e apontando suas respectivas insuficiências: a) aceitação irrestrita da teoria por parte dos psicanalistas a partir de uma leitura instrumentalista

⁸ -Encontramos de um lado demonstrações repetidas do fato notório da psicanálise não cumprir as exigências mínimas para ser considerada ciência no sentido habitual do termo (i. e. não satisfaz os cânones das ciências naturais), sendo destituída, portanto, de qualquer valor intrínseco, e de outro, tentativas psicanalíticas de constituir sob-medida um novo paradigma científico, admitindo com essa insistência um ponto decisivo de seus detratores, o de que a legitimação de seu saber passa inevitavelmente pela validação científica das proposições da teoria psicanalítica.

(com absoluta ênfase pragmática), inteiramente descolada da metapsicologia; b) tentativa de refutação da teoria freudiana, i.e., de demonstração de sua falsidade nos moldes das ciências naturais, apoiada num tratamento profundamente deformador do pensamento de Freud; c) travestimento sistemático da letra freudiana, através de interpretações seletivas e parciais, que suprimem os pontos de tensão do seio da teoria, sendo subtraído no processo nada menos do que sua originalidade. (Monzani-1991,p.112)

Desse modo, torna-se imperativo tentar justificar a pretensa especificidade de percurso contida no presente estudo: examinar criticamente a psicanálise sem, no entanto, retirar a menor parcela de seu encanto e sobretudo sem tampouco neutralizar seus efeitos gnosiológicos subversivos.

Determinadas possibilidades devem ser rejeitadas logo de início no sentido de melhor delinear (negativamente, isto é, por exclusão) nosso trajeto. A primeira delas diz respeito a restringir o movimento crítico ao território estritamente psicanalítico. Recusamos expressamente a pretensão da psicanálise de não admitir exterioridade em relação ao seu discurso.⁹ Além do mais, existe um interdito necessário a que uma dada teoria possa examinar seus próprios pressupostos, o que não significa, por outro lado, a existência de um tribunal isento constituído para

⁹ -Uma nota de Wittgenstein a esse respeito, segundo Rhees: "To learn from Freud you have to be critical; and psychoanalysis generally prevents this." (LA,p. 41) Do mesmo modo, porém, que não existe o reconhecimento pela psicanálise de um espaço extra-analítico, deve-se admitir que o intra-analítico seja necessariamente restrito ao âmbito discursivo (lingüístico), pois está atrelado indissociavelmente ao domínio do relato.

esse fim exato. No caso da psicanálise, uma crítica desde seu interior tem outro tipo de relevância, na medida em que visa, por exemplo, reformulações no sentido de estreitar os compromissos entre a teoria e a prática decorrente de sua aceitação. Sem dúvida, podemos afirmar que, numa certa medida, todo o movimento psicanalítico gira ao redor desse eixo. A insuficiente consideração da metapsicologia (ou melhor, seu descolamento da clínica) permite o fato incontestado da heterogeneidade, em graus variados, das diversas teorias ditas pós-freudianas. Onde os analistas pretendem constatar uma (em geral, mas nem sempre) pacífica continuidade, mais das vezes o filósofo identifica um movimento evidente de ruptura. A compatibilização prática das diferentes tendências psicanalíticas quase sempre implica num recorte teórico altamente eclético e problemático em seus fundamentos.

Por outro lado, o exame epistemológico da obra freudiana, isto é, aquele efetuado por intermédio de uma leitura igualmente atenta à articulação conceitual vigente no interior da teoria e ao seu grau de consistência intrínseca, parece-nos hoje uma vertente devidamente explorada. (Monzani-1991,p.113) Dessa forma, não faz mais sentido insistir na análise dita epistemológica da teoria freudiana, o que evidentemente não implica em se afirmar antecipadamente a esterilidade de novas abordagens filosóficas do discurso freudiano. Em outras palavras, estamos convencidos de que o mérito maior de uma leitura filosoficamente inspirada dos textos de Freud seria, no caso ideal, a consecução de um melhor esclarecimento do conjunto de pressupostos convocados pela teoria em questão, assim como a

identificação dos fatores responsáveis pelo marcado fascínio que ela exerce. É é precisamente a partir desse ponto de vista que pretendemos considerar as observações de Wittgenstein acerca da psicanálise freudiana. O interesse de tal aproximação parece justamente advir da própria concepção filosófica de Wittgenstein, ou seja, de sua atitude de retirar da epistemologia o status de fundamento básico da filosofia, sendo a primazia, num primeiro momento, concedida à lógica, e posteriormente, à descrição gramatical. E não menos importante afigura-se a íntima conexão estabelecida por Wittgenstein, em seu peculiar filosofar, entre lógica, ética e estética. Assim, é na virtual confluência dessas três perspectivas que a teoria freudiana será visada dentro de uma óptica extremamente singular, e sem haver (esperamos) falsificação de sua letra ou abandono de sua especificidade.

À despeito de formular diversas objeções de cunho metodológico ao projeto freudiano, Wittgenstein não pretende realizar com seus argumentos uma desqualificação epistemológica da psicanálise. Mais de uma vez o filósofo vienense reconhece o encanto e a fertilidade do ponto de vista concebido criativamente por Freud. Wittgenstein, inclusive, mostra-se impressionado com a psicanálise pela significação adicional que ela empresta aos fatos. Entretanto, ressignificar o mundo, resolver nossa perplexidade diante de uma aparente desordem, são tarefas por inteiro alheias ao domínio científico. E talvez sejam elas, no entender de Wittgenstein, as que mais efetivamente importam aos homens na resolução de seus problemas vitais. Assim, longe de retirar a importância da originalidade da perspectiva freudiana, Wittgenstein situa a psicanálise no campo da estética como modo

optativo de representação. Suas conseqüências seriam aquelas da arte (isto é, conservaria portanto todo seu potencial subversivo), e o valor de suas engenhosas construções poderia ser comparado, nesse caso, ao de uma realização literária, o que, convenhamos, aos olhos do filósofo da linguagem, não é pouco. Todo o cerne do problema se resumiria ao seguinte: Freud, plenamente convencido de transitar no âmbito científico, defende a necessidade (no sentido forte, da lógica), a universalidade e a exclusividade de seu modo de figuração. Mais ainda, o criador da psicanálise pretende demonstrar (no sentido das ciências naturais) o valor heurístico de suas proposições. Veremos no decorrer do estudo como a posição de Freud é complexa, muito distante das ingenuidades usuais, mas, apesar disso, as observações de Wittgenstein demonstram toda sua perspicácia face a este ponto polêmico.

Entretanto uma ressalva adicional impõe-se nesse momento, pois a "confrontação" Freud - Wittgenstein tem sido há anos objeto de especial atenção, bem como ponto de significativa controvérsia, talvez em certa medida provocada pelo cunho esparso e fragmentário das incisivas observações de Wittgenstein (em grande parte, reproduções de aulas e conversações, baseadas em apontamentos de seus alunos). Como o tema tem sido abordado das mais variadas perspectivas, certamente se faz necessário esboçar a filiação do presente estudo, ou mais precisamente demarcar seus contornos, justificando assim sua *raison d'être*. Alguns comentadores procuram dar à crítica do filósofo austríaco um caráter sistemático e consistente, promovendo uma articulação plausível entre os pontos suscitados pelas suas advertências. Outros estudos procuram ir além. Criam um debate póstumo entre os

dois autores. Outros ainda concentram-se sobre as eventuais imprecisões de leitura dos textos freudianos por parte de Wittgenstein, e as correspondentes conseqüências em termos das críticas propostas. Finalmente há aqueles (desprovidos do mínimo alcance teórico) que visam invalidar as objeções de Wittgenstein através da utilização do dispositivo interpretativo psicanalítico, isto é, da interpretação psicanalítica selvagem e absurda do pensador vienense.

Muito embora o presente estudo pretenda distinguir-se (em seu desenvolvimento, *i.e.* principalmente nos capítulos 2 e 3) das abordagens supracitadas, reconhecemos nosso débito em relação a dois autores, Cioffi e Bouveresse, destacados entre os demais pela perspicaz apreensão da especificidade dos comentários de Wittgenstein, por intermédio de uma rigorosa reconstituição contextual de suas formulações concisas. O quadro referencial formado pelos textos dos dois autores (além, é claro, das notas do próprio Wittgenstein) ocupa aqui a posição de ponto de partida. Nosso estudo, no entanto, adota a perspectiva, inaugurada por Gabbi Jr. (1992), de retomar atentamente a letra freudiana à luz das preocupações filosóficas de Wittgenstein, de explorar determinados pressupostos filosóficos freudianos, ou, em outros termos, de tentar identificar a natureza da originalidade da empresa psicanalítica. De relevância especial para os nossos propósitos é o fato, a ser sublinhado, da psicanálise estar completamente inscrita no registro lingüístico, pois sua matéria consiste exclusivamente de relatos. Desse modo, neste primeiro capítulo, examinaremos tanto as observações de Wittgenstein como de seus comentadores, com o fim de estabelecer um certo contexto

para a análise dos escritos freudianos nos moldes já descritos, a ser efetuada nos capítulos subsequentes.

Inicialmente cumpre esclarecer o interesse suscitado pelos livros de Freud em Wittgenstein, na medida em que este os situa nitidamente no exterior do campo da psicologia, e também por esse mesmo motivo (entre outros) como dignos de serem levados em conta.¹⁰ Não é improvável que Wittgenstein tenha sido atraído principalmente pelo fato da psicanálise exemplificar a polissemia das palavras, mas também por conta de Freud oferecer uma maneira nova e original¹¹ de considerar as coisas. Entretanto, a aparência científicista dos constructos freudianos apontaria para certos tipos de confusão gramatical (anfibiologias) e, por outro lado, as reações provocadas pela psicanálise seriam indicativas do caráter sedutor do discurso freudiano. A aproximação dos dois fatores acima teria como consequência básica a escamoteação da dimensão

¹⁰ -Segundo Rhees, Wittgenstein, durante sua permanência em Cambridge no período anterior a 1914, teria considerado a psicologia perda de tempo. Seu encontro com os textos de Freud é narrado nos seguintes termos: "Then some years later I happened to read something by Freud, and I sat up in surprise. Here was someone who had something to say." (Wittgenstein-LA, p. 41)

¹¹ -Nas palavras de Wittgenstein, um ponto em comum com Freud: "I believe that my originality (if that is the right word) is an originality belonging to the soil rather than to the seed. (Perhaps I have no seed of my own.) Sow a seed in my soil and it will grow differently than it would in any other soil. # Freud's originality too was like this, I think. I have always believed - without knowing why - that the real germ of psycho-analysis came from Breuer, not Freud. Of course Breuer's seed-grain can only have been quite tiny. Courage is always original" (CV-1939-40, p. 36e)

ética envolvida na psicanálise. Dito de modo diverso, Wittgenstein focaliza o significado da interpretação psicanalítica nos termos das explicações estéticas, salientando todo o apelo de sedução inerente a esse gênero de explicação (em contraposição à habitual neutralidade diante de explicações causais no campo das ciências naturais).¹² Nesse sentido, um trecho de Bouveresse revela-se particularmente ilustrativo do estilo das preocupações de Wittgenstein: "(...) toute sa philosophie est en un certain sens une dénonciation du phénomène de la séduction et de la mode en matière de théories ou d'idées, c'est-à-dire de tout ce qui fait qu'une certaine manière de penser et de s'exprimer s'impose à un certain moment comme la seule possible ou concevable et devient pour un temps obligatoire, officielle, consacrée. La philosophie est, de son point de vue, une entreprise purement négative; elle se réduit à une sorte de lutte permanente, et jamais assurée d'aucune victoire sûre, contre la rascination dangereuse exercée par un certain nombre de mots magiques, de formules rituelles, d'explications et de théories qui ne reposent sur rien d'autre que l'empressement du plus grand nombre à les accepter et à les défendre, bref contre toute une mythologie savante, caractéristique de nos sociétés rationalistes." (1973,p.7) Em outras palavras, Wittgenstein pergunta-se como é que certas teorias conseguem pelo seu encanto transformar hipóteses interessantes em certezas a priori. (ibid.,p.27)

Assim, Freud não seria um alvo isolado e preferencial

¹² "I may find scientific questions interesting, but they never really grip me. Only conceptual and aesthetic questions do that. At bottom I am indifferent to the solution of scientific problems; but not the other sort." (CV-1949,p.79e)

das críticas de Wittgenstein, mas representaria, isto sim, um caso paradigmático de uma forma de pensar que este último deseja combater, e desse modo Freud pode ser colocado, por exemplo, na companhia de Darwin e Frazer. Evidentemente cada autor possui suas peculiaridades, no caso da teoria darwinista o problema, segundo Wittgenstein, não está na hipótese da evolução em si, mas no caráter da recepção da mesma: *"One circle of admirers who said: 'Of course', and another circle [of enemies-R] who said: 'Of course not'. Why in the Hell should a man say 'of course'?"* (LA, p.26)¹³ O fascínio provocado pela teoria em questão bem como o apaixonado debate estariam relacionados com o fato da mesma destruir preconceitos, no caso, negar a versão bíblica (*Gênesis*) da origem do homem. Com Frazer o problema parece ser outro, Wittgenstein condena seu ponto de partida (o princípio de seu método antropológico), isto é, o propósito de 'explicar' as práticas bizarras e incompreensíveis de outras culturas, como produtos derivados de concepções errôneas do mundo. [Frazer trata a magia como erro por considerá-la como derivada de um estágio pré-científico da mente do selvagem (GB-p.61)] Wittgenstein rejeita a idéia de explicar teoricamente os atos cerimoniais, assim como que se possa confundir 'explicação' com esclarecimento

¹³ -Para esclarecer o tipo de preocupação peculiar de Wittgenstein, assim como para mostrar que o tom de suas críticas não é epistemológico, vale a pena citar uma observação acerca das ciências naturais (incluindo a física e seu paradigma mais aceito): "What a Copernicus or a Darwin really achieved was not the discovery of a true theory but of a fertile point of view." (CV-1937, p. 18e)

de suas origens.¹⁴ A diferença entre Frazer e os primitivos é que a magia destes é outra¹⁵, e a bem da verdade, acrescenta com ironia Wittgenstein, os últimos seriam mais capazes de distinguir entre magia e técnica, pois a flecha enfeitiçada não deixa de portar uma ponta afiada e uma boa dose de veneno.¹⁶ Em outros termos, Frazer ao pretender explicar cientificamente o comportamento primitivo, nada faria além de se movimentar no interior de um mito antropológico.¹⁷ Freud, a seu turno, representa um caso todo especial, sensivelmente mais complexo, pois ele não é apenas um simples prisioneiro de um tipo particular de mitologia (como

¹⁴ -"Wittgenstein does not repudiate the possibility of causal explanation in anthropology. He merely denies their ubiquitous applicability to all questions. How a ritual ceremony developed is one question. What it means is another." (Baker & Hacker-1983, p. 304)

¹⁵ -"The nonsense here is that Frazer represents these people as if they had completely false (even insane) idea of the course of nature, whereas they only possess a peculiar interpretation of the phenomena. That is, if they were to write it down, their knowledge would not differ fundamentally from ours. Only their magic is different." (GB,p. 73-4)

¹⁶ -"The same savage, who stabs the picture of this enemy apparently in order to kill him, really builds his hut out of wood and carves his arrow skillfully and not in effigy." (GB,p. 64)

¹⁷ -Frazer seria vítima de seu preconceito de encontrar ciência por toda parte, ele se mostraria incapaz de abstrair as referências culturais de sua época, e por isso recebe da parte de Wittgenstein uma crítica fulminante: "Frazer is much more savage than most of its savages, for they are not as far removed from the understanding of a spiritual matter as a twentieth-century Englishman. His explanations of primitive practices are much cruder than the meaning of these practices themselves." (GB,p. 68)

Frazer), mas principalmente um criador moderno de mitos. (LA,p.51) Em outros termos, as objeções de Wittgenstein a Frazer e a Freud relacionam-se menos com o conteúdo de suas teorias, e focalizam principalmente suas ambições explicativas, e a correlata busca preferencial de causas em detrimento de razões (em situações onde razões fossem aceitáveis e suficientes). (Cioffi-1990,p.13) Antes, porém, de nos incumbirmos dos pontos suscitados pela crítica de Wittgenstein a Freud, parece importante situar melhor o contexto filosófico convocado pelas observações, considerando inicialmente alguns tópicos da sua obra inaugural, publicada em 1921, o *Tractatus Logico-Philosophicus* (TLP).

Duas ressalvas, no entanto, impõem-se. De um lado não temos qualquer pretensão de reproduzir uma visão de conjunto da intrincada (e elegante) trama argumentativa desse livro ímpar na história da filosofia (TLP) e, de outro, não tencionamos tomar partido na discussão sobre a (des)continuidade existente em relação aos escritos posteriores do autor, uma vez que nosso argumento independe por completo da resolução deste problema. Nosso objetivo aqui é bem delimitado, trata-se de estabelecer um primeiro contexto para o entendimento tanto das críticas de Wittgenstein a Freud, como daquelas dirigidas às suas próprias concepções anteriores¹⁸, havendo inclusive, por assim dizer, certa semelhança entre ambas.

Logo no prefácio do TLP encontramos uma espécie de síntese das preocupações filosóficas de Wittgenstein, na afirmação

¹⁸-Lembrar o desejo manifestado por Wittgenstein de que a edição das "Investigações Filosóficas" contivesse também o "TLP" em sua íntegra, como uma espécie de pano de fundo dos problemas visados.

cabal de que: "O livro trata dos problemas filosóficos e mostra - creio eu - que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica de nossa linguagem. Poder-se-ia talvez apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: o que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar." (prefácio-TLP,p.131) Nesse sentido, o limite à própria atividade do pensar vai ser buscado correlativa (e estritamente) no interior da linguagem. (ibid.) A tarefa nada tem de empírica, pois por linguagem devemos entender aqui todas as linguagens possíveis, sendo o mundo como ele é. A tentação de ultrapassar esses limites conduziria inevitavelmente ao absurdo: "A maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contra-sensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessa espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contra-senso. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem. # (São da mesma espécie que a questão de saber se o bem é mais ou menos idêntico ao belo.) # E não é de admirar que os problemas mais profundos não sejam propriamente problemas. " (4.003-TLP,p.165) Não se segue do TLP nenhum sistema. A filosofia, no entender do filósofo austriaco, deve cumprir uma função puramente negativa (ou seja, deve-se limitar ao esclarecimento da natureza das confusões) e, do ponto de vista formal, deve consistir apenas de comentários. O preceito metodológico contrário à metafísica especulativa aparece com todas as letras próximo ao final do livro: "Para uma resposta que não se pode formular, tampouco se pode formular a questão. # O enigma não existe. # Se uma questão se pode em geral

levantar, a ela também se pode responder." (6.5-TLP,p.279)

Toda a elaboração do TLP tem como fundamento a postulação de um isomorfismo entre mundo e linguagem, sendo o elemento comum a ambos a forma lógica, como atesta a seguinte proposição: *"A lógica não é uma teoria, mas uma imagem especular do mundo. # A lógica é transcendental."* (6.13-TLP,p.261) Do mesmo modo existe no TLP uma concepção pictográfica da proposição, isto é, ela se constitui na imagem do fato que descreve.¹⁹ Uma das principais consequências desse tipo de formulação é o interdito radical à existência de uma meta-linguagem, que descreva o *modus operandi* da linguagem, sua forma lógica: *"A proposição não pode representar a forma lógica, esta forma se espelha na proposição. # O que se espelha na linguagem, esta não pode representar. # O que se exprime na linguagem, nós não podemos representar por meio dela. A proposição mostra a forma lógica da realidade. # Ela a exhibe."* (4.121-TLP,p.179) Além do mais, como o entendimento da linguagem corrente depende de um sem número de complicadas convenções implícitas, sua lógica figurativa jamais é acessível de imediato. (4.002-TLP,p.165)

Finalmente vale a pena mencionar, ainda que de passagem, certas observações de Wittgenstein acerca do campo das proposições significativas, no sentido de melhor delinear-lo, e de estabelecer em seu interior a posição relativa das ciências naturais. De maneira esquemática, temos o âmbito do sentido (*Sinn*) e o do absurdo (*Unsinn*), a ciência pertencendo ao primeiro, sem no

¹⁹ -"Para entender a essência da proposição, pensemos na escrita hieroglífica, que afigura os fatos que descreve. # E dela proveio a escrita alfabética, sem perder a essência da afiguração."
(4.016-TLP,p. 169)

entanto abarcá-lo por completo, dividindo-o assim com outros enunciados gramaticais (por exemplo, aqueles do domínio da estética). A gramática (no sentido filosófico de Wittgenstein) seria o campo das relações de sentido. Novamente Wittgenstein pergunta-se pelos limites do inquerito (onde parar), bem como pelos preconceitos situados na base de uma concepção científica do mundo: *"Não há coerção em virtude da qual, porque algo aconteceu, algo mais deva acontecer. Só há necessidade lógica."* (6.37-TLP,p.273) *"Toda a moderna visão do mundo está fundada na ilusão de que as chamadas leis naturais sejam as explicações dos fenômenos naturais."* (6.371-TLP,p.273) Assinalando com mais ênfase a pequena proporção de fatos (humanamente) relevantes incluídos no domínio das ciências, Wittgenstein remete ao campo da ética: *"Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados. É certo que não restará, nesse caso, mais nenhuma questão; e a resposta é precisamente essa."* (6.52-TLP,p.279) E na medida em que o sentido do mundo deve estar fora dele (6.41-TLP,p.275), a ética é por excelência o território do indizível, não havendo proposições éticas. (6.42-TLP,p.275) Nos termos do próprio Wittgenstein: *"É claro que a ética não se deixa exprimir. # A ética é transcendental. # (Ética e estética são uma só)."* (6.421-TLP,p.277) Antecipa-se parcialmente nessa articulação o procedimento de Wittgenstein em relação à psicanálise freudiana. A crítica, em termos lógicos e estéticos, nada faz além de apontar para sua dimensão essencialmente ética. Assim como a ética e a estética, também a lógica é transcendental (6.13-TLP,p.261), e isto significa que as mesmas não podem ser confirmadas ou

refutadas pela experiência (6.1222-TLP,p.257), na medida em que as sentenças lógicas são desprovidas de conteúdo proposicional. Alternativamente, de modo mais apropriado, como bem ilustram as seguintes palavras de Haller: *"Elas estão além dos julgamentos de fato. Todavia, as proposições lógicas e éticas têm uma conexão com o mundo, que vai além da obtenção ou não de um estado de coisas: as sentenças lógicas apresentam a estrutura esquelética do mundo; as sentenças éticas expressam valores absolutos."* (Haller-1990, p.101) Em suma, toda a construção do TLP apóia-se na distinção essencial entre dizer e mostrar, base da concepção pictográfica da proposição adotada por Wittgenstein nesse momento.

Apesar da crítica do filósofo vienense não ser propriamente epistemológica, o fisicalismo de Freud (i.e., a adoção da física como modelo ideal de ciência) vai ser alvo constante de suas ponderações críticas. Procuraremos investigar se Freud de fato postula a realidade de "objetos mentais" nos moldes dos objetos físicos ou se eles não passam apenas de uma forma de expressão. Em outros termos, cumpre verificar se o dualismo freudiano é ontológico ou epistemológico. Para tanto, examinaremos tanto a natureza do determinismo adotado por Freud, como o modelo de causalidade presente na teoria psicanalítica. Wittgenstein aponta principalmente para as virtuais confusões gramaticais, atinentes às regras e contextos de uso, cometidas por Freud, ou seja, para a insuficiente distinção entre alguns pares de termos aparentados. Dentre eles os mais significativos parecem ser: **causa e razão**, decorrente do uso ambíguo da expressão indagativa "por que?" (causa seria algo determinável pelo método empírico e jamais apreensível *per se*, enquanto razão - ou motivo - revela-se

imediatamente acessível, dentro de um encadeamento teleológico); lei e regra, sendo a primeira do campo das ciências naturais, sem representar contudo um esclarecimento dos fenômenos; quanto ao segundo termo, atenção especial é concedida não só ao seu significado, mas também às conseqüências diversas de se seguir regras; hipótese e descrição suplementar, de domínio respectivamente científico e estético e, portanto, refutável no primeiro caso (a verdade ou a falsidade relacionada com a concordância ou não com um determinado estado de coisas), mas apenas interessante, atraente, ou não no segundo²⁰; descoberta e a boa maneira de representar um fato, relacionado ao erro filosófico mais comum, predicar da coisa aquilo que reside no modo de figuração; e *last but not least* a indevida derivação de uma dotação generalizada de sentido a partir da firme crença freudiana no determinismo psíquico.

A interpretação de sonhos, indiscutivelmente um dos pilares do arcabouço teórico freudiano, é talvez onde a especificidade da crítica de Wittgenstein seja mais evidente. Não apenas o método é contestado - ainda que ele possa produzir resultados interessantes por vezes -, mas também o procedimento interpretativo em si mesmo, na medida em que implica em tomar o sonho como fragmento de uma totalidade subjacente, embora oculta. Presente justamente na articulação entre certas concepções freudianas: seu ideal de completude, correlativo da definição do ato de interpretar sonhos²¹; a existência de uma instância psíquica

²⁰ -A explicação estética destina-se a resolver a perplexidade do sujeito. Está sempre correta aquela que satisfaz a essa condição.

²¹ -Wittgenstein não aceita a convergência do método freudiano da

responsável pela censura, isto é, pelo aspecto fragmentário e enigmático dos sonhos e a precedência de determinados sentidos, basicamente aqueles concernentes aos desejos sexuais infantis, situados por detrás das cortinas e constituindo o assim denominado conteúdo latente. Para Wittgenstein, no entanto, de outra perspectiva, nada impede de tomar o sonho como criação do próprio processo interpretativo. Não haveria, portanto, a revelação de um sentido prévio e oculto, contudo a produção de um novo sentido (ressignificação) pela sua inclusão em outro contexto.²² Por outro lado, no cerne da interpretação de sonhos deve obrigatoriamente estar situada a noção psicanalítica de simbolismo onírico, que guarda semelhanças com uma linguagem, visada por Wittgenstein em seu inevitável caráter sexual. A crítica do filósofo desdobra-se em três pontos: a) na falta de uma conexão necessária (percebe-se associação livre, que conduz paradoxalmente sempre aos mesmos resultados, isto é, à explicação em termos de desejos infantis. Essa monotonia seria devida à fixação de Freud numa certa medida, que ele pretende estender para todos os casos. A seguinte passagem evidencia o tipo de preocupação de Wittgenstein: "What I am opposed to is the concept of some ideal exactitude given us 'a priori', as it were. At different times we have different ideals of exactitude; and none of them is supreme. (CV-1940,p. 37e)

²²—"Recounting a dream, a medley of recollections. These often form a significant whole. They form, as it were, a fragment that makes a powerful impression on us (sometimes anyway), so that we look for an explanation, for connections. # But why did just these recollections occur now? Who can say? - It may be connected with our present life, and so too with our wishes, fears, etc. - But do you want to say that this phenomenon can only exist in these particular causal surroundings? - I want to say it does not necessarily have to make sense to speak of discovering its cause. (CV-1949,p. 83e)

aí o *pathos* lógico) coloca-se uma hipótese genética; b) Freud comporta-se como se tivesse apreendido o símbolo por meio de uma definição ostensiva (ou seja, não exhibe dúvidas em sua identificação); c) o símbolo parece depender de uma assimilação preliminar ao sintoma para ser esclarecido.

Um dos pontos mais significativos da elaboração filosófica de Wittgenstein após o TLP relaciona-se com a indicação do modo pelo qual aderimos a certas imagens - pois de alguma forma elas satisfazem-nos-, e o seu uso no cotidiano. Um ótimo exemplo é fornecido pela seguinte autocrítica: "*I once said that a proposition is a picture of reality. This might introduce a very useful way of looking at it, but it is nothing else than saying, I want to look at it as a picture.*" (AWL, p.108n.) Em outros termos, não se trata de forma alguma de postular qualquer correspondência com a realidade, mas simplesmente de introduzir uma regra de descrição; a linguagem, para Wittgenstein, é ferramenta ao invés de espelho²³. Bouveresse, a partir da citação acima, observa que ela seria similar à objeção à tese freudiana do sonho como realização de desejos, pois estabelece uma maneira de ver. (1991, p.63) Isto significa a impossibilidade de justificar racionalmente, em última instância, a adoção de um sistema de referências: "*A une théorie de la croyance religieuse du genre de*

²³ -"It is pictures rather than propositions, metaphors rather than statements, which determine most of our philosophical convictions. The picture which holds traditional philosophy captive is that of the mind as a great mirror, containing various representations - some accurate, some not - and capable of being studied by pure, nonempirical methods. Without the notion of the mind as mirror, the notion of knowledge as accuracy of representation would not have suggested itself." (Rorty-1980, p. 12)

celle de Freud, on pourrait donc objecter qu'un système de référence que l'on décide d'adopter pour juger la réalité ne peut, de tout façon, être lui-même évalué en fonction de sa correspondance avec la réalité. Il se peut que l'adoption du système en question ressemble effectivement, en l'occurrence, à une affaire de passion beaucoup plus que de raison." (ibid.,p.30) O enfoque recai sobre o fenômeno de adesão a determinados quadros alçados em seguida à posição de referência. Contudo o tema não visa apenas ilustrar a influência de um certo convencionalismo em matéria de verdade/falsidade das proposições. O essencial está vinculado aqui à aceitação pronta de todo um sistema: "But I did not get my picture of the world [Weltbild] by satisfying myself of its correctness; nor do I have it because I am satisfied of its correctness. No; it is the inherited background against which I distinguish between true and false. The propositions describing his world-picture might be part of a kind of mythology." (C,p.15e) E nada melhor para exemplificar esse ponto de vista do que a seguinte representação consagrada: "The picture of the earth as a ball is a good picture, it proves itself everywhere, it is also a simple picture- in short, we work with it without doubting it." (ibid.,p.22e) A frase final define em termos operacionais o significado das imagens que nos cativam²⁴, sua exclusão do campo da dúvida, não por um suposto caráter de auto-evidência, mas porque de algum modo essas nos fascinam.

24-A propósito do poder de aprisionamento de certos quadros, e de seu caráter insistente, afirma Wittgenstein: "Uma 'imagem' nos mantinha presos. E não pudemos dela sair, pois residia em nossa linguagem, que parecia repeti-la para nós inexoravelmente." (PI,p. 54)

Para Wittgenstein, toda a filosofia, assim como a psicanálise (circunscrita ao domínio do relato), movimenta-se exclusivamente no campo das palavras, não lida com fatos do mundo, mas com formas de expressão. Ela não investiga a realidade, nada descobre, nada acrescenta ao mundo, e a rigor "a filosofia deixa tudo como está." (PI,p.56) A citação a seguir é particularmente esclarecedora: "*The fallacy we want to avoid is this: when we reject some form of symbolism, we are inclined to look at it as though we had rejected a proposition as false. It is wrong to treat the rejection of a unit of measure as though it were rejection of the proposition 'The chair is three feet high than two'. This confusion pervades all of philosophy. It is the same confusion that considers a philosophical problem as though such a problem concerned a fact of the world instead of a matter of expression.*" (AWL,p.69) Na verdade, usar o termo "problema" em filosofia já constitui outra fonte de confusão, porque tanto podemos entendê-lo no sentido matemático, e nesse caso o termo "solução" tem uma denotação específica (bem delimitada), como no sentido cotidiano, de "qualquer questão que dá margem a hesitação ou perplexidade, por difícil de explicar ou de resolver". (Holanda-1975,p.1140) Wittgenstein consegue sutilmente tomar partido, utilizando a alternativa oferecida pelo idioma inglês: "*The very word 'problem', one might say is misapplied when used for our philosophical troubles. These difficulties, as long as they are seen as problems, are tantalizing, and appear insoluble.*" (BlB,p.46) Por outro lado, ele tenciona mais propriamente a dissolução desses falsos problemas, decorrentes da insuficiente compreensão da lógica da linguagem, ou em seus termos: " pois os

problemas filosóficos nascem quando a linguagem entra em férias."

(PI,p.27)

Em linhas gerais, podemos afirmar que a filosofia de Wittgenstein, pós-TLP, caracteriza-se por, entre outros aspectos: a) uma posição marcadamente anti-dogmática²⁵; b) abandono das idéias de "essência"²⁶ e "ideal"²⁷; c) repúdio do anseio pela generalidade; d) diferenciação metodológica clara em relação às ciências²⁸; e) ausência de propósito explicativo, a filosofia deve

limitar-se às descrições²⁹ e desse modo rejeitam-se teorias em

²⁵ "Só podemos evitar a injustiça ou o vazio de nossas afirmações, na medida em que apresentamos o modelo como aquilo que ele é, ou seja, como objeto de comparação- por assim dizer, como critério; e não como pré-juízo, ao qual a realidade 'deva' corresponder. (O dogmatismo, no qual tão facilmente caímos ao filosofar.)"

(PI,p. 57)

²⁶ "Principalmente de uma essência da linguagem, crítica direta ao TLP. Não haveria por assim dizer uma 'superordem' entre superconceitos: "Enquanto que as palavras 'linguagem', 'experiência', 'mundo', se têm um emprego, devem ter um tão humilde quanto as palavras 'mesa', 'lâmpada', 'porta'." (PI, p. 51)

²⁷ "O ideal está instalado definitivamente em nossos pensamentos. Você não pode se afastar dele. Deve voltar sempre a ele. Não há nenhum lá fora; lá fora falta o ar. - De onde vem isso? A idéia é como óculos assentados sobre o nariz e o que vemos, vemos através deles. Nem nos ocorre a idéia de tirá-los." (PI,p. 52)

²⁸ "Our craving for generality has another main source: our preoccupation with the method of science. (...) Philosophers constantly see the method of science before their eyes, and are irresistibly tempted to ask and answer questions in the way science does. This tendency is the real source of metaphysics, and leads philosophers into complete darkness." (BLB,p. 18)

²⁹ "(Instead of turbulent conjectures and explanations, we want to give quiet demonstrations /statements/ of linguistic facts/ about

matéria filosófica; f) enfoque da linguagem em seus usos cotidianos³⁰, prescindindo das noções associadas a algo mental na definição do "significado"³¹; g) luta contra a mitologia presente na linguagem³². Tal como no ILP, o escopo da filosofia continua sendo definido em termos negativos: tanto quanto possível a filosofia deve evitar erigir sistemas. Da mesma forma, a incessante busca de clareza permanece como característica saliente do pensar de Wittgenstein. A respeito das mudanças, a lógica perde sua conotação metafísica, havendo entretanto o risco da constituição de uma nova mitologia, aquela do "uso", na medida em que este seja tomado como algo presente de uma vez por todas. (McGuinness-1987, p.43)

linguistic facts.) We want the quiet noting of linguistic facts." (BT, p. 19) "Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição." (PI, p. 54)

³⁰ - "Nós reconduzimos as palavras de seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano." (PI, p. 55)

³¹ - "The meaning of a phrase for us is characterized by the use we make of it. The meaning is not a mental accompaniment to the expression." (BLB, p. 65) "(...) a significação de uma palavra é seu uso na linguagem." (PI, p. 28)

³² - Wittgenstein adverte-nos a respeito das confusões advindas de analogias presentes na linguagem, e.g. o fato de utilizarmos a expressão "medir" tanto para distância como para tempo. O risco equivale a procurar leis onde existem apenas regras (isto é, no domínio da linguagem). (BLB, p. 26-7) Por esse motivo, ele define em termos negativos a filosofia: "Philosophy, as we use the word, is a fight against the fascination which forms of expression exert upon us." (ibid.) Definição repetida posteriormente quase com as mesmas palavras: "A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento pelos meios de nossa linguagem." (PI, p. 54)

Por outro lado, devemos ressaltar a recusa por parte de Wittgenstein da noção de profundidade, tanto no plano filosófico como gramatical, isto é, a aparência de profundidade no primeiro caso decorre da incompreensão de regras gramaticais (não há no plano gramatical uma regra especial que fundamente todas as demais. Elas não diferem entre si em matéria de status): *"Os problemas que nascem de uma má interpretação de nossas formas lingüísticas têm o caráter de profundidade. São inquietações profundas; estão enraizadas tão profundamente em nós quanto as formas de nossa linguagem, e sua importância é tão grande como a de nossa linguagem. -Perguntemo-nos: por que sentimos uma brincadeira gramatical como profunda? (E isto, com efeito, é a profundidade filosófica.)"* (PI,p.54) Seu projeto exclui radicalmente qualquer modificação da linguagem usual (pois não há problemas com ela³³), assim como promove o banimento da noção de enigma, ligada ao insondável por excelência: *"A filosofia não deve, de modo algum, tocar no uso efetivo da linguagem; em último caso, pode apenas descrevê-lo. Pois também não pode fundamentá-lo. A filosofia deixa tudo como está."* (PI,p.56) e *"A filosofia simplesmente coloca as coisas, não elucida nada e não conclui nada. -Como tudo fica em aberto, não há nada a elucidar. Pois o que está oculto não nos interessa. Pode-se chamar de 'filosofia' o que é possível antes de todas as novas descobertas e invenções."* (PI,p.57)

Não é muito difícil derivar das observações acima um
³³ *"-Philosophy may in no way interfere with the real /actual/ use of language/... with what is really said/; it can in the end only describe it. # For it cannot give it any foundation either. # It leaves everything as it is."* (BT,p. 11)

ponto de discordância entre Freud e Wittgenstein, afinal a psicanálise também é chamada de 'psicologia da profundez'. (Freud, XXIII, p.284) A interpretação psicanalítica visa justamente aquilo que se esconde por detrás das aparências, aquele insólito objeto que furtivamente se subtrai à observação, protegido por uma suposta censura; assim, não é de se estranhar que a crítica de Wittgenstein seja destinada à noção de pensamento do sonho. Ele retira dela qualquer pretensão realista, derivando-a do processo interpretativo. Afinal o conteúdo latente pode ser, a rigor, qualquer um. Toda a óptica psicanalítica estaria apoiada numa forma muito peculiar de intencionalidade, na medida em que a noção de intenção é estendida ao inconsciente. Assim, dois níveis semânticos são simultaneamente constituídos, havendo entre ambos uma relação de determinação unilateral, onde a primazia é concedida ao "profundo". Bem, Wittgenstein não apenas contesta ser o 'significado' algo mental, como aponta para uma confusão gramatical: o fato de 'dizer' e 'significar' (*to say and to mean*) possuírem a aparência de processos paralelos. (BrB, p.35) Além disso, a frase usual "*I mean what I say*" parece ser tomada como um caso particular de "*By saying 'A' I mean 'B'*", quando mais propriamente ela expressa a inexistência de explicação para o proferimento.³⁴ (BrB, p.161) Uma outra aproximação possível, embora claramente superficial, relaciona-se com as metáforas terapêuticas empregadas por Wittgenstein (tanto quanto o de Freud, seu trabalho visa destruir ilusões): "*O filósofo trata uma questão como uma*

³⁴ -Lembrar a incisiva advertência da Falsa Tartaruga de Lewis Carroll (*Alice's Adventures in Wonderland*): "*I mean what I say,*" the Mock Turtle replied in an offended tone." (p. 79)

doença." (PI,p.97) e "Uma causa principal das doenças filosóficas—dieta unilateral: alimentamos nosso pensamento apenas com uma espécie de exemplos." (PI,p.156-7) Na opinião de Wittgenstein, Freud inova em sua maneira de ver as coisas, mas é desencaminhado pelas próprias metáforas e torna-se prisioneiro de uma determinada imagem (**Bild**)³⁵. A partir daí, passa a pleitear exclusividade para sua interpretação.

Para reforçar a diferença de posição entre Wittgenstein e Freud, vale a pena mencionar o descontentamento do primeiro com a ingerência da ciência em assuntos vitais. Para o segundo, por outro lado, é nítida a intenção de tratar aspectos semânticos de forma científica. Wittgenstein acredita que a ciência está assumindo proporções de uma mitologia moderna, na medida em que somente o 'selo' científico parece fornecer uma aura de seriedade e respeitabilidade para enunciados de quaisquer saberes, estabelecendo assim condições propícias para uma irrestrita aceitação. McGuinness expõe com propriedade a visão de Wittgenstein: "All the moral and social problems that we faced were not even touched by science. Not that there was anything wrong with science, only with its status in our culture." (1987,p.39) Voltaremos ao tema um pouco adiante, procurando identificar quais seriam de fato os preconceitos cientificistas de Freud, após lidar com um tema correlato: sua pretensão explicativa.

³⁵ -As analogias presentes no usos lingüísticos são enganadoras porque não são reconhecidas enquanto tais. Assim, Wittgenstein esclarece seu procedimento filosófico da seguinte maneira: "(...) I must always point to an analogy according to which one had been thinking, but which one did not recognize as an analogy." (BT,p. 6)

A discussão da crítica de Wittgenstein a Freud no presente trabalho não visa de modo algum desvalorizar a obra do criador da psicanálise. Pelo contrário, nosso interesse recai sobre a especificidade freudiana, como atestam os capítulos subsequentes, dedicados ao exame da concepção lingüística de Freud. Por outro lado, compartilhamos da seguinte opinião de Assoun: "*Nous verrons que cette critique a pour le moins la vertu de désigner des points particulièrement sensibles de l'économie théorique freudienne.*" (1988,p.26) De certa forma, as observações de Wittgenstein apontam três grandes problemas relacionados à ambição explicativa de Freud. O primeiro diz respeito ao campo de fenômenos escolhido, onde qualquer projeto explicativo seria equivocado por natureza³⁶, na melhor das hipóteses poder-se-ia falar em esclarecimento. O segundo ponto é atinente à preferência manifesta de Freud por causas, em detrimento de razões (estas últimas entendidas no sentido de Wittgenstein, de descrições suplementares). (Cioffi-1990,p.13) Em terceiro lugar, a empresa freudiana teria como característica a tendência a buscar explicações unitárias dos fenômenos, restringindo assim drasticamente o espectro das significações possíveis de alguns deles, por exemplo sonhos e chistes. Freud faria isso através de duas suposições questionáveis: a existência de algo comum entre tudo aquilo que jaz sob a mesma denominação, e crença de que esse algo comum seria o significado. (Bouveresse-1991,p.114)³⁷

³⁶ -Exemplificando a objeção de Wittgenstein: "Freud does something which seems to me immensely wrong. He gives what he calls an interpretation of dreams." (LA,p. 29)

³⁷ -Cf. a discussão presente nas Investigações Filosóficas sobre o

Como eixo de articulação entre esses aspectos, podemos mencionar o lugar ocupado pelo passado na teoria freudiana, onde se salienta o peculiar procedimento da retrodição psicanalítica. Este sempre funciona não somente como quadro referencial dos acontecimentos, mas também como uma suposta causa eficiente, imponderável até o momento da ocorrência. Ou mais propriamente, nele estaria situado um hipotético ponto de convergência remoto, reduto da causalidade e da significação. Nas palavras de Cioffi, encontramos a sugestão de tomar o passado no sentido de contexto, permitindo assim esclarecimentos em detrimento de explicações: *"The past can figure in psychoanalytic discourse in a way other than of a speculative causal antecedent of a current proclivity. It may stand to the present not just as a putative influence determining or conditioning it, but as that which confers on our current anticipations, apprehensions and demands which makes them what they are."* (1991,p.191) O reparo de Cioffi aponta para a discussão do modelo de causalidade e do tipo de determinismo envolvidos na teoria freudiana, seguramente um dos pontos cruciais da divergência entre Wittgenstein e Freud, que será contemplado adiante.

A outra face do estilo explicativo freudiano está relacionada a sua incessante busca de generalidade, que poderia ser traduzida pelas posturas de desconforto diante da diversidade e da complicação e de satisfação provocada pelas explicações que haveria de comum entre todos os jogos, a consideração de diferentes jogos não traria uma delimitação conceitual precisa, mas revelaria: "(...) uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor." (PI,p. 38-9)

unitárias. (Bouveresse-1973,p.189) Haveria, por assim dizer, uma conexão íntima entre o desejo de generalidade, o essencialismo (a essência entendida como o elemento comum a todas as produções do mesmo tipo, por exemplo, os lapsos - tal como o significado) e a obsessão por um modo único de representação. (ibid.,p.229)

Wittgenstein explicita sinteticamente sua objeção à *Traumdeutung*:
"It is probable that there are many different sorts of dreams and that there is no single line of explanation for all of them. Just as there are many different sorts of jokes. Or just as there are many different sorts of language." (LA,p.47-8)

No livro conhecido como *The Blue Book*, ao introduzir a idéia de jogos de linguagem (nesse contexto referida às linguagens mais primitivas, assim como aquelas formas utilizadas pela criança que começa a lidar com as palavras), Wittgenstein analisa a raiz das dificuldades de se seguir seu estilo de investigação. A principal delas seria o nosso habitual apelo por generalidade, ponto de confluência de diversas confusões filosóficas: *"a) The tendency to look for something in common to all entities which we commonly subsume under a general term. (...) The idea of a general concept being a common property of its particular instances connects up with other primitive, too simple, ideas of the structure of language. It is comparable to the idea that properties are ingredients of the things which have the properties; e.g. that beauty is an ingredient of all beautiful things as alcohol is of beer and wine, and that we therefore could have pure beauty, unadulterated by anything that is beautiful. b) There is a tendency rooted in our usual forms of expression, to think that the man who has learnt to understand a general term, say, the term 'leaf', has thereby come to possess a kind of*

general picture of a leaf, as opposed o pictures of particular leaves. (BlB,p.17-8) Outras duas tendências estariam no cerne das objeções de Wittgenstein. A primeira refere-se à relação entre a idéia geral suposta e um estado mental, onde o significado é visto como algo mental; a outra, à tentação de se estender a utilização dos métodos das ciências naturais à filosofia e, por que não acrescentar, à psicologia. (ibid.) É aqui que se enfoca o cientificismo de Freud, tal como é considerado por Wittgenstein.

Com o intuito de melhor delinear a natureza de suas críticas, parece digno de nota contrapô-las às posições de dois outros autores que viveram em Viena e igualmente contrários à psicanálise. Karl Popper³⁸ e Karl Kraus. Segundo Janik: "*For the former psychoanalysis was dangerous because it could not be tested; whereas, for the latter the idea that scientific investigation could penetrate the depths of human nature was abhorrent.*" (Janik-1989,p.190) Os dois não reconheceram méritos no trabalho de Freud, conseqüentemente suas atitudes são indicativas de um repúdio global às formulações psicanalíticas. A despeito da virtude de trazer à tona virtuais problemas da teoria freudiana, suas críticas pouco contribuem para um melhor entendimento de seu aspecto inovador. Ao contrário, Wittgenstein interessa-se justamente pela especificidade do dispositivo psicanalítico e, assim, a crítica, portanto, reveste-se de um caráter igualmente mais fecundo e contundente. O problema de Freud seria não ter compreendido a natureza de sua própria empresa, o que a tornou

³⁸ -Popper considerava a psicanálise uma teoria pré-científica que poderia contribuir, através de seu aparato conceitual, para a constituição de uma ciência.

repleta de anfibologias: "Il soupçonne ouvertement Freud de faire, sous le nom de 'science' et au nom de la 'science', de la (mauvaise) philosophie, c'est-à-dire d'ériger en vertus scientifiques les vices le plus caractéristiques du comportement philosophique ordinaire." (Bouveresse-1991,p.137) Freud utilizaria fórmulas semelhantes a das ciências, o que nesse contexto não deixaria de comportar um elemento de persuasão: "Le psychanalyste qui affirme que le rêve est la réalisation déguisée d'un désir n'effectue pas une identification théorique du genre de celles que la science nous a rendues familières, comme par exemple celle qui a lieu entre l'eau et H₂O." (ibid.,p.139) ³⁹

Estão em jogo o modelo ideal de ciência e o apelo à utilização de métodos científicos onde eles não se aplicam. Não por acaso as "Conversações sobre Freud" iniciam-se criticando a postulação implícita de um paralelismo entre a física e a psicologia: "When we are studying psychology we may feel there is something unsatisfactory, some difficulty about the whole subject of study- because we are taking physics as our ideal science. We think of formulating laws as in physics. And then we find we cannot use the same sort of 'metric', the same ideas of

³⁹ -Em suma, na opinião de Wittgenstein, Freud teria tomado uma extensão de conceito por descoberta: "Why shouldn't I apply words in ways that conflict with their original usage? Doesn't Freud, for example, do this when he calls even an anxiety dream a wish-fulfilment dream? Where is the difference? In a scientific perspective a new usage is justified by a theory. And if this theory is false, the new extended use has to be given up. But in philosophy the extended use does not rest on true or false beliefs about natural processes. No fact justifies it. None can give it any support." (CV-1944,p. 44e)

measurement as in physics." (LA,p.42) Freud estaria à procura de leis mais fundamentais que governariam o funcionamento do psiquismo, visando unificar toda aparente diversidade, permitindo desse modo generalizações (ou seja, a constituição de uma teoria explicativa). À seu turno, Wittgenstein recusa a redução de uma coisa a outra, bem como a explicação em matéria filosófica. (BlB,p.18) Mas desde que Freud pretende estar fazendo ciência, onde se dá embate? O problema assume a seguinte feição: será possível tratar com os métodos das ciências naturais o campo semântico? Isto é, quando Freud formula um "por que?", as respostas visadas são causas ou razões? Wittgenstein, sem hesitação, opta, como bem assinala Cioffi, por atribuir à explicação psicanalítica um caráter estético⁴⁰.

Diversos comentadores da controvérsia suscitada pela crítica de Wittgenstein ao criador da psicanálise atribuíram uma posição de destaque à suposta confusão freudiana entre causas e razões. Do ponto de vista do filósofo vienense, o termo razão tem um sentido específico, de uma descrição suplementar, e pertence ao campo das explicações estéticas. Entretanto a questão tem outras facetas, tornando necessário um esclarecimento contextual mais detalhado. Em *The Blue Book*, aponta-se o uso ambíguo da expressão "why" como fonte inspiradora de confusões filosóficas, acrescentando-se a seguinte observação: "*The difference between the grammars of 'reason' and 'cause' is quite similar to that*
⁴⁰ - "Wittgenstein is maintaining that we have a tendency to ask for explanations of our experience when we really want are further descriptions which may confer blatancy on that was immanent to it. The natural form of much aesthetic enquiry is 'What does it mean to me?' rather than 'What are its causes?'" (Cioffi-1990,p. 20)

between the grammar of 'motive' and 'cause'. Of the cause one can say that one can't know it but only conjecture it. On the other hand one often says: 'Surely I must know why I did it' talking of the motive. When I say: 'we can only conjecture the cause but we know the motive' this statement will be seen later on to be a grammatical one. The 'can' refers to a logical possibility." (BlB,p.15) De certa forma a acusação contra Freud seria a de obscurecer a diferença entre problemas que requerem investigação e aqueles passíveis de resolução mediante simples reflexão. (Cioffi-1991,p.185) Bouveresse resume a suposta confusão assim: *"En d'autres termes, Freud traite la raison comme une cause, en supposant qu'elle peut être conjecturée par une procédure de type scientifique et confirmée à la fin par l'acquiescement du sujet qui la reconnaît comme ayant été effectivement sa raison; et il traite la cause comme une raison, en supposant que les causes qu'il recherche peuvent être connues de la deuxième façon, qui n'a rien à voir avec la manière dont on vérifie des hypothèses causales dans une science expérimentale."* (1991,p.85) Entretanto, como veremos adiante, Davidson alternativamente oferece uma solução plausível para a questão, ao afirmar que as razões podem (dependendo das circunstâncias) ser também causas, embora o contrário (em se tratando de eventos físicos) nunca ocorra.

Podemos vislumbrar em *Lectures on Aesthetics* a absoluta recusa de Wittgenstein em aceitar a subsunção da estética pela psicologia, estabelecendo com nitidez seus limites. As explicações estéticas destinam-se a resolver a perplexidade provocada por certas impressões, e nada tem a ver com a descoberta de leis: *"The sort of explanation one is looking for when one is puzzled by an*

aesthetic impression is not a causal explanation, not one corroborated by experience or by statistics as to how people react." (LA,p.21) Basicamente as razões cumpririam dois propósitos: a) justificar os atos pretéritos⁴¹, e nesse caso se lida com a reconstrução de uma determinada história almejando tornar os fenômenos teleologicamente inteligíveis, e b) reagrupar os fatos, aproximando dois (ou mais) elementos⁴², produzindo um novo sentido. Nas palavras de Cioffi: *"Sometimes by reasons he means just what someone says on being asked why he did what he did or reacted as he reacted, and sometimes what an experience meant to a subject on further reflection upon it- its 'further description'."* (1991,p.169)

Por um lado, existe um apelo persuasivo inerente às explicações estéticas bem sucedidas. A boa razão é sempre aquela que nos convence, operando pela atração (reclamo de verossimilhança) que comporta, ou segundo a fórmula lapidar de Wittgenstein: *"Uma boa razão é aquela que aparenta sê-lo."* (PI,p.139)⁴³ Uma ressalva merece ser formulada a respeito das justificativas, de certa forma envolvendo uma questão aparentada com as suscitadas pelas críticas à psicanálise freudiana, ela diz

⁴¹-O exemplo jurídico ilustra o ponto de Wittgenstein: *"In a law-court you are asked the motive of your action and you are supposed to know it. Unless you lie you are supposed to be able to tell the motive of your action. You are not supposed to know the laws by which your body and mind are governed."* (LA,p. 21)

⁴²-Wittgenstein sobre Freud: *"His explanation does what aesthetics does: put two factors together."* (AWL,p. 39)

⁴³-*"For only if he acknowledges it as such, is it the correct expression. (Psychoanalysis.)"* (BT,p. 7)

respeito à determinação do ponto de parada: *"The chains of reasons has an end."* (BrB,p.143) E ainda: *"But why should every step be preceded by another one?"* (ibid.,p.88) Deve sempre pré-existir um acordo tácito sobre o tipo de explicação que se requer, isto é, sobre os parâmetros envolvidos em sua aceitação ou, em outros termos, cumpre existir um fundamento (*ground*) comum constituído de modo arbitrário (*i.e.*, não intervém aí espécie alguma de necessidade lógica), mais precisamente, em situações sociais de interação. Nesse sentido, as formulações de Wittgenstein são muito esclarecedoras: *"Giving grounds, however, justifying the evidence, comes to an end;- but the 'end is not certain propositions' striking us immediately as true, i.e. it is not a kind of seeing on our part; it is our acting, which lies at the bottom of the language-game."* e *"If the true is what is grounded, then the ground is not true, nor yet false."* (C,p.28e) A psicanálise, portanto, vai ser contestada em sua pretensão de fornecer evidências em seu favor através de um procedimento intrinsecamente viciado, porquanto as interpretações psicanalíticas são engendradas por um determinado método interpretativo, em si mesmo produto de uma dada preferência estética. O fato de Freud mascarar essa opção, ao invocar uma pretensa neutralidade científica a favor de sua teoria, tem por efeito escamotear a dimensão ética do empreendimento psicanalítico.

Talvez o nó da divergência tenha sido explicitado por Wittgenstein numa de suas aulas no período de 1932-33, ao equiparar com perspicácia a questão "qual a natureza de um chiste?" a uma outra: "qual a natureza de um poema lírico?" (AWL,p.39); pois, de um lado, é perfeitamente legítimo postular a

existência de uma causa para o riso provocado e, de outro, supor o esclarecimento do porquê do riso, mas um e outro caso não se superpõem totalmente. O segundo implicaria na anuência da pessoa envolvida, o primeiro dependeria de uma investigação experimental. A pretensão freudiana em fornecer explicações seria correlativa, no entender de Wittgenstein, da postulação da noção de inconsciente como entidade hipotética, quando mais propriamente, e a despeito de 'soar como ciência', ela nada mais é, a seus olhos, do que um modo de representação. Não haveria nenhuma descoberta psicanalítica por excelência: "*New regions of the soul have not been discovered, as his writings suggest. The display of elements of a dream, for example, a hat (which may mean practically anything) is a display of similes. As in aesthetics, things are placed side by side so as to exhibit certain features.*" (ibid.,p.39-40) De certo modo, saber em que medida a psicanálise pode ser explicativa equivale a evidenciar os pressupostos envolvidos na confusão gramatical entre causa e razão que, portanto, deixaria de ocupar o papel central na discussão. Na mira de Wittgenstein está a concepção freudiana de determinismo: "*Freud asks 'Are you asking me to believe that there is anything which happens without a cause?' But this means nothing. If under 'cause' you include things like physiological causes, then we know nothing about these, and in any case they are not relevant to the question of interpretation.*" (LA,p.49) e "*Paralelo enganador: a psicologia trata de processos na esfera psíquica, como a física, na esfera física.*" (PI,p.152) Wittgenstein não aceita a oposição pura e simples entre determinado e casual, reformulando a questão em termos de uma determinação múltipla e complexa. O problema talvez

possa ser resumido da seguinte maneira: a teoria psicanalítica concerne estritamente ao campo representacional e, no entanto, na base de seu propósito explicativo encontramos a firme crença num tipo muito particular de determinismo, embora na aparência indistinto daquele relacionado aos objetos físicos. Está em jogo a questão da(s) diferença(s) ontológica e/ou gramatical entre o físico e o psíquico.

Os primeiros trabalhos de Freud, aqueles da década de 90 do século passado - principalmente *Sobre a Concepção das Afasia* (1891) e o *Projeto de uma Psicologia* (1895) - lidam expressamente com essa temática da matéria e da mente. A posição (monista) de Freud parece clara: não há diferença ontológica, mas gramatical (i.e. os eventos admitem descrições em ambos os registros), implicando tanto numa espécie de identidade, como de irreduzibilidade entre as duas esferas.⁴⁴ Nesse ponto, constatamos uma certa semelhança com a elaboração filosófica de Donald Davidson, um autor que inclusive intervém no debate suscitado pelas observações de Wittgenstein acerca da gramática de causas e razões. Davidson denomina sua própria posição de *monismo anômalo*:

⁴⁴ -Freud foi muito influenciado pela posição de Hurlers-Jackson a respeito da relação entre a psique e o sistema nervoso. A citação a seguir, extraída de "Sobre a Concepção das Afasia", revela-se ilustrativa desse ponto: "A cadeia de processos fisiológicos dentro do sistema nervoso provavelmente não mantém um nexos de causalidade (Causalität) com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam no momento em que se iniciam os psíquicos; melhor, a cadeia fisiológica continua, só que cada elo da mesma (ou alguns elos) passa a corresponder, a partir de certo momento, a um fenômeno psíquico. O psíquico é, portanto, um processo paralelo (Parallelvorgang) ao fisiológico ('a dependent concomitant')." (Freud, XIV, p. 205) (Freud-1891, p. 56-7)

"monism, because it holds that psychological events are psysical events; anomalous, because it insists that events do not fall under strict laws when described in psychological terms." (Psychology as Philosophy- 1974,p.231) Em outras palavras, a irreduzibilidade nomológica do psicológico significa a impossibilidade de um desenvolvimento das ciências sociais paralelo ao das ciências físicas, ou seja, os eventos psicológicos (o vocabulário relativo ao pensamento e à ação), na ausência de leis psico-físicas precisas - elas não existem e nem podem existir -, não constituem um sistema determinístico fechado (pelo simples fato de que o não psicológico também afeta o psicológico). (ibid.,p.230-1) Por outro lado, através do estabelecimento de ditos parâmetros de racionalidade, Davidson procura reabilitar uma idéia do senso comum : "A reason is a rational cause." (ibid.,p.233) E tendo como pano de fundo as observações de Wittgenstein, ele defende a não incompatibilidade entre explicações por causas e por razões, sem entretanto negar o caráter de redescrição das razões (i.e. elas são em certo sentido recontextualizações), mas criticando certas conclusões indevidas: "First, we can't infer, from the fact that giving reasons merely redescibes the action and that causes are separate from effects, that therefore reasons are not causes. Reasons, being beliefs and attitudes, are certainly not identical with actions; but, more important, events are often redescibed in terms of their causes. (Suppose someone was injured. We could redescibe this event 'in terms of a cause' by saying he was burned)." (Actions, Reasons, and Causes-1963,p.10) Portanto, a dificuldade principal em relação à concepção de Freud está ligada à identificação do tipo de

determinismo implicado por sua teoria assim como do significado em termos de uma causalidade decorrente da teleologia postulada para o aparelho psíquico. Testemos a consistência da teoria confrontando-a com as restrições impostas pelas críticas de Wittgenstein.

Uma breve digressão focalizando o texto de Davidson *Paradoxes of Irrationality* (1982) pode contribuir para o esclarecimento tanto da relação vigente na teoria freudiana entre o determinismo teleológico e a dotação generalizada de sentido, quanto das implicações em termos da racionalidade iluminista de Freud. Como já afirmamos anteriormente, Davidson não vê conflitos inerentes entre explicações por razões e explicações causais, na medida em que as primeiras podem incluir um elemento essencial das últimas. (Davidson-1982,p.293) Além disso, no caso da explicação por razões, isto é, aquela baseada no conceito de intencionalidade, o elemento racional estaria necessariamente presente: *"An aura of rationality, of fitting into a rational pattern, is thus inseparable from these phenomena, at least as long as they are described in psychological terms.* (ibid.,p.289) Nesse texto, Davidson inclui a teoria freudiana no rol das tentativas de explicação da irracionalidade (redução da mesma à racionalidade), isto é, a psicanálise empenhar-se-ia em mostrar que os atos irracionais são apenas aparentes, ampliando assim sensivelmente o campo dos fenômenos passíveis de serem entendidos racionalmente (e.g. lapsos, sonhos, fobias). O ponto central da argumentação é a relação entre intencionalidade e racionalidade. (ibid.,p.291) Davidson, partidário de um dualismo epistemológico⁴⁵

⁴⁵ -"If events are related as cause and effect, they remain so no

(em oposição ao dualismo ontológico), estabelece algumas condições básicas a serem cumpridas por todas as teorias que se proponham a explicar a irracionalidade, como seria o caso da psicanálise, entre outras. Vejamos como o "monismo anômalo" de Davidson brinda-nos com uma interessante possibilidade de retirar a psicanálise da mira de muitas críticas filosóficas.

Antes porém devemos relatar *en passant* o percurso de Davidson: em primeiro lugar, sua análise está centrada no caso da ação onde o agente atua contrariamente ao seu melhor julgamento, denominada por Aristóteles de *Akrasia*. [Em sua exposição, no entanto, o autor parece imputar aos gregos a noção moderna de sujeito, o que é, no mínimo, bastante problemático.] Dois princípios são convocados para delimitar a questão da factibilidade dos atos ditos irracionais: 1- Princípio de Platão (da pura racionalidade): as ações intencionais não podem ser internamente irracionais, e 2- Princípio de Medéia, onde ato e intenção não coincidem, ou seja, a pessoa somente agiria contrariamente ao seu melhor julgamento se for sobrepujada em sua vontade por uma força estranha. Assim, o ponto de desafio para as teorias com objetivo de explicar a irracionalidade seria o seguinte: conciliar, no caso da *Akrasia*, intencionalidade e racionalidade. (ibid.,p.297) Davidson investiga os atributos

matter in what vocabulary we choose to describe them. Mental or psychological events are such only a manner of description, for these very events surely are at the same time neurophysiological, and ultimately physical, events, though recognizable and identifiable within these realms only when given neurophysiological or physical descriptions." (Davidson-1982, p. 299)

básicos necessários para o desempenho dessa tarefa, e identifica três condições, abordadas na sequência.

Os aspectos postulados por Davidson constituem uma espécie de fundamento (*ground*), onde as mais variadas teorias poderiam ser assentadas (a freudiana inclusive) e, o mais importante para o nosso caso, de modo algum, estão comprometidas com o conjunto do arcabouço psicanalítico. Em outros termos, essas condições, por estarem situadas num plano, por assim dizer, mais básico, possuem anterioridade em relação aos conceitos da teoria psicanalítica. Elas seriam: 1- divisão da mente em duas ou mais estruturas semi-autônomas; 2- estrutura das subdivisões da mente similar àquela requerida na explicação de ações ordinárias; 3- relação causal não lógica entre as partes, isto é, eventos mentais como meras causas de outros eventos na mesma mente. (ibid.,p.303-4) Nas palavras de Davidson: "*The three elements of psychoanalytic theory on which I have concentrated, the partitioning of the mind, the existence of a considerable structure in each quasi-autonomous part, and non-logical causal relations between the parts; these elements combine to provide the basis for a coherent way of describing and explaining important kinds of irrationality. They also account for, and justify, Freud's mixture of standard reason explanations with causal interactions more like those the natural sciences, interactions in which reason does not play its usual normative and rationalizing role.*" (ibid.,p.304)

Retornemos à suposição freudiana de uma íntima conexão associativa entre as idéias de 'determinismo' e de 'racionalidade', com Freud manifestando assim uma posição tipicamente iluminista diante do acaso (e como vimos, diante da

irracionalidade), sendo este último invariavelmente virtual, existindo somente na aparência. Na teoria psicanalítica, os lapsos, sonhos, proferimentos dos neuróticos, etc. são incompreensíveis se nos ativermos somente às associações superficiais visíveis; mas as associações profundas sempre subjacentes fornecem a garantia de um sentido pleno. Em outros termos, a afirmação freudiana equivalente é a de que as representações são sempre representações de meta⁴⁶; ou seja, o psíquico permanece atrelado ao domínio da intencionalidade. A distinção essencial na psicanálise, seria, portanto, entre intencional e não intencional, e não entre consciente e inconsciente. Entretanto, como afirma McGuinness sobre Freud: *"What appears to be a healthy scepticism and hostility to chance as a factor in human affairs is in reality a blind prejudice in favour of one kind of account."* (p.35) E ainda, contrariamente à pretensão freudiana de desmistificar a superstição comumente ligada à noção de 'acaso' por intermédio de uma visão científica, existe o argumento de que também a ciência pode converter-se numa espécie de mitologia que se ignora como tal, com efeitos nefastos na opinião de Wittgenstein (por não se saber onde deve cessar a busca de explicações⁴⁷). Assim Bouveresse (inspirado em

46—"Por mais influência que exerçamos sobre nossa vida anímica é impossível estabelecer um pensar sem representações de objetivo; e ignoro os estados de desordem psíquica em que tal pensar poderia estabelecer-se." (Freud,V,522) "Quando desdenhamos uma parte de nossas operações psíquicas por considerar que é impossível esclarecê-las mediante representações de objetivo, estamos desconhecendo o alcance do determinismo na vida anímica." (Freud,VI,234)

47—"Toda a moderna visão do mundo está fundada na ilusão de que as

Lévi-Strauss) afirma: "(...) *la pensée magique ne se caractérise pas par la négation du déterminisme, mais plutôt par l'adhésion à une forme universelle et particulièrement rigoureuse de déterminisme.*" (1991,p.121) Aplicada a Freud essa observação no mínimo coloca em xeque a natureza de seu, por assim dizer, *pathos* científicista.

Rhees registrou notas de uma conversa com Wittgenstein, acontecida em 1942, onde encontramos a seguinte consideração (ponto de partida de nossa análise da noção freudiana de determinismo) a respeito da tentação de buscar-se na psicologia uma 'métrica' similar àquela utilizada na física: "*Or suppose you want to speak of causality in the operation of feelings. 'Determinism applies to the mind as truly as to physical things.' This is obscure because when we think of causal laws in physical things we think of experiments. We have nothing like this in connection with feelings and motivation. And yet psychologists wants to say: 'There must be some law'— although no law has been found. (Freud: 'Do you want to say, gentlemen, that changes in mental phenomena are guided by chance?') Whereas to me the fact that there aren't actually such laws seems important.*" (LA,p.42) O problema residiria em se postular a existência de um determinismo absolutamente incompatível com a idéia de predição, na medida em chamadas leis naturais sejam as explicações dos fenômenos naturais." (6. 371-TLP,p. 279) "Assim, detêm-se diante das leis naturais como diante de algo intocável, como os antigos diante de Deus e do Destino. # E uns e outros estão certos e estão errados. Os antigos, porém, são mais claros, na medida em que reconhecem um termo final claro, enquanto, no caso do novo sistema, é preciso aparentar que está tudo explicado." (6. 372-TLP,p. 273)

que a psicanálise, ao utilizar a intencionalidade como base explicativa, revela-se apenas capaz de retrodição. Wittgenstein não se mostra particularmente interessado em refutar a pretensão científica da empresa psicanalítica (como o faz, por exemplo, Popper), muito menos em descartar as inovações trazidas em seu bojo, o alvo principal do autor das *Investigações Filosóficas* parece ser a poderosa retórica embutida no interior da teoria freudiana. Assim, seus comentários visam a desmontagem de algumas arditas contruções argumentativas de Freud, através da demonstração da artificialidade de certas encruzilhadas sugeridas no percurso psicanalítico. A partir de boas idéias, Freud não resistiria à tentação de generalizá-las. Em outras palavras, o que Wittgenstein contesta nas interpretações psicanalíticas é o seu caráter necessário (marca do logicismo do autor do TLP): Freud teria oferecido uma especulação sedutora ao invés de uma conexão necessária.⁴⁸ Desse modo, dado a aceitação da teoria freudiana ser

⁴⁸ -No sentido de esclarecer a objeção de Wittgenstein a Freud, ao fato dele ter apresentado uma hipótese evolutiva no lugar de uma conexão formal, vale a pena citar o seguinte trecho (a propósito da discussão sobre Frazer): "The concept of perspicuous representation is of fundamental importance for us. It denotes the form of our representation, the way we see things. (...) # This perspicuous brings about the understanding which consists precisely in the fact that we 'see the connections'. Hence the importance of finding connecting links. # But an hypothetical connecting link should in this case nothing but direct the attention to the similarity, the relatedness, of the facts. As one might illustrate an internal relation of a circle to an ellipse by gradually converting an ellipse into a circle; but not in order to assert that a certain ellipse actually, historically, had originated from a circle (evolutionary hypothesis), but only in order to sharpen our eyes for a formal connection." (GB, p. 69)

supostamente tributária de sua atratividade intrínseca, o principal risco envolvido seria o forte apelo de exclusividade contido nesse peculiar ponto de vista (o psicanalítico). Enfim, na condição de mitologia que se ignora como tal, sua efetividade dependeria em larga medida da aparência científica de seus constructos (isto é, da veiculação de uma neutralidade ilusória).

Nos termos de um rígido determinismo organizador dos fatos psíquicos, vislumbramos um procedimento freudiano típico, a constituição de uma falsa oposição, aceitando como única contrapartida possível do acaso, a admissão de um certo tipo de casualidade: *"L'avantage de Freud est de réussir à donner l'impression qu'il n'y a de choix qu'entre accepter sa façon de voir et se résigner à l'ignorance ou à l'incompréhension pures et simples, qu'aucun être rationnel ne peut accepter. Wittgenstein pense qu'accepter, dans un domaine comme celui dont il s'agit, de ne pas savoir ou de ne pas avoir d'explication ou de raison n'est pas nécessairement la preuve d'un manque de rationalité."* (Bouveresse-1991, p.106) A saída do impasse segundo Wittgenstein é promover a disjunção entre os dois pares de termos seguintes: de um lado, arbitrário e casual, e de outro, não arbitrário e determinado. Em suas próprias palavras o cerne da objeção: *"What goes on in freier Einfall is probably conditioned by a whole host of circumstances. There seems to be no reason for saying that it must be conditioned only by the sort of wish in which the analyst is interested and of which he has reason to say that it must have been playing a part."* (LA,p.46-7) Assim, no hipotético exemplo citado por Wittgenstein de completar um aparente fragmento pictórico com os traços que ocorrerem de pronto ao sujeito (*i.e.*

sem reflexão) nada há de aleatório, entretanto tampouco existe qualquer determinação última e exclusiva: *"What dashes you make, is likely to be conditioned by everything that is going on about you and within you. And if I knew one of the factors present, this could not tell me with certainty what dash you were going to make."* (ibid.,p.47) Gabbi Jr. esclarece o ponto de divergência através da seguinte colocação: *"Para Wittgenstein, a determinação não pode ser reduzida a uma só, por conseguinte não se pode prever qual será o próximo traço ou a próxima associação, ou seja, a convergência só pode ser hipostasiada."* (1991-b,p.19) Vale a pena tentar esquadriñar a diferença a esse respeito entre os dois vienenses, o psicanalista e o filósofo.

A citação subsequente de Freud ilustra com propriedade, de um lado, a amplitude do determinismo na teoria psicanalítica e, de outro, o quanto de sua especificidade revela-se parcialmente resultante da causalidade teleológica (envolvendo a articulação entre intenção e racionalidade), discutida anteriormente: *"Vejam vocês que o psicanalista distingue-se por uma crença particularmente rigorosa no determinismo da vida anímica. Para ele não há nas expressões do psiquismo nada de insignificante, nada de arbitrário nem de contingente; espera encontrar uma motivação suficiente mesmo onde usualmente tal exigência não seja colocada. E além disso, está preparado para descobrir uma motivação múltipla do mesmo efeito psíquico, embora nossa necessidade de encontrar as causas, supostamente inata, seja satisfeita com uma única causa psíquica."* (Freud,XI,33) Freud faz intervir nesse contexto uma versão monista do determinismo, cuja tradução psicológica dá-se em torno da noção de finalidade. Em outros termos, a construção

freudiana (teleológica) fornece explicações intencionais, esclarecendo assim as pretensas motivações básicas do ser humano.

Entretanto, como vimos, o fato de Freud falar em causas nesse domínio, faz com que se lhe impute (equivocadamente?⁴⁹) um dualismo ontológico, sendo, portanto, acusado de efetuar uma passagem problemática: do ponto de vista mecanicista para o campo semântico, descritas nas seguintes palavras por Bouveresse:

"Wittgenstein objecte à la théorie du rêve qu'il propose que le fait que certains éléments du rêve aient un sens ne signifie pas nécessairement que tout dans le rêve a un sens et que 'Tout a un sens' (c'est-à-dire, peut être interprété comme le suggère Freud) est, en tout état de cause, bien différent de 'Tout a une cause'."

(1991,p.110) E um pouco adiante o mesmo autor propõe uma maneira de precisar melhor a aproximação freudiana indevida (dentro da óptica de Wittgenstein): *"Le principe du déterminisme que Freud*

⁴⁹-Um bom exemplo de como a tópica freudiana tem um objetivo puramente representacional pode ser encontrado na exposição da doutrina analítica durante a discussão acerca da análise leiga: "Quanto ao aparato anímico, logo se esclarecerá em que consiste. E peço que não me perguntem pelo material com o qual está construído. Para a psicologia isto não interessa, sendo-lhe tão indiferente quanto o é para a óptica saber se as paredes do telescópio são feitas de metal ou de cartão. Deixaremos inteiramente de lado o ponto de vista da substância (*den stofflichen Gesichtspunkt*), mas não o espacial. Efetivamente, representamos o aparato desconhecido que serve aos desempenhos anímicos como um instrumento edificado por várias partes - as chamamos *instâncias* -, cada uma das quais cumpre uma função particular, e que têm entre si uma relação espacial fixa; vale dizer: a relação espacial - o 'diante' e 'de trás', 'superficial' e 'profundo' - somente têm para nós, em princípio, o sentido de uma figuração regular das funções." (Freud,XX,181-2)

invoque pour justifier son idée que tous les événements de la vie mentale signifient quelque chose n'a, en réalité, pas grand-chose à voir avec le déterminisme ni même, à strictement parler, avec le psychisme et le genre de causalité qui le gouverne. On pourrait l'appeler le principe d'interprétabilité, puisqu'il veut dire que tous les événements en question peuvent être interprétés d'une certaine façon, qui les fait apparaître comme ayant un sens, une finalité ou une fonction." (ibid.,p.110-1) Nesse sentido, a posição de Wittgenstein é ilustrativa da inspiração lógica de sua filosofia, pois as motivações (i.e. dentro de uma explicação teleológica) nunca possuem conexões necessárias com os fatos aos quais estão associadas: "If some activity is shown to be carried out often for a certain purpose - striking someone to inflict pain - then a hundred to one it is also carried out under other circumstances not for that purpose. He may just want to strike him without thinking of inflicting pain at all. The fact that we are inclined to recognize the hat as a phallic symbol does not mean that the artist was necessarily referring to a phallus in any way when she painted it." (LA,p.44) De certa forma, o problema freudiano seria tentar encobrir sua preferência pela explicação convergente (causalidade única) através de um artifício retórico: a apresentação de suas idéias nos moldes descritivos das ciências naturais. O melhor exemplo estaria contido na *Traumdeutung*, na postulação da "essência" dos sonhos, criticada da seguinte maneira por Wittgenstein: "To say that dreams are wish fulfilments is very important chiefly because it points to the sort of interpretation that is wanted - the sort of thing that would be an interpretation of dreams." (ibid.,p.47)

De outra perspectiva, podemos questionar a própria consistência do determinismo psíquico nos moldes freudianos, uma vez que, mesmo nas condições ideais de um completo conhecimento do seu objeto, nenhuma afirmação sobre a ação imediatamente futura é possível. No entender de Wittgenstein esse caso ilustra a multiplicidade da determinação dos fatos, ou seja, a inexistência de uma ordem hierárquica clara entre os diversos fatores concorrentes, pelo menos uma que seja rigorosamente ponderável. A grande inovação freudiana (criticada por Wittgenstein) é compatibilizar um projeto explicativo que gira em torno de alguns pilares (e.g. sexualidade) com a radical exclusão da predictibilidade (pois estamos no domínio da intencionalidade). Talvez o problema resida numa virtual oscilação freudiana entre dois pólos antagônicos (determinismo físico x teleologia). Assim, somos praticamente forçados a considerar um outro aspecto intimamente conectado com o problema: a suposta (por Wittgenstein) confusão freudiana entre a gramática dos termos 'leis' e 'regras'.

Em *The Blue Book* encontramos uma advertência muito interessante acerca de nossa procura viciosa e unilateral por regras estritas na linguagem usual, isto é, de que não nos contentamos com as regras de uso das palavras (na gama das situações onde as mesmas são empregadas), mas buscamos algo que possa ser considerado uma 'definição real' dos conceitos⁵⁰, perseguindo um ideal de exatidão similar ao das matemáticas: "For remember that in general we don't use language according to strict

⁵⁰ --If one asks philosophy: 'What is -for instance- substance?' then one is asking for a rule. A general rule, which is valid for the word 'substance', i. e., a rule according to which I have decided to play." (BT,p. 10)

rules - it hasn't been taught us by means of strict rules, either. We, in our discussions on the other hand, constantly compare language with a calculus proceeding according to exact rules." (BlB,p.25) Desse modo, confusões vem à tona durante a identificação de tal tipo de 'leis', e pior, a tentativa de aplicá-las consistentemente produz muitas vezes resultados paradoxais. (ibid.,p.27) A adoção de um certo conjunto de regras (sempre convencionais⁵¹) instaura um determinado jogo; em contrapartida, as leis resultam de descobertas empíricas. Assim, faz-se necessário distinguir claramente a adoção de regras da apreensão de leis. Nos dois casos, no entanto, é sempre de uma totalidade que se trata. A concepção de Wittgenstein pode ser ainda melhor ilustrada pelas seguintes observações, extraídas de um de seus últimos textos, *On Certainty*: "Not only rules, but also examples are needed for establishing a practice. Our rules leave loop-holes, open the practice has to speak for itself. # "We do not learn the practice of making empirical judgments by learning rules: we are taught judgments and their connexion with other judgments. A totality of judgments is made plausible to us. # "When we first begin to believe anything, what we believe is not a single proposition, it is a whole system of propositions. (Light dawns gradually over the whole.) # "It is not single axioms that strike me as obvious, it is a system in which consequences and premises give one another mutual support." (C,p.21e) A partir das considerações supracitadas talvez possamos compreender melhor a

⁵¹ - "The use of a rule can be explained by a further rule." (BrB,p. 90) Não há portanto uma regra última da qual as demais seriam derivadas.

natureza de certas objeções de Wittgenstein em relação a Freud.

Um primeiro ponto, evidentemente, diz respeito à regra (fundamental no processo psicanalítico) da associação livre, na medida em que tal regra tem como pressupostos de sustentação a noção freudiana do determinismo psíquico e a hipóstase de uma convergência bastante específica.⁵² Para Wittgenstein, no procedimento associativo não há como saber de fato onde parar: *"Freud's theory of dreams. He wants to say that whatever happens in a dream will be found to be connected with some wish which analysis can bring to light. But this procedure of free association and so on is queer, because Freud never shows how to know where to stop - where is the right solution."* (LA,p.42) Em outros termos, Freud valer-se-ia de um causalismo físico para 'justificar' sua preferência por um tipo de explicação estética. E neste caso nos referimos, de acordo com Wittgenstein, a uma explicação estética, e não a uma outra, do tipo causal. Ele propõe para exemplificar uma situação análoga: a busca de uma palavra que necessito e julgo ter em mente; pois finalmente ao encontrá-la, como saber se era de fato mesmo essa. A conclusão de Wittgenstein é imediata: a palavra correta é aquela que interrompe a busca.⁵³

⁵² -A psicanálise poderia ser pensada, nos termos de Wittgenstein, como um novo jogo de linguagem criado por Freud. A adoção das regras analíticas não repousaria em descobertas prévias de leis acerca do funcionamento psíquico e, portanto, ela jamais poderia ser considerada como necessária. Trata-se, mais precisamente, da adesão a um modo particular de uso da linguagem (por exemplo, a associação livre). O conjunto das regras determina seus efeitos, as formas analíticas de xeque-mate.

⁵³ -"What is in my mind when I say so and so? I write a sentence. One word isn't the one I need. I find the right word. What is it

Bouveresse sintetiza com muita propriedade o motivo da crítica de Wittgenstein. A objeção visa menos o conteúdo da interpretação psicanalítica, mas principalmente seu caráter (formalmente) redutor de toda diversidade (sonhos, simbolismo, chistes), e ainda por cima, ela é uma interpretação que se pretende exclusiva, a única admissível para o campo de fenômenos em questão: (sobre a restrição imposta pela tese freudiana do sonho como realização disfarçada de desejos⁵⁴): *"Cette contrainte supplémentaire extrêmement forte qui est imposée à l'interprétation a, selon Wittgenstein, le caractère d'une règle 'grammaticale' et est, comme toute règle de ce genre, arbitraire (ce qui ne signifie pas, bien entendu, qu'elle n'a aucun rapport avec les faits, mais uniquement qu'elle n'est pas imposée par eux)." (Bouveresse-1991,p.127)* Assoun, por sua vez, assinala que a *"I want to say? Oh yes, that is what I wanted." The answer in these cases is the one that satisfied you, e.g. someone says (as we often say in philosophy): 'I will tell you what is at the back of your mind: ...'" (LA,p.18)*

⁵⁴ -"Creio que teria conquistado mais facilmente a aprovação geral se me tivesse contentado com a afirmação de que todo sonho possui um sentido passível de descoberta mediante um certo trabalho de interpretação. Após uma interpretação completa, o sonho poderia ser substituído por pensamentos inseridos na vida psíquica em locais facilmente reconhecíveis. E poderia ter prosseguido dizendo que esse sentido é tão variado como as ilações do pensamento da vigília. (...) No lugar disso, formulei uma tese geral que restringe o sentido dos sonhos a uma única forma de pensamento: a figuração de desejos." (Freud,VII,60) Lá, exatamente onde Freud encontra provas de seu rigor, por não fazer concessões em sua teoria, que afinal tem como base "descobertas empíricas", Wittgenstein enxerga uma extensão de conceito, apoiada em preferências estéticas disfarçadas.

confusão entre o uso e a norma tem como consequência o restabelecimento do pendor metafísico (Assoun-1988,p.147). Seu diagnóstico, ao interpretar Wittgenstein, revela-se fulminante: a metapsicologia seria um sofisma gramatical (*"L'illusion métapsychologique reviendrait donc à confondre l'outil avec l'objet."*). (ibid.,p.147-8) Ele acrescenta um esclarecimento adicional dos objetivos de Wittgenstein ao mencionar Freud: *"La critique de la métapsychologie serait donc un utile travail de 'grammaire philosophique' appliquée en fournissant un exemple de ce qui arrive quand on ne prend pas en compte, dans l'effectuation de langage, son mode d'usage et l'effet de la règle sur la ratio même."* (ibid.,p.148)

Resumindo esse ponto (atinentes a leis e regras) talvez possamos afirmar que o determinismo psíquico, tal como concebido por Freud, cumpre a principal função no interior da teoria de justificar um resultado conhecido de antemão: a associação livre tem um fim predeterminado, e o que seria, aos olhos de Wittgenstein, uma maneira (talvez boa) de representar um fato, é tomado por Freud como descoberta. A engenhosa comparação feita por Cioffi é bastante elucidativa: *"It seems that Freud stood to his patients' associations, dreams, symptoms, reminiscences and errors more as the painter to his pigments than as the sleuth to his traces of mud and cigar ash."* (Cioffi-1969,p.205) Em suma, Freud teria sido desencaminhado por suas próprias metáforas. Desse modo se justifica a análise, na sequência, da natureza da explicação estética.

Pretendemos ter evidenciado os motivos da recusa de Wittgenstein em tomar como hipóteses as construções freudianas, na

medida em que essas são vazias de conteúdo proposicional (ou ainda, em outros termos, sua relação com o 'explicado' é interna). Mas o diagnóstico do filósofo vienense vai além e busca precisar a natureza do procedimento freudiano. As explicações psicanalíticas seriam do tipo estético, no sentido de Wittgenstein, isto é, descrições realizadas a *posteriori* (suplementares). Cioffi oferece um sumário, apropriado a nosso ver, do cerne do problema: *"What Freud is accused of confounding are, variously, hypotheses with 'further descriptions', the cause of an impression with 'getting clear about' it, e.g. getting clear about why you laughed; an empirical explanation of a mental state with an account of what was 'at back of our minds'; science with 'sounding like science' or a 'good way of representing a fact' and 'discovery' with 'persuasion'."* (1991,p.170)

É preciso esclarecer alguns dos elementos relativos à concepção de estética. Em primeiro lugar devemos ressaltar que as explicações no domínio da estética não são em absoluto necessárias (no sentido lógico do termo), tampouco podem ser consideradas como verdadeiras ou falsas (pois não apresentam a forma proposicional), apenas podem ser consideradas bem-sucedidas, na medida de seus efeitos de convencimento e produção de satisfação (é neste sentido forte que se diz que uma explicação estética opera por sedução). A rigor, não existem explicações nesse campo, apenas razões, e elas são constituídas (como descrições suplementares) por alterações contextuais, comparações, agrupamento de casos, com o intuito básico de resolver a perplexidade do destinatário. O pano de fundo dessas observações, segundo Bouveresse: *"La conception wittgensteinienne de l'esthétique est, tout comme celle de*

l'éthique, fondamentalement eudémoniste; d'après ce que nous pouvons savoir de ses goûts, Wittgenstein considérait que les productions de l'art doivent avoir un effet essentiellement positif, qu'elles doivent représenter une solution, et non pas un problème." (1973,p.153) Assim, as analogias, as metáforas no campo da estética, nada fazem além de promover um rearranjo de fatos familiares, de criar uma maneira nova de descrever os mesmos fatos.⁵⁵ Para Wittgenstein, as analogias freudianas seriam desse tipo. Portanto, ignorar a natureza do procedimento resultaria em problemas, com a seguinte consequência no caso de Freud: haveria o risco permanente de reificação (e pior, de personalização) correlativa da passagem de um uso da noção de inconsciente de um sentido adjetivo (cuja tradução em termos da linguagem ordinária é viável) para o nominal (substantivo), com a introdução gratuita de uma 'entidade ontológica' no mínimo suspeita. (Bouveresse- 1991, p.44-5) Freud, muito longe de ser ingênuo, faz inúmeras advertências contrárias a se pensar os constructos metapsicológicos (principalmente a concepção do aparato psíquico) em termos de substância; no entanto, diversas vezes suas observações dão margem a esse tipo de compreensão.

Certamente, vale a pena reafirmar que as objeções de Wittgenstein não pretendem de modo algum diminuir o valor da obra

⁵⁵-Para o filósofo vienense, as imagens construídas a partir de analogias presentes na linguagem organizam nosso pensamento, mas há que se ter o cuidado de evitar extrair das mesmas consequências indevidas: "A simile is part of our edifice; but we cannot draw any conclusions from it either; it doesn't lead us beyond itself, but remain standing as a simile. We can draw no inferences from it." (BT,p. 10)

de Freud (aliás, um dos poucos autores com algo a dizer-LA,p.41). Pelo contrário, na medida em que a ciência pouco tem a oferecer em termos de resolução dos problemas vitais (6.52-TLP,p.279), o interesse pelas observações freudianas aumenta enquanto representam de certo modo uma tentativa de significar o mundo. A crítica de Wittgenstein não possui, portanto, um caráter epistemológico, seu fundamento deve ser buscado na virtual articulação da lógica e da estética, com ressonâncias éticas, embora não exatamente no sentido transcendental do TLP. A psicanálise tomada numa acepção estética traria em si uma dimensão artística e, nesse sentido, poderia ser bem-sucedida como uma realização literária ou plástica, por encontrar uma forma feliz de expressar determinados fatos [ou na comparação de Assoun: "*La bonne explication analytique n'est rien de plus (ni de moins) qu'un tableau réussi.*"- Assoun-1988, p.78], mas traria, entretanto em si, como contrapartida indesejável, a pretensão da necessidade e da generalidade (comuns às explicações das ciências naturais). E talvez essa anfibologia seja em parte responsável pelo poder mitológico do dispositivo psicanalítico: "*There is an inducement to say, 'Yes, of course, it must be like that'. A powerful mythology.*" (LA,p.52)

O processo de constituição do objeto psicanalítico denunciaria um certo resvalo realista da parte de Freud, na medida em que ele dificilmente tem dúvidas quanto à identificação de um sentido oculto, apresentando o comportamento de alguém que, por exemplo, tivesse aprendido a reconhecer um determinado símbolo por intermédio de uma definição ostensiva⁵⁶. Nos termos de

⁵⁶-Desse modo, Cioffi, ao se referir à mutilação de Van Gogh a

Wittgenstein: *"Consider the difficulty that if a symbol in a dream is not understood, it does not seem to be a symbol at all."* (LA,p.44) Bem, a citação acima pretende justamente resgatar a dimensão hermenêutica do empreendimento analítico, isto é, invertendo a perspectiva freudiana diante de seu objeto: *"Ce qui est important ici, c'est que l'objet n'est pas un symbole qui doit être interprété; c'est lorsque nous avons accepté une certaine interprétation que l'objet devient pour nous un symbole."* (Bouveresse-1973,p.194) Assim aquilo que Hanly denomina de 'contra-metáforas' de Wittgenstein não são argumentos contrários a Freud. Esse autor, a partir de uma perspectiva realista, considera que as metáforas escolhidas por Freud tem menos a ver com suas preferências, e mais com a natureza dos fenômenos em questão (Hanly-1972,p.85), na medida em que não pretendem provar nada (em termos da veracidade das interpretações psicanalíticas) a não ser o caráter opcional do modo de representação freudiano. Não custa lembrar o empenho de Wittgenstein em evitar uma razão cativa dos modos de expressão: *"The problem may seem simple, but its extreme difficulty is due to the fascination which the analogy between two similar structures in our language can exert upon us."* (BlB,p.26)

As ditas explicações estéticas não equivalem nem a explicações causais nem a hipótese genéticas. Elas meramente operam uma mudança contextual, produzindo novas relações a partir partir de alguém orientado psicanaliticamente, considera que haveria uma dificuldade (até mesmo impossibilidade) de deixar de ver nela um símbolo de castração inequívoco: *"He behaves as if he had learned the expression 'castration-symbol' ostensively. This is simply what castration substitute means. The correct analogy is the accepted one."* (Cioffi-1969,p. 200)

de arranjar as coisas lado a lado, criando, portanto, novas conexões associativas. Não são corretas ou verdadeiras, não almejam concordar com os fatos da experiência (estado de coisas), visam somente fornecer um modo *satisfatório* de agrupar um determinado conjunto de dados. A propósito da teoria psicanalítica dos chistes, Wittgenstein observa: "*Freud transforms the joke into a different form which is recognized by us as an expression of the chain of ideas which led us from one end to another of a joke. An entirely new account of a correct explanation. Not one agreeing with experience, but one accepted. You have to give the explanation that is accepted. This is the whole point of the explanation.*" (LA,p.18) Por conseguinte, a distinção entre explicações estéticas e hipóteses parece correlativa de uma outra, a existente entre descoberta e uma boa maneira de representar um fato.

De certa forma, segundo Wittgenstein, Freud incorreria no erro filosófico mais típico, isto é, atribuir à coisa aquilo que reside no modo de figuração da mesma: "*Afirma-se de uma coisa aquilo que se encontra no modo de apresentação. Tomamos para a percepção de um estado de coisas extremamente geral a possibilidade de comparação que nos impressiona.*" (PI,p.52) O encanto da teoria freudiana relacionar-se-ia com seu poder de transformar (através de sua redescrição em termos de um novo vocabulário) aspectos de nossa vida cotidiana. Ou ainda, nossa vida seria ressignificada pela sua transposição para outros arredores diferentes dos habituais, com a impressão proporcionada por padrões possivelmente mais atrativos⁵⁷. Ao invés de ciência,

⁵⁷ -"Freud in his analysis provides explanations which many people

Freud teria produzido (o que de modo algum significa pouco) um maravilhoso modo novo de representar o familiar. Problemático seria sustentar, como ele o faz, que a teoria psicanalítica seria a boa maneira. Mais uma vez observamos a aversão do filósofo austriaco às formas exclusivas de figuração e às explicações unitárias (generalizantes).

Sem dúvida, é bastante significativo o fato de Freud ser abordado por Wittgenstein no contexto das confusões ocorridas entre filósofos e cientistas; o criador da psicanálise, contrariamente a suas pretensões, sempre é tomado como um autor filosófico, cujo 'sistema' traria em si os vícios mais tradicionais da filosofia. Um exemplo singular ilustra bem esse ponto. Wittgenstein sugere uma nova nomenclatura para o estado de deterioração dentária não acompanhado de dores características, *dor de dente inconsciente*. A escolha não poderia ser mais provocativa, Freud é visado em seu suposto realismo. No caso, entretanto, os problemas inexistem na medida em que é sempre possível sua retradução nos termos da linguagem comum. Nada haveria a se objetar em relação a essa nova convenção. Por outro lado, temos a seguinte situação: "*But the new expression misleads us by calling pictures and analogies which make it difficult for us to go through with our convention. And it is extremely difficult to discard these pictures unless we are constantly watchful; particularly difficult when, in philosophizing, we contemplate what we say about things.*" (B1B,p.23) Prosseguindo, *are inclined to accept. He emphasizes that people are dis-inclined to accept them. But if the explanation is one which people are disinclined to accept, it is highly probable that it is also one which they are inclined to accept.*" (LA,p. 43)

muitas vezes expressões do tipo 'dor de dente inconsciente' poderiam provocar a sensação de se estar diante de uma descoberta tão estupenda quanto perturbadora, havendo ainda a possibilidade de uma argumentação 'científica' para dirimir a perplexidade resultante, mascarando a extensão de conceito presente: "*Surely it's quite simple: there are other things which you don't know of, and there can also be toothache which you don't know of.*" You won't be satisfied, but you won't know what to answer. This situation constantly arises between the scientist and the philosopher." (ibid.) Questões desse tipo seriam dissolvidas, segundo Wittgenstein, se nos ativéssemos aos diferentes usos das palavras envolvidas (i.e. à gramática das mesmas), rompendo com o fascínio provocado por certas formas de expressão.

As objeções dos filósofos ao termo 'pensamento inconsciente' não encontram ressonância em Wittgenstein, na medida em que o pensador vienense enxerga uma contradição implícita nos postulados desses mesmos filósofos, motivada pela confusão (de consequências metafísicas óbvias) entre a convenção envolvida na denominação e uma suposta realidade descrita pelo mesmo. Em síntese, se pensamento significa pensamento consciente, há prescindência do segundo termo. (BlB,p.57-8) Nos termos precisos de Bouveresse: "*Ceux qui, comme les philosophes traditionnels que Freud désespère de convaincre, identifient la pensée à la pensée consciente utilisent le mot conscient sans antithèse, c'est-à-dire de façon métaphysique. Et ceux qui, comme les psychanalystes, prétendent avoir découvert qu'il y a réellement des pensées inconscientes confondent, selon Wittgenstein, une convention de langage que l'on peut accepter ou refuser avec une*

vérité factuelle révolutionnaire devant laquelle on doit s'incliner." (1991,p.40) Em suma, parece necessário salientar como se apresenta em Freud a sua 'opção' por um modo específico de representação, ou melhor, o que permite a ele sustentar a isenção de sua doutrina. A suspeita que recai sobre Freud é a de que suas pretensas descobertas nada seriam além de consequências naturais de (engendradas por) seus postulados iniciais, e a ilusão de neutralidade do método analítico decorreria da sua não percepção da circularidade envolvida. Bouveresse é esclarecedor a esse respeito: "*Chez Freud, le modèle du rêve-réalisation déguisée d'un désir n'est pas présenté comme ce qu'il est, à savoir un principe qui détermine la forme de l'examen de tous les phénomènes concernés, mais comme correspondant à la découverte de l'essence réelle du rêve; et il s'applique à tous les rêves non parce qu'un examen scientifique des différentes espèces de rêve le démontre, mais en raison de la position tout à fait particulière qui lui a été conférée dans l'examen.*" (ibid.,p.59) A menção ao sonho afigura-se oportuna, pois, após esta longa exposição, sentimo-nos, finalmente autorizados a explicitar o ponto central da divergência entre Freud e Wittgenstein, dentro dos propósitos da presente dissertação, ou seja, o caráter sexual do simbolismo onírico psicanalítico e suas eventuais semelhanças com a linguagem.

Os sonhos parecem suscitar um interesse especial em Wittgenstein, provavelmente em virtude de seu habitual aspecto enigmático, fonte do apelo pela interpretatibilidade: "*It is characteristic of dreams that often they seem to the dreamer to call for an interpretation.*" (LA,p.45) Além disso, Wittgenstein preocupa-se em esclarecer as semelhanças existentes à primeira

vista entre sonho (por conta da noção de simbolismo onírico) e linguagem⁵⁸. Em outros termos, sua pergunta tem a seguinte forma: a que gênero de linguagem pertence o sonho? (Assoun-1988,p.93) Isto é, o foco de suas considerações situa-se em torno do tratamento dispensado por Freud aos sonhos e dos equívocos envolvidos na raiz do projeto de *Traumdeutung*.

Quando Wittgenstein observa, no contexto de suas preleções sobre estética, que "*Freud does something which seems to me immensely wrong. He gives what he calls an interpretation of dreams.*" (LA,p.23), certamente ele visa a determinação freudiana prévia de dizer que a estória é sempre uma outra, deixando de explorar suficientemente o sonho manifesto enquanto fragmento significativo *per se*. Ademais, a outra estória (latente) aparece como inevitavelmente ligada ao seu método interpretativo. Cioffi comenta no mesmo sentido a passagem citada acima: "*In general what Freud does which is 'immensely wrong' is to ignore the themes implicit in the manifest content of the patient's communications and to insist that the meaning of the dream is only to be found with the help of his theory of dream formation.*" (1991,p.186) Wittgenstein diferencia-se basicamente pela importância relativa atribuída à interpretação, posicionada em situação de precedência face ao símbolo.

Todo o problema parece gravitar em torno da limitação imposta por Freud do que deva ser aceito como interpretação de um sonho, isto é, da sua exigência obrigatória de referências a figuras e desejos do passado remoto (infância); apenas aquelas que

⁵⁸ - "*There seems to be something in dream images that has a certain resemblance to the signs of a language.*" (LA,p. 45)

cumprem tais condições poderiam ser corretas dentro de sua óptica. (McGuinness-1987,p.32) A mitologia psicanalítica seria de molde a provocar a adesão a uma forma de ver, gerando entretanto a ilusão de estar descobrindo algo tão real quanto oculto, e mais do que isso, toma (com ressalvas) a aceitação de suas interpretações como indicação da veracidade de seus constructos. Vale a pena mencionar aqui a perspicaz advertência de Cioffi: *"Those who come to accept a psychoanalytic interpretation of their dreams do not do so because they come to remember transforming the latent dream content into the manifest dream."* (1991,p.182) Ou seja, a psicanálise não prova (de modo algum) o sentido dos sonhos, Freud simplesmente inventa uma lógica inovadora de criar conexões insuspeitas até então. A interpretação não deixa de ser um novo símbolo adicional. (BIB,p.33) Assim, o problema residiria apenas em saber onde parar, e possivelmente o final do percurso teria mais a ver com satisfação do indivíduo envolvido na tarefa do que com o encontro da verdade a respeito de um estado de coisas.

O fato de tanto Freud⁵⁹ como Wittgenstein⁶⁰ terem se

⁵⁹ -Acerca da garantia de acerto de um dada interpretação: "O que definitivamente lhe [ao analista] proporciona certeza, é justamente a complicação do problema que se coloca, semelhante à solução de um desses jogos infantis chamado 'quebra-cabeça'. [segue a descrição da construção do mesmo] (...); no caso de se conseguir ordenar os fragmentos de tal modo que a figura adquira pleno sentido, sem lacunas nas junções, e completando totalmente o espaço demarcado, se todas essas condições são cumpridas, então se sabe que a solução do quebra-cabeça foi encontrada, e que não há outra." (Freud,XIX,p. 118)

⁶⁰ -A respeito do tratamento dispensado a nossas experiências (diferença entre 'modo de refletir' sobre e 'análise científica' das mesmas: "But somehow, when we look at them in a certain way,

reportado ao *puzzle*, como exemplo de seus métodos de resolução de problemas, permite uma comparação bastante ilustrativa de suas posições; de resto, uma aproximação já realizada por Assoun e Bouveresse. No caso de Freud, a comparação tem a finalidade de mostrar a não arbitrariedade da interpretação psicanalítica, na medida em que a peça faltante seria complementar da estrutura. A correção da interpretação dependeria fundamentalmente, portanto, da noção de completude. Freud parece comportar-se como se conhecesse de antemão a figura a ser formada. É justamente nessa esquina que Wittgenstein espera por ele. O preconceito freudiano acerca da completude leva-o a procurar peças faltantes onde, no entender de Wittgenstein, as mesmas estão disponíveis desde o início: *"Wittgenstein compare lui-même assez souvent la résolution d'un problème philosophique à celle d'un puzzle. Mais cette image signifie essentiellement pour lui qu'il s'agit d'assembler correctement des éléments qui, comme les pièces du puzzle, sont déjà en notre possession, alors que Freud doit utiliser, pour compléter les lacunes de sa construction, des éléments hypothétiques qui jouent un rôle essentiel et qui, en l'absence de toute possibilité réelle de corroboration indépendante, se justifient essentiellement par la complétude et la cohésion qu'ils permettent de procurer à l'ensemble."*

our expression is liable to get into a tangle. It seems to us as though we had either the wrong pieces, or not enough of them, to put together our jig-saw puzzle. But they are all there, only all mixed up; and there is a further analogy between the jig-saw puzzle and our case: It's no use trying to apply force in fitting pieces together. All we should do is to look at them carefully and arrange them." (BlB,p. 46)

(Bouveresse-1991,p.129) Enquanto que se trata, para Freud, de recorrer a hipóteses, fundadas em sua teoria, no sentido de eliminar as lacunas e *"refazer o objeto coincidir consigo mesmo"* (puzzle entendido como reflexo fragmentário do objeto) (Assoun-1988,p.126), para Wittgenstein, a tarefa resumir-se-ia em tentar descrever aquilo que, para além da aparência de ininteligibilidade (sem existir, entretanto, partes em falta), organiza o jogo. (ibid.,p.127)

Devemos ter em mente que o sonho é sempre em si mesmo inacessível. O objeto de interpretação do psicanalista é, mais propriamente, o relato do sonho. Freud reconhece inclusive a possibilidade dele ser deformado, mas não a considera um empecilho na medida em que a deformação seria solidária do trabalho do sonho, um auxiliar da censura. Ademais Freud admite que a narrativa tem a propriedade de alterar o conteúdo explícito, embora isso não o preocupe pois, definitivamente, ele sabe onde pretende chegar... Wittgenstein, a seu turno, considera o conteúdo latente do sonho um efeito do processo interpretativo, de forma alguma ele possui uma existência prévia e muito menos constitui algo que seria uma essência do sonho. O ponto chave de seu argumento é o seguinte: *"When a dream is interpreted we might say that it is fitted into a context in which it ceases to be puzzling. In a sense the dreamer re-dream his dream in surroundings such that its aspect changes."* (LA,p.45) A interpretação do sonho seria mais exatamente uma descrição suplementar, onde as novas conexões associativas surgem por transposição contextual e alteram seu sentido. Ela não seria uma descrição mais acurada, especular, de um determinado estado de

coisas. Esse caso exemplifica uma preocupação típica de Wittgenstein, relativa à possibilidade do entendimento ser um processo que se estende no tempo. (McGuinness-1987, p.29) Isto é, a reflexão posterior acerca de um fato modifica seu aspecto. Ao aplicar esse truísmo no caso do sonho temos que a redescrição resultante da análise não revela nenhum sentido anteriormente oculto, mas antes o produz.

A imensa capacidade de Wittgenstein de elaborar analogias torna ainda mais atrativa a discussão de suas críticas endereçadas a Freud, indiscutivelmente um autor extremamente criativo. A seguinte comparação com o papel plissado, ilustra igualmente a questão freudiana da completude - analisada acima por intermédio do exemplo do *puzzle*-, e a pouca consideração dedicada pelo psicanalista ao sonho manifesto: *"In Freudian analysis a dream is dismantled, as it were. It loses its original sense completely. (...) Or we might think of it in the following way: a picture is drawn on a big sheet of paper which is then so folded that pieces which don't belong together at all in the original picture now appear side by side to form a new picture, which may or may not make sense. (This latter would correspond to the manifest dream, the original picture to the 'latent dream thought'.) # Now I could imagine that someone seeing the unfolded picture might exclaim 'Yes, that's the solution, that's what I dreamed, minus the gaps and distortions'. This would then be the solution precisely by virtue of this acknowledging as such."* (CV-1948, p.68-9) O interesse de Wittgenstein recai sobre o sonho enquanto elemento significativo em si mesmo⁶¹, e mesmo que o sonho

⁶¹ -"The dream affects us like as does an idea pregnant with

estivesse de algum modo relacionado com a história do sonhante, isso não equivaleria a postular conexões causais com eventos pretéritos.

Wittgenstein recusa a restrição imposta pela concepção freudiana dos sonhos, na medida em que a interpretação psicanalítica tem um caráter convergente. Freud teria sido capturado por uma determinada imagem, permanecendo irremediavelmente atrelado à mesma. Uma passagem das *Investigações Filosóficas*, curiosamente atinente ao jogo de linguagem envolvendo a palavra "sonhar"⁶², salienta a influência das imagens sobre nossa razão: "*Nossa linguagem descreve primeiramente uma imagem. O que deve acontecer com ela, como deve ser empregada, isto permanece nas trevas. Mas é claro que deve ser pesquisado, se se quer compreender o sentido de nossas afirmações. A imagem, porém, parece dispensar-nos dessa tarefa; ela já indica um determinado emprego. Com isso, ela nos logra.*" (PI, p.181) Vale como ressalva adicional a aceitação, da parte de Wittgenstein, de que certos sonhos sejam interpretados em moldes freudianos (*i.e.* como realização camuflada de desejos). Para ele, seria problemático negar a diversidade potencial dos sonhos, face à existência, em contrapartida, de muitos tipos diferentes de chistes e de linguagens. (LA, p.47-8)

A idéia de uma linguagem onírica depende basicamente da noção de simbolismo envolvida, isto é, da suposição de uma certa regularidade semântica dos signos, permitindo assim uma espécie de *possible developments.*" (CV, p. 69)

⁶² -Ensinar a expressão "sonhei", à qual se segue a narração do sonho para um interlocutor.

tradução. Wittgenstein, por sua vez, centraliza suas críticas em torno do caráter obrigatoriamente sexual dos símbolos freudianos, da monotonia de significações instaurada pelo estilo explicativo psicanalítico. (LA,p.44) Além disso, Freud não esclareceria, de modo convincente, as conexões em jogo na formação do símbolo, recorrendo com frequência a hipóteses genéticas: *"His historical explanation of these symbols is absurd. We might say it is not needed anyway; (...)"* (ibid,p.43-4) Como veremos no capítulo 2, o símbolo parece depender de uma assimilação prévia ao sintoma para ser esclarecido, ele dependeria da relação transferencial no *setting* analítico. A esse respeito, Assoun tece as seguintes considerações: *"Il est vrai que cette articulation symbole/symptôme n'est possible que par la médiation 'causale' d'un 'motif' inconscient. C'est là que Wittgenstein attend Freud: est-ce dire que le symbolisme ne peut que se soutenir d'un 'causalisme' psychologique, si spécifique soit-il?"* (Assoun-1988, p.96) Um outro argumento contrário a se considerar o sonho como um tipo de linguagem é a impossibilidade de haver tradução nos dois sentidos, ou seja, a psicanálise dispõe de meios para reconstituir o latente a partir do manifesto, mas, como a lógica de figuração onírica não pode ser apreendida por completo, nunca temos condições de efetuar a transformação na direção oposta. (LA,p.48)

Acreditamos que a crítica de Wittgenstein ao simbolismo onírico esteja relacionada fundamentalmente à concepção freudiana da significação (examinada em pormenor nos capítulos subsequentes). De um lado, temos a advertência contra a visão metafísica e não gramatical do significado: *"Let's not imagine the meaning as an occult connection the mind makes between a word and*

a thing, and that this connection contains the whole usage of a word as the seed might be said to contain the tree." (BlB,p.73-4)

De outro, a idéia de que a concepção freudiana da significação seria um caso particular, embora muito sofisticado, da posição dita agostiniana que relaciona nomes e objetos, apresentada logo no início das *Investigações Filosóficas*⁶³ (PI, p.9-10). A longa citação a seguir, extraída de *Freud et Wittgenstein*, resume o problema: "Cela permet de repérer le mode de penser freudien fondé sur cette 'philosophie primitive' dont elle est une variante. Ainsi, la croyance à une corrélation du 'désir' (comme nom) au désir comme objet réel - en tant que telle univoque - a pour effet d'accréditer la croyance au 'désir' comme tel, ce qui impose une part d'inexplicable et de mystérieux - à tire d'ailleurs séduisante. -On voit que cette analyse éclaire le 'diagnostic' wittgensteinienne sur le lien entre 'psychologie des profondeurs' et charme du mystère (supra). Ce n'est pas là seulement question d'atmosphère: c'est pour une conception 'primitive' et

⁶³ -"Santo Agostinho, nas Confissões, 1/8: Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos." (PI-p.p. 9) Tradução da versão alemã, feita pelo próprio Wittgenstein, a partir do texto original latino.

référentialiste que le mystère est requis, comme corrélat de la 'superstition' d'un rapport de fondation vertical entre 'nom' et 'chose'. Seule une conception 'horizontale' du rapport des signes entre eux peut rendre le mystère superflu." (Assoun-1988, p.167)

Dai nosso interesse em identificar, por intermédio da noção de simbolismo onírico, os pressupostos lingüísticos freudianos e dentro do possível fazer emergir uma concepção de linguagem de Freud, com o intuito de verificar se a mesma tem as características agostinianas apontadas na crítica dirigida por Wittgenstein à psicanálise.

Antes, porém, vale a pena enfatizar de novo alguns dos pontos genéricos envolvidos na controvérsia envolvendo a perspectiva filosófica de Wittgenstein e o estilo do pensamento freudiano: a) diferença entre objeto físico e 'objeto mental'; b) a psicanálise como dispositivo persuasivo involuntário; c) a virtual ontologia implícita na teoria freudiana; d) seu caráter essencialmente mitológico. Acreditamos ter oferecido, dessa forma, um painel suficientemente amplo das preocupações filosóficas que nortearão nosso exame da letra freudiana nos capítulos seguintes da dissertação.

Discutimos anteriormente a dificuldade de se postular um determinismo no domínio da intencionalidade nos moldes daquele das ciências naturais, na medida em que há uma impossibilidade radical de haver predição no complexo âmbito dos 'objetos mentais'. Embora estes possam coincidir com os objetos físicos, a gramática de suas descrições é outra. Wittgenstein adverte contra a analogia reputada como responsável por inúmeras confusões conceituais: *"Paralelo enganador: a psicologia trata de processos na estera*

psíquica como a física, na esfera física." (PI,p.152) Aliás, seu diagnóstico em relação à psicologia é demolidor: "Existem na psicologia métodos experimentais e confusão conceitual."⁶⁴ (PI,p.222) Devemos ressaltar aqui que uma das razões da psicanálise suscitar interesse em Wittgenstein tem a ver com o fato dela não se confundir com a psicologia, e enunciar, mesmo à revelia de Freud, explicações de cunho estético; ou seja, todo o problema decorreria da insuficiente consideração das diferenças gramaticais entre as afirmações a respeito dos dados do sentido e de objetos físicos (BlB,p.70) e de adotarmos o segundo caso como modelo ideal também para o primeiro. Ao discutir as chamadas 'experiências de familiaridade', Wittgenstein antecipa e contesta certo tipo de objeção: "One might object to this way of describing the experience, saying that it brought in irrelevant things, and in fact wasn't a description of the feeling at all. In saying this one takes as prototype of a description, say, the description of a table, which tells you the exact shape, dimensions, the material which it is made of, and its colour." (BrB,p.181) Do mesmo modo, outra fonte inesgotável de perplexidade seria nossa tendência em acreditar numa relação necessária, tanto quanto misteriosa, entre as palavras e as coisas; nos termos de Wittgenstein: "We are up against one of the great sources of philosophical bewilderment: a

⁶⁴ -"A confusão e o deserto da psicologia não se explicam pelo fato de ela ser uma 'ciência jovem'; seu estado não pode ser comparado com o da física, por exemplo, nos seus inícios. (Muito menos com certos ramos da matemática. Teoria dos conjuntos.) Existem na psicologia métodos experimentais e confusão conceitual. (Como, noutro caso, confusão conceitual e métodos de demonstração.)" (PI,p. 222)

substantive makes us look for a thing that corresponds to it." (BlB,p.1) No caso específico da psicanálise, Wittgenstein recrimina a ontologia implícita nos seus postulados metapsicológicos. (Bouveresse-1991,p.9) Um bom exemplo: passagem do uso adjetivo do termo inconsciente para o uso substantivo (indicado no idioma alemão pela grafia em maiúscula da letra inicial) .Isso sem perder de vista que as observações de Davidson supracitadas permitem uma outra leitura da teoria freudiana que seria monista em termos ontológicos.

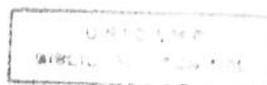
A seguir, veremos como os efeitos de tais confusões gramaticais operam na constituição de um dispositivo persuasivo, no sentido forte do termo, que se ignora enquanto tal. O problema da psicanálise, na óptica de Wittgenstein, seria relativo ao fato de num primeiro momento propor um novo modo de ver para em seguida torná-lo imperativo, impondo esse estilo particular de forma absolutamente exclusiva, na medida em que oferece uma explicação que se pretende a explicação, e uma razão que se pretende a razão. Bem, estamos, portanto, no domínio do convencimento retórico, do convite à adesão a um determinado sistema referencial, ou seja, distantes de uma atitude científica, porém muito mais compatível com o pensamento mitológico. (Bouveresse-1991,p.24) Wittgenstein concentra-se nessa questão da persuasão principalmente em suas preleções sobre estética, indicando dois pontos básicos responsáveis pela atração exercida pelas explicações psicanalíticas: o fato paradoxal - que constitui um fenômeno psicológico curioso -, de serem explicações 'repulsivas' (LA,p.24-5) e a fórmula das elucidações freudianas.⁶⁵ A

⁶⁵ -The attraction of certain kinds of explanation is overwhelming.

psicanálise, não custa insistir, interdita de antemão a possibilidade de um território extra-analítico. Ela exclui um exterior, o universo psicanalítico abarca a totalidade do conhecimento. O que equivale a afirmar que o convite freudiano encerra uma adesão a um quadro referencial completo, a uma imagem no sentido de Wittgenstein (*picture / Bild*). Talvez a seguinte proposição resuma a 'ambigüidade' da atitude de Wittgenstein em relação a Freud, na medida em que expressa um elogio que é impietosamente crítico: "*Freud has very intelligent reasons for saying what he says, great imagination and colossal prejudice, and prejudice which is very likely to mislead people.*" (LA,p.26) Entretanto, a acusação a Freud de agir persuasivamente pode ter seu tom negativo atenuado se nos ativermos ao próprio projeto filosófico de Wittgenstein: persuadir pessoas a mudar seu estilo de pensar.⁶⁶ Embora, em seu caso, prevaleça o desejo pela diversidade em detrimento de explicações unitárias.

Apenas para ilustrar a ênfase argumentativa de Wittgenstein a respeito da persuasão e de seu papel na aceitação de quadros conceituais, mencionaremos um exemplo, por certo esdrúxulo, mas que tem a vantagem inequívoca de tocar em fatos de aceitação unânime: "*I can imagine a man who had grown up in quite special circumstances and been taught that the earth came into*
At a given time the attraction of a certain kind of explanation is greater than you can conceive. In particular, explanation of this kind 'This is really only this'." (LA,p. 24)

⁶⁶ "*How much we are doing is changing the style of thinking and how much I'm doing is changing the style of thinking and how much I'm doing is persuading people to change their style of thinking.*" (LA,p. 28)



being 50 years ago, and therefore believed this. We might instruct him: the earth has long...etc.- We should be trying to give him our picture of the world. This would happen through a kind of persuasion." (C,p.34e) O caso é ainda mais interessante por ser passível de um tratamento científico. Aparentemente não há nenhuma dificuldade em se demonstrar o contrário. Entretanto, isto estaria condicionado à dependência prévia da aceitação de uma visão científica do mundo. E uma vez que tocamos no tema, o suposto caráter auto-evidente das proposições científicas, vale a pena transcrever a seguinte observação, a respeito da posição de Wittgenstein: "Il soupçonne ouvertement Freud de faire, sous le nom de science et au nom de la science, de la (mauvaise) philosophie, c'est-à-dire d'ériger en vertu scientifiques les vices les plus caractéristiques du comportement philosophique ordinaire." (Bouveresse-1991,p.137) Retornamos, portanto, ao terreno da mitologia.

Basicamente as razões da psicanálise ser considerada uma mitologia por Wittgenstein concernem a dois de seus aspectos: a pretensão em termos do alcance da explicação (universalidade⁶⁷) e seu envoltório cientificista. Aqui, a metapsicologia que pretendia liquidar de vez as ilusões metafísicas, teria permitido que as mesmas retornassem, com toda força, pela porta dos fundos; ou seja, não seria nada além de uma mitologia que se ignora enquanto tal. (Bouveresse-1991,p.31) Mitologia engendrada por analogias

⁶⁷ "Il y a production d'un mythe toutes les fois qu'au lieu de regarder simplement la manière dont les choses se présentent en fait dans chaque cas, nous sommes conduits à postuler la présence d'un élément déterminé qui doit rendre compte de la manière dont elles se présentent dans tous les cas." (Bouveresse-1973,p. 212)

superficiais que, ao negligenciar as devidas diferenças gramaticais, produziria conhecimentos aparentes. O caso do inconsciente, enquanto instância psíquica, é de novo paradigmático, na medida em que é pensado de modo a funcionar de acordo com as mesmas regras da consciência. De forma um tanto quanto paradoxal, muitas vezes o inconsciente poderia ser considerado como equivalente à consciência, exceto pelo fato de ser inconsciente, agora em sentido adjetivo.⁶⁸

(Bouveresse-1991,p.37-8) Apesar das anfibologias e preconceitos (ou talvez, justamente por esses mesmos motivos) Freud seria o inventor de um novo estilo de pensar e de um modo de vida associado a ele. (McGuinness-1987,p.38) A aceitação de suas construções não se relacionaria com o grau de veracidade intrínseca de seus enunciados desprovidos de conteúdo proposicional e, por conseguinte, a rigor não verificáveis através de métodos experimentais.⁶⁹

Finalmente, devemos citar aquele que, em nossa opinião, afigura-se como o argumento decisivo contra uma das falácias principais da poderosa mitologia psicanalítica (evidentemente, se nos ativermos somente à sua pretensão de exclusividade hermenêutica): a idéia de que, em termos representacionais, apenas

⁶⁸ -Embora possamos dizer que essa condição é absolutamente necessária em qualquer projeto de 'exclusão' da irracionalidade.

⁶⁹ -"Therapeutic success, if it can be identified, is not experimental evidence of the required kind. It establishes only that the result of the therapy is acceptable to society or to the patient - it testifies only to, it consists in, the effectiveness or the welcome nature of the mythology, of the stories told. It has nothing to do with their truth." (McGuinness-1987, p. 38)

uma única configuração lógica seria admissível para cada estado de coisas, possuindo, ademais, o estatuto de causa. Concluo com as palavras de Wittgenstein: *"You could start with any of the objects on this table - which certainly are not put there through your dream activity - and you could find that they all could be connected in a pattern like that; and the pattern would be logical in the same way. #"*One may be able to discover certain things about oneself by this sort of free association, but it does not explain why the dream occurred. *#"*Freud refers to various ancient myths in these connexions, and claims that his researches have now explained how it came about that anybody should think or propound a myth of that sort. *#"*Whereas in fact Freud has done something different. He has not given a scientific explanation of the ancient myth. What he has done is to propound a new myth."
(LA,p.51)

Capítulo II - A noção freudiana de símbolo

"Whenever we interpret a symbol in one way or another, the interpretation is a new symbol added to the old one."
(Wittgenstein - **BLB**, p. 33)

A teoria freudiana apresenta, dentre suas novidades fundamentais, uma dimensão semântica inaudita, isto é, ela promove uma sensível ampliação do campo dos fenômenos dotados de sentido, além de ordená-los de uma maneira inteiramente singular, constituindo um contexto próprio de significação, distante daquele estabelecido pelo senso comum. Entretanto, se por um lado o procedimento psicanalítico está situado no campo das palavras, ou seja, lida fundamentalmente com relatos, por outro, Freud não explicita em seus textos a concepção lingüística da qual sua teoria seria tributária. Tentar reunir os pressupostos freudianos acerca da linguagem, verificar como estão relacionados entre si, e, principalmente, procurar articulá-los com os conceitos nucleares da teoria formulada por Freud, são os propósitos básicos do presente estudo.

Parece plausível supor que a noção de simbolismo seja uma lente particularmente privilegiada para o exame da questão proposta, dado que, aparentemente, representa o ponto de disjunção mais acentuado das formas usuais de significação, visto sua independência de fatores individuais e sua relação peculiar com uma referência remota. O conceito de símbolo, além de central na demarcação dos limites da interpretação, permite, principalmente pela via da linguagem, a redefinição da dicotomia individual/cultural (compartilhado). Assim, podemos reformular os objetivos em termos de certas questões. Depreende-se do caso do simbolismo um novo paradigma da relação de significação ou, em

outras palavras, da relação entre sentido e referência? O simbolismo seria paradigmático do tratamento freudiano dado à temática do sentido? Nos termos da crítica de Wittgenstein, trata-se de descobrir se Freud teria de fato produzido uma revolução semântica, ao conferir um caráter hipotético à referência, movimentando-se estritamente no campo do sentido, ou, se ele apenas teria substituído um simbolismo por outro, permanecendo atrelado às concepções tradicionais de significação. A tentativa de solucionar essas questões passa pelo exame da elaboração freudiana acerca do simbolismo, tanto numa perspectiva histórica como em termos de estrutura teórica.⁷⁰

Considerando a cronologia dos textos freudianos,

⁷⁰ -Algumas considerações sucintas, extraídas do "Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia" de Lalande, são mencionadas a seguir à guisa de pano de fundo. Definição de símbolo: "Do grego *συμβολον*, sinal de reconhecimento, formado pelas duas metades de um objeto quebrado que se reaproximam; mais tarde, um sinal qualquer, senha, sinete, insígnia, palavra de ordem, etc." (Lalande-1993, p. 1015) Um ponto frisado no corpo do texto, assim como no extrato da discussão da Sociedade Francesa de Filosofia de 07/03/1918, é a implicação, no caso do símbolo, "de uma correspondência analógica natural e não convencional entre a forma concreta e o objeto que a simboliza" (Delacroix); "o símbolo opõe-se ao signo artificial pelo fato de possuir um poder interno de representação" (Brunschvicg). (ibid.) Vale a pena também mencionar um outro sentido do termo, por oposição à realidade, através das palavras de Spencer: "The interpretation of all phenomena in terms of matter, motion and force is nothing more than the reduction of our complex symbols of thought to the simplest symbols; and when the equation has been brought its lowest terms, the symbols remain symbols still." (apud ibid. ,p. 1016)

encontramos uma primeira menção à noção de símbolo em *Sobre a Concepção das Afásias* (1891), justamente um estudo dedicado à linguagem, e que pode ser considerado, de certo modo, metapsicológico *avant la lettre*, muito embora não tenha merecido a devida consideração dos pioneiros no estudo de Freud. [Strachey, talvez influenciado pela terminologia neurológica do trabalho, nem mesmo o incluiu na edição das obras completas - com exceção de um pequeno fragmento à guisa de apêndice ao *Inconsciente* (1915).] Freud visa combater, no caso do aparelho da linguagem [*Sprachapparat*], a doutrina, então em voga, do localizacionismo cerebral, isto é, a atribuição de desempenhos específicos a determinadas zonas do córtex, com a conseqüente postulação de centros responsáveis pela multiplicidade das funções corticais ao lado de regiões exclusivamente de condução (Freud-1891,p.64). Apoiado pela diversidade da sintomatologia afásica (agrupada em torno das formas clínicas de afásias descritas por outros autores a partir de casos exemplares) e sem acrescentar dados empíricos da sua própria experiência, Freud apresenta um modelo explicativo das afásias baseado numa premissa associacionista, a partir de suas considerações sobre a representação mental do campo da linguagem.

Desde este ensaio, ele evita a assimilação ingênua do psíquico ao fisiológico, permanecendo rigorosamente no plano psicológico, ou seja, representacional, e levando em consideração a advertência de Jackson sobre a confusão do físico com o psíquico ao abordar o processo da linguagem: "*In all our studies of diseases of the nervous system we must be on our guard against the fallacy that what are physical states in lower centres fine away into psychological states in higher centres; that, for example,*

vibrations of sensory nerves become sensations, or that somehow or another an idea produces a movement."⁷¹ (apud Freud-1891,p.57) Além disso, Freud fornece ainda um esclarecimento do sentido em que o termo representação é tomado, viz. imagem mnêmica [Erinnerungsbilder] (Freud-1891,p.64). Sem dúvida estes dois pontos têm relevância para a constituição da teoria psicanalítica, uma vez que supõem a delimitação de um terreno estritamente representacional. É digno de nota o fato do texto em questão preceder o *Projeto*, de 1895, tido por alguns como um trabalho de neurologia, e antecipar as condições da opção de Freud pela representação, explicitada de modo inequívoco no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, de 1900.

Partindo da denominada unidade da função da linguagem para a psicologia, a palavra [Wort] (Freud-1891,75), Freud propõe um modelo complexo de integração dos componentes sensíveis da representação da mesma, bem como daqueles da representação de objetos. As diferenças entre as representações de palavra e as representações de objeto são numerosas. A primeira é um complexo associativo fechado, organizado em torno do elemento acústico; a segunda, um complexo associativo aberto, organizado em torno do elemento visual. (ibid.,79-80) Temos, portanto, uma concepção de significação onde o objeto físico (sua imagem perceptual - visual) tem a função de referência: "(...) a palavra adquire a sua denotação [Bedeutung] pela ligação com 'a representação de objeto' [Objectvorstellung], pelo menos se nos limitarmos à consideração

71 - Jackson, J. Huglings (1878) "On affections of Speech from Disease of the Brain", *Brain*, 1, p. 306.

dos substantivos." (ibid.,p.211) Para o presente estudo, entretanto, uma outra colocação revela-se ainda mais repleta de conseqüências: a escolha do termo *afasia assimbólica*⁷² para designar a perturbação de associação entre representação da palavra e representação de objeto. (ibid.,p.80) Com esse movimento, Freud introduz o símbolo no interior da linguagem (ao invés de tomá-lo como a relação tradicional entre objeto e representação de objeto). Mas, por outro lado, parece fazer da denotação dos substantivos o caso exemplar da relação de significação. Em outros termos, a opção de Freud permitiria pensar o símbolo, neste contexto, como o produto intrínseco de uma definição ostensiva (no sentido de Wittgenstein), isto é, como possuidor de um significado essencialmente extra-lingüístico em sua origem. A elucidação ostensiva, por conseguinte, teria nos primórdios do processo de constituição dos símbolos um papel decisivo. Interessa particularmente para os nossos propósitos os pontos de contato entre a teoria freudiana do simbolismo e a concepção freudiana de linguagem⁷³. Nesse sentido procuramos

72-Freud propõe a seguinte classificação: 1-afasia de primeira ordem, afasia verbal (*verbale Aphasie*), na qual está perturbada a associação entre os elementos da representação-palavra, 2-afasia de segunda ordem, afasia assimbólica (*asymbolische Aphasie*), correspondente à perturbação da associação representação-palavra e representação-objeto, e 3-afasia de terceira ordem, afasia agnósica (*agnostische Aphasie*), onde o problema reside na relação entre objeto e representação-objeto. (Freud-1891,p. 80-1)

73-É preciso verificar se Freud sustenta de modo sistemático e consistente a diferença entre representação analógica (no caso do simbolismo) e representação convencional (no caso dos signos da

investigar se o "significado" das palavras, para Freud, seria extra-lingüístico em sua origem.

Entretanto, somente a partir de 1893, data da *Comunicação Preliminar*, a noção de símbolo recebe um tratamento direto e adquire um estatuto temático no ano de 1895, com *Estudos sobre Histeria* e *Projeto de uma Psicologia* (este último não destinado à publicação). Cumpre salientar um ponto contextual comum a ambos: o estudo da sintomatologia histérica e, particularmente, do mecanismo da conversão. Antes, porém, devemos recorrer, para esclarecer a relação entre histeria, simbolismo e linguagem, a um outro texto essencial de 1893: *Algumas Considerações sobre um Estudo Comparativo entre as Paralisias Motoras e Histéricas*. Basicamente, nesse trabalho (como veremos com mais detalhe no terceiro capítulo) Freud opera a substituição da anatomia pela linguagem como universal de sua teoria representacional da histeria. (Freud, I, 207)

Antes ainda de nos concentrarmos nos dois textos nucleares de 1895, vale a pena recordar um fragmento de *As Neuropsicoses de Defesa* (1894), com o fim de evidenciar diversos elementos acerca da noção de símbolo, situados tanto em seu interior, como em seu respectivo círculo de relações: "A conversão pode ser total ou parcial, e sucederá naquela inervação motora ou sensorial que mantenha um nexo, mais íntimo ou mais laxo, com a vivência traumática. O eu consegue, assim, isentar-se de contradição, mas em troca atrai sobre si o lastro de um símbolo mnêmico que habita a consciência à maneira de um parasita, seja linguagem).

como uma inervação motora irresolúvel ou como uma sensação alucinatória que de continuo retorna e que permanecerá aí até que sobrevenha uma conversão na direção inversa." (Freud, III, p.51)

Portanto, o símbolo está em conexão íntima com a memória, podendo inclusive ser considerado como uma maneira especial de recordação, ou, talvez com mais propriedade, como resíduo de uma determinada vivência. O símbolo mnêmico confunde-se com o próprio sintoma proveniente da conversão histórica, na medida em que resulta de uma deformação particular e significativa da memória, com o intuito de isentar o eu de recordações dolorosas, embora insuficiente para neutralizar seus efeitos patológicos.

Também se apresentam aqui as modalidades de subsistência do símbolo mnêmico, exteriores ao campo da consciência (no sentido de passível de compreensão imediata). Ele toma tanto um aspecto motor como sensível: mesmo no caso de afigurar-se como corporal, como sugere a primeira situação, é sempre atravessado pelo representacional. A relação entre corpo e representação mostrar-se-á rica em conseqüências durante a articulação entre simbolismo e linguagem, presente a partir dos *Estudos sobre Histeria* (1895). Além disso, aparece a exigência de haver um nexo, ou seja, um enlace associativo entre símbolo e vivência, sem que, no entanto, seja ainda especificada sua natureza. Há duas outras características interligadas. O símbolo não apenas alude à vivência (simbolizado), desalojando-a de seu lugar, como a substitui por completo; isto é, desde que o seu mecanismo formador tenha êxito. A vivência em questão também deve ser provida de uma eficácia traumática para o indivíduo, justificando sua tentativa de suprimi-la da consciência.

Nas considerações clínicas dos *Estudos sobre Histeria* (1895), Freud discute com mais minúcia suas idéias sobre a concepção de símbolo e introduz novas *nuances* no quadro anteriormente descrito. Permanece inalterada a noção de símbolo mnêmico, como produto patológico de uma vivência traumática, entretanto, o foco desloca-se para as demais condições necessárias do mecanismo formador do símbolo. Basicamente, Freud estabelece uma distinção entre duas formas de conversão: simultaneidade e simbolização. Na primeira, a coincidência temporal teria um papel preponderante; na segunda, a existência prévia de uma similaridade seria o fator principal. Os diferentes mecanismos, por sua vez, estariam relacionados ao grau de predisposição histérica: "A conversão baseada na simultaneidade, desde que preexista um enlace associativo, parece impor exigências mínimas à predisposição histérica; por outro lado, a conversão por simbolização parece requerer um elevado grau de modificação histérica, (...)." (Freud, II, 188-9) Freud insiste na obrigatoriedade de um enlace associativo nos dois casos. Isto é essencial, pois além do fator 'predisposição', virtualmente imponderável, o enlace associativo prévio é a rigor a única condição necessária. A linha demarcatória entre os dois mecanismos perde nitidez (e, por assim dizer, relevância), posto que somente a pré-existência de laços associativos entre os elementos é alçada à posição de condição indispensável. Nesse sentido, a afirmação de Lorenzer de que haveria a passagem de uma teoria inicial do simbolismo, sem dimensão semântica⁷⁴, para uma outra onde a relação de significação

74—"o que distingue então o 'símbolo mnêmico' dos conceitos

estaria implicada, não encontra respaldo na letra freudiana. A tese de Lorenzer é a seguinte: "*O laço arbitrário e contingente é substituído por um laço lógico.*" (Lorenzer-1970,p.16) Em termos epistemológicos, essa passagem corresponderia à transição de uma teoria explicativa para uma teoria compreensiva. Sua falta de sustentação permite, no entanto, lançar luz sobre a especificidade do uso freudiano de símbolo.

Os méritos do trabalho de Lorenzer são, a nosso ver, situar o problema do símbolo numa posição nuclear, decisiva no interior da teoria psicanalítica (Lorenzer-1970,p.11 e 15), e promover a aproximação (porém por via diversa da percorrida neste texto) entre símbolo e signo lingüístico. (ibid.,p.39) Entretanto, sua principal dificuldade certamente diz respeito à concorrência de fatores contingentes como determinantes da formação de sintomas. Isto equivale a desconsiderar uma das marcas distintivas de Freud, sua convicção absoluta no determinismo psíquico. Além da já mencionada primazia do nexa associativo em detrimento do temporal, podemos mencionar a argumentação de Gabbi Jr. nos termos do *Projeto* , enfatizando que a substituição de uma representação B por A operada na raiz da constituição do símbolo não é função exclusiva da vivência B, mas do estado de coisas do aparelho psíquico no momento de ocorrência de B : "*Portanto a relação entre A e B não é contingente, mas fixada pelo 'estado de coisas', ou em termos freudianos, ela é determinada pelos caminhos*

posteriores de símbolo é a total falta de referência ao conteúdo; o mesmo é empregado estritamente como assinalamento temporal." (Lorenzer-1970, p. 11)

preferenciais.”⁷⁵ (Gabbi Jr.-1988,p.1167) Temos, portanto, desde o início, uma concepção da formação do símbolo tributária da existência de relações antecedentes significativas. Com o intuito de averiguar sua natureza, estudemos as referências ao simbolismo presentes em *Estudos sobre Histeria* (1895).

Na *Comunicação Preliminar* (1893) Freud observa agudamente o seguinte a respeito da relação entre vivência traumática e sintoma histérico (ou símbolo mnêmico, pois nesse contexto parecem ser termos equivalentes): “O nexos costuma ser tão claro a ponto de tornar evidente como o acontecimento causador produz justamente este fenômeno e não outro. Este último, então, está determinado de maneira totalmente nítida por sua causação.” (Freud,II,p.30) Os sintomas representam a persistência incomum (pela falta de elaboração -de “desgaste”- de seu conteúdo ideo-afetivo) de fragmentos objetivos (i.e., acontecidos na realidade) significativamente associados às cenas traumáticas: daí a denominação de símbolos mnêmicos. A favor dessa identidade entre símbolo e sintoma, encontramos uma menção de Freud ao termo sintoma mnêmico (ibid.,p.111), e ao contrário da opinião do tradutor da edição da *Amorroritu* (Etcheverry), expressa em nota na mesma página, não entendemos que ela seja simplesmente uma errata.

São inúmeros os exemplos fornecidos por Freud de símbolos mnêmicos ao longo de sua apresentação de casos clínicos, sendo basicamente divididos em duas classes distintas, conforme sejam relativos à determinada inervação motora ou a certo

⁷⁵ -Preserva-se dessa forma, a especificidade da teoria freudiana, a saber, a intrínseca articulação entre explicação e compreensão.

elemento sensorial. Não há propriamente nenhuma mediação, o símbolo surge de forma direta, como repetição literal de um aspecto da cena de eficácia traumática, correspondendo a uma vivência extemporânea e, por esse motivo, patológica.⁷⁶ Freud salienta encontrar sempre, além da coincidência temporal, outros fatores condicionantes da escolha do símbolo, na medida em que, evidentemente, existe sempre uma multiplicidade infinita de variáveis no contexto da cena traumática. Ressaltamos, porém, a existência de uma outra indicação freudiana concernente ao simbolismo, neste mesmo estudo, sobre o mecanismo de conversão por simbolização.

Se incluirmos este mecanismo teremos na constituição do sintoma histórico os seguintes fatores: 1-concomitância temporal (associação por simultaneidade); 2-enlace associativo direto (condição necessária também no caso de 1); 3-enlace associativo intermediado (simbolização). Cumpre destacar a especificidade do terceiro dispositivo, com o intuito de descobrir se ele acrescenta algo à noção de símbolo. Há numerosos exemplos clínicos, principalmente nos casos de Elizabeth von R., abasia: a 'sensação de não avançar um passo', de 'não ter apoio' (ibid., p.167 e 188); de Cécilie M.: neuralgia facial - 'sentiu [uma afronta] como se

⁷⁶ -Teríamos então as paralisias, as alucinações visuais (no caso de Emmy von N., Freud refere-se também ao caráter plástico da figuração das cenas traumáticas - Freud,II,p. 75), olfatórias (Lucy R., ibid., p.124-5 e 135-6), como as diversas dores, inclusive aquelas de origem orgânica (Elizabeth von R., ibid., p.187), aproveitadas pela economia do sintoma, como símbolos mnêmicos característicos dos quadros de histeria.

fosse uma bofetada -; dor no calcanhar direito, temor de 'não andar direita' (ibid.,p.191-2). Depreende-se dos exemplos (além, é claro, de referências explícitas de Freud) o estreito vínculo entre o mecanismo da simbolização e as formas expressivas comuns da linguagem ordinária ou, com mais precisão, a própria natureza lingüística da intermediação simbólica. A condição de sua ocorrência estaria na existência de incontáveis referências corporais na linguagem usual⁷⁷. Assim, encontramos novamente (após o texto sobre as afasias) a noção de símbolo articulada com a linguagem. Cabe investigar suas conseqüências imediatas.

Em *Sobre a Conceção das Afasias* (1891), entendia-se como simbólica a ligação entre uma representação de palavra e uma representação de objeto e, do mesmo modo, a denotação [Bedeutung] da palavra dava-se a partir da ligação com a representação de objeto, ao menos no caso ideal dos substantivos. (Freud-1891,p.79). Eis, portanto, a primeira aproximação freudiana entre simbolismo e relação de significação ou, talvez, numa sugestiva ousadia, o simbolismo entendido enquanto protótipo da relação de significação, onde a palavra (símbolo) adquiriria sentido pela referência a um determinado objeto físico. Certamente essa concepção seria pouco original a respeito do núcleo do problema semântico: veremos, entretanto, como ela nem de longe faz justiça à sutileza e à sofisticação da elaboração freudiana. No

⁷⁷ -Aliás, o fato da teoria freudiana sobre a histeria ter como universal a linguagem ao invés da anatomia, permite o entendimento do sintoma histórico como uma forma de afasia, a afasia assimbólica. (Gabi Jr. -1991a,p. 197)

caso da conversão por simbolização, a referência parece ser restrita não mais a um objeto qualquer, mas ao elemento corporal. Freud, inclusive, compara a sintomatologia histérica a uma escritura figural, passível de decifração pelo encontro de casos bilíngues (Freud, II, p.144). Portanto, não apenas o sintoma valer-se-ia da expressão lingüística, como ele mesmo seria constituinte de um tipo particular de linguagem corporal. Esta relação também se expressa em outros termos e revela-se extremamente importante para as teses do presente estudo: *"Todas estas sensações e inervações pertencem à 'expressão das emoções', que, como nos ensinou Darwin [1872], consiste em operações em sua origem providas de sentido e acordes a um fim; por mais que hoje se encontrem debilitadas, na maioria dos casos, a ponto de que sua expressão lingüística pareça-nos uma transferência figural, é bastante provável que tudo isso fosse entendido literalmente outrora, e a histeria acerta quando reestabelece para suas inervações mais intensas o sentido originário da palavra. E até pode ser incorreto dizer que se criam essas sensações mediante simbolização; quiçá não haja tomado ao uso lingüístico como arquétipo, senão que se alimenta como ele de uma fonte comum."* (ibid., p.193) Até este momento, tanto o símbolo mnêmico como a simbolização esclareciam-se através da recuperação de seu contexto particular (referência), relativo a um certo indivíduo e a uma determinada cena; no entanto, Freud introduz aqui uma hipótese de outra natureza, onde o individual aparentemente deixa de ter precedência absoluta.⁷⁸

⁷⁸ — Mas eu sustento que o fato de que a histérica crie mediante

A referência a Darwin, nesse determinado quadro, pode ser considerada uma primeira e por certo uma formulação ainda embrionária de uma hipótese filogenética, cuja função precípua seria estabelecer estruturas a priori (invariantes universais), em torno das quais a psicanálise poderia construir um aparato explicativo pretensamente de máxima generalidade⁷⁹. O símbolo seria a recuperação de um sentido originário literal, isto é, nas sensações corporais, as expressões lingüísticas encontrariam seu fundamento último. Evidentemente, está pressuposta a crença numa matriz lingüística originária, passível de resgate no presente apenas pela via do simbolismo ou através de seu equivalente, a sintomatologia histérica. Essa fonte comum postulada adquire progressivamente relevo durante a elaboração ulterior da teoria psicanalítica do simbolismo. É preciso investigar as conseqüências dessa hipótese para a concepção freudiana da relação de significação nesse estadio de sua teoria. Tanto no caso do símbolo mnêmico, como da simbolização, o sintoma é ininteligível pela falta de seu referente adequado ou, em outras palavras, pela troca do referente na medida em que a consciência seria propensa, na ausência de conhecimento sobre a causa efetiva, a criar falsos

simbolização uma expressão somática para uma representação de matiz afetivo é menos individual e arbitrário do que se poderia supor." (Freud,II,p. 193)

⁷⁹ -Pois, ao optar pelo campo representacional, a psicanálise cria um terreno próprio, alheio àquele dado pelo registro biológico. O abandono da anatomia como universal não significa entretanto a admissão de arbitrariedades na teoria, a linguagem ordinária passa a funcionar como medida. (Freud,I,p. 207)

enlaces causais. Acreditamos que aqui Freud tenha se inspirado nos experimentos de Bernheim a respeito da sugestão pós-hipnótica. (Freud,II,p.88). Para dizer de outro modo, no caso dos sintomas oriundos do mecanismo de simbolização, as ligações superficiais estabelecidas repousariam sobre as ligações profundas implícitas na linguagem⁸⁰, ou seja, embora a constituição do sintoma dependa da linguagem, o contexto seria necessário para esclarecê-lo.

Entretanto, a articulação entre símbolo, sintoma e linguagem somente irá receber um tratamento propriamente temático a partir de 1914 quando do acréscimo da seção sobre o simbolismo no capítulo VI da *Interpretação dos Sonhos*. Ela será apresentada com maior detalhe em 1916, na *Conferência Introdutória X*, que constitui na verdade a palavra definitiva de Freud sobre o assunto. Antes, porém, é preciso examinar os textos compreendidos no intervalo entre os *Estudos sobre Histeria* (1895) e os dois citados acima.

O primeiro deles, escrito ainda em 1895, o *Projeto de uma Psicologia*, introduz novos parâmetros na abordagem da noção de símbolo: basicamente a relação com o mecanismo do recalque⁸¹, o deslocamento (perda do referente adequado) e a substituição

⁸⁰ -Tese presente com todas as letras na *Interpretação dos Sonhos* (1900): "Toda vez que um elemento liga-se a outro através de uma associação chocante e superficial (anstößige und oberflächliche Assoziation), existe também entre ambos um enlace correto e profundo (korrekte und tiefergehend Verknüpfung), submetido à resistência da censura." (Freud,V,p. 524)

⁸¹ -Em toda a dissertação o termo "recalque" traduz o vocábulo germânico "Verdrängung", utilizado originalmente por Freud.

completa da coisa pelo símbolo. Esses pontos são explicitados na parte II do Projeto, relativa à compulsão histórica:

"Antes da análise, A é uma representação hiperintensa que com frequência excessiva adentra a consciência e provoca pranto. O indivíduo não sabe porque chora às custas de A, considera absurdo, mas não consegue impedir essa reação.

"Depois da análise, descobre-se que existe uma representação B que com direito provoca pranto e que com direito repetir-se-á uma e outra vez enquanto o indivíduo não tiver consumado contra ela uma certa operação psíquica complicada. O efeito de B não é absurdo, é compreensível para o indivíduo, e ainda pode ser combatido por ele.

"B mantém com A uma relação determinada.

"É esta: houve uma vivência que consistiu de B + A. A era uma circunstância colateral, B era apta para provocar aquele efeito permanente. Mas a reprodução daquele acontecimento na recordação formou-se como se A houvesse substituído a B. A tornou-se o substituto, o símbolo de B. Daí a incongruência: A é acompanhada de algumas consequências para as quais não parece digna, que não lhes correspondem.

"Também sobrevém normalmente formações de símbolo. O soldado sacrifica-se por um trapo multicolorido posto sobre um pau porque isso se converteu num símbolo da pátria, e ninguém o considera neurótico.

"O símbolo histórico, porém, comporta-se de outro modo. O cavalheiro que se bate pelas luvas da dama sabe, em primeiro lugar, que as luvas devem seu significado à dama; em segundo lugar, sua veneração pelas luvas não o impede de modo algum pensar

na dama e prestar-lhe outra classe de serviços. O histórico que chora às custas de A não sabe que o faz por causa da associação A - B nem que B desempenha um papel em sua vida psíquica. Aqui, o símbolo substituiu por completo a coisa do mundo [das Ding].” (Freud, I, p.396-7)

No contexto do *Projeto*, como vimos, a formação do símbolo aparece indissociável de uma defesa patológica, que opera pela supressão de determinada representação da consciência, inviabilizando assim qualquer trabalho elaborativo e, por essa razão, criando uma compulsão ininteligível⁸². Não encontramos nesse texto indicações precisas acerca da necessidade da intermediação lingüística para a formação do símbolo⁸³, este parece corresponder ao símbolo mnêmico dos *Estudos...*, e seu esclarecimento, bem como da compulsão correlata, devem ser buscados historicamente, isto é,

⁸²-O símbolo situar-se-ia muito além da metáfora, na medida em que representaria uma cristalização do significado. Poderia, nesse sentido, ser tomado como equivalente ao produto de uma definição ostensiva, pois nenhum deslizamento semântico seria admissível. Entretanto, e talvez seja esse seu traço mais extraordinário, o símbolo estaria aquém da compreensão do próprio sujeito, seria privado no limite, na fronteira do paradoxal.

⁸³-Isto é, todas as representações de um dado círculo associativo são candidatas a participar da constituição do símbolo, desde que, é claro, satisfaçam a exigência da censura (parecer inocente) e do apelo de figurabilidade (capacidade de condensar múltiplos motivos de cadeias associativas diversas). O nexos, nesse caso, nem sempre ocorre em torno do elemento lingüístico, muitas vezes funda-se numa relação direta com aspectos sensoriais envolvidos na cena. Ver no caso de Emma, o recalque com formação de símbolo, a representação “vestido” sub-rogando todo um complexo associativo (ligado a uma cena de sedução). (Freud, I, 402-3)

na recordação de uma cena particular. Além disso, o símbolo histórico, à diferença de uma bandeira, não é compartilhado, sendo válido apenas no âmbito individual. Dito de outro modo, é um simbolismo privado que nem mesmo o sujeito que o constitui tem consciência do seu sentido.⁸⁴ É, por esse motivo, patológico, na medida em que o histórico sofre os efeitos de tal desconhecimento.

Outro aspecto essencial é a necessidade do símbolo escolhido cumprir duas condições: ser uma representação 'inocente', ou seja, pouco investida afetivamente, e permitir a representação de todo um complexo de forma concisa (equivalente ao resultado do mecanismo da condensação, descrito posteriormente). Encontramos um bom exemplo do exposto no caso de Emma (Freud, I, p.402-3) e de seu falso enlace envolvendo a representação vestido, único resquício consciente de uma cena pretérita de eficácia traumática (cena de sedução). Esse exemplo é bastante significativo na medida em que mostra o lado energético da formação do símbolo, isto é, o destino do afeto após a incidência do recalque. Estes mesmos elementos serão retomados por Freud

⁸⁴ -Evidentemente a noção de "símbolo privado" causa estranheza, pois virtualmente se afigura como algo impossível. Entretanto, temos na teoria freudiana um duplo artifício para superar essa aporia. De um lado, a divisão da mente em instâncias relativamente autônomas e, de outro, a multiplicidade (e complexidade) dos registros mnêmicos, organizados em torno dos mais diversos elementos. Assim, apesar de sua aparência misteriosa, a formação do símbolo corresponderia a um processo psíquico determinado (como a totalidade dos demais), e que seria passível de elucidação por intermédio da análise. Nesse momento, poder-se-ia afirmar, a formação do símbolo comporta uma certa contingência, mas nem por isso admite a menor arbitrariedade.

posteriormente ao estabelecer a especificidade do simbolismo psicanalítico, o abandono da teoria da sedução, porém isto implicará em sensíveis alterações conceituais. Talvez a mais marcante, no caso do simbolismo, seja a perda da preponderância do fator individual na constituição do símbolo. Até 1914, no entanto, encontramos apenas menções esparsas à noção de símbolo, incapazes de prefigurar as soluções teóricas vindouras.

No período compreendido entre 1896 e 1910, quando o termo símbolo passa a ser utilizado de modo não sistemático, com uma ampliação do seu leque de significados, pelo menos duas acepções distintas convivem sem uma delimitação precisa. A primeira é relativa ao símbolo mnêmico, no mesmo sentido dos *Estudos...*, e a segunda, sem muita precisão, é tomada como sinonímia para figuração indireta, alusiva e principalmente analógica. Nos dois casos, existe um enlace associativo obrigatório, sendo respectivamente datado em um e intemporal no outro.

Em dois textos de 1896, relativos à histeria, encontramos referências ao símbolo mnêmico, no contexto da teoria da sedução, portanto, com o estatuto de reminiscências de acontecimentos (traumáticos) reais. *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa (1896): "O retorno do reprimido em imagens visuais está mais próximo do caráter da histeria do que da neurose obsessiva; todavia, a histeria costuma repetir seus símbolos mnêmicos sem modificação, enquanto que a alucinação mnêmica paranóica experimenta uma destiguração, como sucede na neurose obsessiva; uma imagem moderna análoga substitui aquela reprimida (...)." (Freud, III, p.183)* Parece não haver intermediação de

espécie alguma, dado o caráter sensorial do símbolo, e mesmo as deformações mencionadas não modificam propriamente a natureza da recordação. Um pouco adiante lemos: "*1-A etiologia da histeria. O prosseguimento do trabalho com histéricos trouxe como resultado uniforme o esclarecimento de que as vivências traumáticas conjeturadas, das quais os sintomas histéricos persistem como seus símbolos mnêmicos, sobrevêm na mais precoce infância dos enfermos e cabe defini-las como um abuso sexual em sentido estrito.*" (ibid.,p.246) Evidentemente, dentro desse quadro conceitual, inexistente a possibilidade de um simbolismo invariante, pois, em última instância, não vigora uma relação necessária entre símbolo e linguagem. Aqui, o símbolo é o produto complexo de uma situação patológica, mas não existe um "universal" organizando sua formação: no contexto da teoria da sedução uma certa contingência é admitida, o que está muito longe de implicar a arbitrariedade da construção. O surgimento do símbolo depende, em última instância, mais do estado de coisas prévio do aparelho psíquico do que de um determinado aspecto da cena traumática.

Mesmo após o abandono da pretensão realista implicada na teoria da sedução, o termo símbolo mnêmico recebe algumas menções. As derradeiras parecem ocorrer no final da primeira década deste século. A primeira, presente em *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade* (1908) reafirma a identidade entre símbolo e sintoma: "*1-O sintoma histérico é o símbolo mnêmico [Erinnerungssymbol] de certas impressões e vivências (traumáticas) eficazes.*" (Freud,IX,p.144) A outra, nas *Cinco Conferências sobre Psicanálise* (1910), além de mais demorada, conserva um tom poético, pois Freud, ao utilizar a tradicional

fórmula da histeria [*"Nossos enfermos de histeria sofrem de reminiscências. Seus sintomas são restos e símbolos mnêmicos de certas vivências (traumáticas)."* (Freud, XI, p.13-4)], compara os símbolos mnêmicos com marcos históricos de Londres, *Charing Cross* e *The Monument*, ambos recordações de acontecimentos trágicos e dolorosos. A analogia é aprofundada quando ele coloca lado a lado os neuróticos e os hipotéticos londrinos, comovidos e desolados diante de um passado remoto. A ênfase histórica certamente não é casual: pelo contrário, ela parece muito apropriada para dar conta da noção de símbolo mnêmico.

É muito significativa uma passagem presente no texto *Sobre as Lembranças Encobridoras* (1899). Aqui se interpõe, entre a memória e a realidade, a fantasia e, portanto, a realidade histórica deixa de ser uma referência última. Em outras palavras, as representações são escolhidas em função de sua aptidão para figurar as fantasias. Entre as representações têm relevância as relações alusivas, indiretas, analógicas: *"Para as indicações de nossa memória não temos garantia alguma. Mas conceder-lhe-ei que a cena é autêntica; então você recolheu-a entre muitíssimas outras, tanto semelhantes como diversas, porque, em virtude de seu conteúdo - em si indiferente- era apta para figurar as duas fantasias que haviam adquirido uma substantividade suficiente para você. A uma recordação assim, cujo valor consiste em sub-rogar na memória umas impressões e uns pensamentos de um tempo posterior, e cujo conteúdo liga-se com o genuíno mediante vínculos simbólicos e outros semelhantes, eu chama-la-ia de recordação encobridora [Deckerinnerung]."* (Freud, III, p.309) Vale a pena lembrar aqui a multiplicidade dos sistemas de memória, surgidos em épocas

distintas, com diferentes princípios organizadores, tal como aparece na carta a Fliess de 06/12/1896 (Freud, I, p.274). Aliás, como sublinha Gabbi Jr., "(...) a teoria freudiana do inconsciente é, em sentido lato, uma teoria da memória." (Gabbi Jr.-1992, p.49) Como vimos anteriormente, a noção de símbolo mnémico promovia uma primeira articulação entre ambos os elementos, sendo a memória porém considerada exclusivamente no plano individual.

No texto original, de 1900, da *Interpretação dos Sonhos* são poucas as referências ao termo "simbolismo" e elas, por sua vez, nada acrescentam aos trabalhos anteriores. De certa forma, isto pode ser considerado surpreendente, pois o conceito de símbolo deve central em qualquer teoria hermenêutica, e como a psicanálise utiliza-se basicamente de interpretação, o símbolo também deve ter um papel aqui. No entanto, por outro lado, dada a especificidade da empresa freudiana, podemos esclarecer essa aparente ausência justamente pela ruptura com a concepção tradicional de símbolo (onírico), isto é, aquela que supõe que a cada elemento, há um significado fixo. A inovação freudiana é justamente, nesse momento, sustentar um simbolismo aberto, individualizado. Freud visa abolir as chaves interpretativas, característica dos métodos antigos e populares, sem abdicar todavia do aspecto semântico do sonho. Uma das poucas generalizações simbólicas é feita por intermédio de analogias plásticas e lingüísticas: *"Chamo a atenção aqui sobre o traslado de abaixo para acima, tão comum, e que está a serviço da repressão sexual; em virtude dele, na histeria toda classe de sensações e de intenções destinadas à resolução nos genitais podem realizar-se ao menos em outras partes do corpo que estão livres de obieção. Um*

caso de traslado dessa índole apresenta-se também quando no simbolismo do pensamento inconsciente os genitais são substituídos pelo rosto. O uso lingüístico contribui para isso, pois nas nádegas [Hinterbacken, faces traseiras] encontra o homólogo das faces, e além dos lábios que delimitam a cavidade bucal conhece outros, os da vuiva. Em alusões incontáveis o nariz é equiparado ao pênis, e num caso e outro a formação pilífera aperfeiçoa a semelhança." (Freud,V,p.390) As referências corporais e particularmente sexuais da linguagem ordinária são recorrentes nos textos freudianos desde os *Estudos sobre Histeria*. Basta lembrar que a sintomatologia histérica compartilha com a linguagem uma suposta fonte comum. Alguns desdobramentos importantes dessa relação apontam para as soluções teóricas posteriores e serão explicitados ao abordarmos os textos compreendidos entre 1914 e 1916.

Na *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) encontramos diversos usos laxos do termo 'simbolismo'. Por exemplo, diferença entre m e n como sub-rogado simbólico da diferença entre os sexos (Freud,VI,p.53), as exteriorizações motoras figurando de maneira simbólica fantasias e desejos (ibid.,p.267). Em outra obra do mesmo ano (publicada, no entanto, em 1905) *Fragmento de análise de um caso de histeria*, Freud fornece uma interpretação simbólica da afonia de Dora⁸⁵, mas, adverte sobre a determinação específica do

⁸⁵ -"A afonia de Dora admitia então a seguinte interpretação simbólica: Quando o amado estava distante, ela renunciava a falar, fazê-lo havia perdido valor, pois não podia falar com ele. Inversamente, a escrita cobrava importância como o único meio pelo qual podia tratar com o ausente." (Freud,VII,36)

sintoma, prevenindo contra generalizações (Freud, VII, p.36). Fazendo um balanço da elaboração freudiana até este momento, autorizamo-nos a sustentar a prevalência de uma curiosa mistura, composta sem que cada um dos elementos tenha um teor previamente estabelecido, tanto analógicos como históricos. Haveria uma concepção de simbolismo fundamentalmente avessa à transformação do mesmo em código. A relação entre símbolo e contexto (englobando igualmente o estado de coisas do aparelho psíquico, e a realidade fática - histórica) é ainda bastante complexa, suportando uma tensão constante em seu interior.

Entretanto, nem sempre encontramos um uso perfeitamente sistemático dos termos. Existem, por exemplo, passagens dos *Estudos sobre Histeria*, assinaladas na leitura de Lorenzer, que acentuam a importância da simultaneidade de eventos para a formação do símbolo. Apesar da existência de aspectos contingentes na cena, a convergência em torno de um elemento (futuro símbolo, no final do processo) é sempre determinada. Por esse motivo, citações isoladas devem ser examinadas com alguma ressalva. No artigo *Ações obsessivas e práticas religiosas*, de 1907, Freud aparentemente contrapõe dois modos de figuração como se fossem independentes: "*Sendo as ações obsessivas averiguadas por inteiro e em todos seus detalhes, elas possuem sentido, estão a serviço de interesses substantivos da personalidade e expressam suas vivências duradouras e seus pensamentos investidos de afeto. E fazem-no de duas maneiras: como figurações diretas ou simbólicas; e conseqüentemente, devem ser interpretadas histórica ou simbolicamente.*" (Freud, IX, p.103) A impossibilidade da independência de ambos pode ser expressa com as seguintes

palavras: se a determinação for puramente temporal (histórica), como justificar que outros elementos igualmente simultâneos tenham sido preteridos? E se a determinação simbólica é exclusiva, como sustentar um simbolismo aberto, individual? Não há condições teóricas nesse momento para eliminar o impasse, e ele vai subsistir como ponto de tensão da elaboração freudiana ulterior. E mesmo que se preconize uma combinação entre ambos, não é possível de deixar de conceder primazia a um deles. Aventar uma solução qualquer significa desafiar a superação deste problema.

Uma última incursão por esses escritos intermediários, como *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci* (1910), pode fornecer indicações adicionais acerca do método interpretativo empregado por Freud e, por conseguinte, iluminar aspectos ligados ao conceito de símbolo. Aqui a metáfora freudiana recorrente da tradução [*Übersetzung*], e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, uma fantasia expressa em linguagem privada são esclarecidas pelo concurso dos usos lingüísticos: "Se considerarmos, pois, a fantasia de Leonardo com os olhos do psicanalista, a mesma não conserva por muito tempo uma aparência desconhecida; recordamos que, às vezes, por exemplo em sonhos, temos encontrado algo parecido, de modo que nos atreveríamos a traduzir esta fantasia de sua linguagem privada [*eigentümliche Sprache*] para palavras comuns compreensíveis. E propriamente, a tradução aponta ao erótico. *Cauda, coda*, é um dos mais familiares símbolos e designações substitutivas do membro viril, não menos em italiano do que em outras línguas (...)." (Freud, XI, p.80) Além da relação do símbolo com o uso lingüístico, parece pressuposto algo mais, principalmente tendo em vista a última proposição que supõe uma

certa referência corporal da linguagem. Nesse mesmo sentido e em contexto distinto da histeria, Freud observa: "A veneração fetichista do pé e do sapato feminino somente depende deles serem alçados à posição de um símbolo substitutivo do membro da mulher outrora venerado e faltante desde então (...)." (ibid., p.90) E ainda traz à tona uma hipótese genética para explicar essas conexões entre sintoma, simbolismo e linguagem: "Mas dado o caráter indelével inerente à natureza de todo vestígio anímico, não devemos nos assombrar de que mesmo as formas mais primitivas de adoração dos genitais puderam ser rastreadas até tempos recentíssimos, e que os usos lingüísticos, os costumes e superstições da humanidade atual contenham relíquias de todas as razas desse itinerário de desenvolvimento." (ibid.) Investiguemos, portanto, a constelação dos pontos convocados pela série de exemplos mencionados, com o fim de esclarecer o papel do elemento sexual, aparentemente o fio condutor da elaboração freudiana.

A *Interpretação dos Sonhos* foi um dos poucos textos freudianos a sofrer continuamente acréscimos e retificações em suas sucessivas edições, até o ano de 1925. E certamente, as mais drásticas modificações ocorreram em relação ao simbolismo, tornando necessária uma introdução histórica sobre esse percurso gradual. A seção E do capítulo VI sobre a figuração simbólica, em sua forma definitiva, tem o aspecto de um estranho mosaico, dificultando a apreensão sistemática das hipóteses envolvidas. As primeiras referências ao simbolismo, no sentido especificamente psicanalítico que ele vai assumir, datam de 1909 e 1911, e aparecem no capítulo V como comentários aos denominados sonhos típicos. A mencionada seção E surge apenas em 1914 e é

complementada nos anos de 1919 e 1925. O próprio Freud, em nota de 1919, remete o leitor às suas *Conferências Introdutórias*, onde, segundo ele mesmo, o assunto é tratado com mais detalhamento (Freud, V, p. 365); podemos acrescentar, com mais unidade temática. Mesmo assim, e a despeito de não haver divergências entre ambos os textos, e correndo ainda por cima o risco de certa redundância, consideraremos inicialmente a montagem da seção E da *Interpretação dos Sonhos* e a seguir a lógica intrínseca da *Conferência X* (1916) com suas articulações conceituais.

Um único trecho, de 1909, iluminará ao mesmo tempo três aspectos cruciais acerca do simbolismo: (1) a figuração simbólica preferencial do elemento sexual, (2) a relação constante de significação e (3) sua desconsideração enquanto produto onírico.⁸⁶

⁸⁶—“Uma vez familiarizados com o generoso emprego do simbolismo que se faz no sonho para a figuração do material sexual, por força perguntar-nos-emos se muitos destes símbolos não possuem, como os ‘estenogramas’ da taquigrafia, um significado estabelecido de uma vez para sempre; e pode surgir a tentação de esboçar um novo livro dos sonhos seguindo o método do deciframento. Frente a isso se deve observar: o simbolismo não pertence em propriedade ao sonho, senão ao representar inconsciente, em especial do povo; e mais completo do que no sonho iremos encontrá-lo no folclore, nos mitos, sagas e expressões idiomáticas, na sabedoria do adagiário e nos chistes que circulam num povo.” (Freud, V, p. 357) Na seção XII, incorporada em 1911, ao apêndice Sobre o Sonho (1901), há um desenvolvimento maior do mesmo assunto, no sentido de viabilizar uma incursão psicanalítica no campo cultural: “O simbolismo onírico leva-nos muito mais além do sonho; não pertence em propriedade a ele, senão que de igual maneira preside a figuração nos contos tradicionais, mitos e sagas, nos chistes e no folclore. Permite-nos perseguir as vinculações internas do sonho com estas

temos. não mais um simbolismo privado, mas compartilhado por indivíduos no interior de uma determinada cultura. O problema que se impõe nesse instante é diferenciar o simbolismo compartilhado da linguagem natural. Ele seria, por assim dizer, uma espécie de linguagem arcaica, uma verdadeira modalidade que a prepara: seria equivalente ao processo de nomeação. Os símbolos, como os nomes, seriam rótulos, etiquetas. Entretanto, restrito ao âmbito do sexual, o que torna a explicação psicanalítica do paradoxo da linguagem mais compreensível dado seu caráter metafórico. O recalque incidiria sobre o elemento sexual presente na própria origem comum do simbolismo e da linguagem. O percurso freudiano, no caso específico do primeiro, parece assumir a seguinte feição: do particular (símbolo mnêmico) ao cultural (simbolização) e deste ao universal (matriz lingüística comum ao simbolismo e à linguagem).

Ainda a respeito de acréscimos realizados em 1909, temos a inesgotabilidade do simbolismo concernente aos genitais. Semelhantes ao chiste (Freud,V,p.362), os símbolos não seriam inequívocos e, portanto, passíveis de interpretações não simbólicas. (ibid.,p.358) A principal consequência disso é a recomendação de uma técnica interpretativa mista: *"As duas técnicas devem complementar-se; mas tanto na prática como na teoria a precedência segue correspondendo ao procedimento que descrevemos primeiro, o que atribue importância decisiva às*

produções; mas devemos dizer que não é engendrado pelo trabalho do sonho, senão que é uma peculiaridade, provavelmente de nosso pensar inconsciente que brinda àquele com material para a condensação, o deslocamento e a dramatização." (ibid.,p. 667)

associações do sonhante, vindo para agregar-se como meio auxiliar à tradução de símbolos que acabamos de introduzir." (ibid.,p.365) Em outros termos, o critério freudiano de reconhecimento de um símbolo depende estritamente do procedimento clínico, na medida em que qualquer elemento passível de um significado simbólico, precisa ser identificado e validado como símbolo no contexto transferencial específico. O analista deve diferenciar a falta de associações que caracteriza o símbolo - elemento 'mudo' - (ibid.-1911-p.366), de um silêncio enquanto resistência. Desse modo, se a clínica conserva um papel determinante, não deixa de subsistir um certo grau de arbitrariedade na definição, em termos teóricos, do símbolo.

Nesse sentido, parece ser de especial importância a franca desproporção entre o número de símbolos e os poucos elementos passíveis desse tipo particular de figuração. Por exemplo, a multiplicidade que exibem em relação aos genitais. Aqui, seguramente, surge o problema da escolha do símbolo, e a solução freudiana aponta novamente para o contexto, isto é, para o apelo econômico de maximizar os enlaces associativos: *"Toda vez que para figurar um conteúdo ofereçam-se à sua eleição vários símbolos, decidir-se-á pelo que mostre, ademais, vinculações temáticas com algum outro material de pensamentos e, portanto, admita uma motivação individual somada à vigente em sentido típico."* (ibid.-1914-p.358) De 1911, vale a pena mencionar também a postulação freudiana de um sentido sexual para as criações léxicas incompreensíveis. (ibid.,p.362) No apêndice *Sobre o Sonho*, particularmente na seção XII, há uma espécie de resumo das idéias freudianas do momento, onde é útil deatacar alguns pontos: a

íntima relação existente entre o sexual e a representação simbólica, devida à ação de uma censura ativa, a superação de fronteiras lingüísticas (um passo em direção ao universal) e a falta de uma explicação adequada, nesse instante, da natureza dos vínculos e conexões entre os diversos elementos.⁸⁷ Os problemas começam a ganhar contornos mais nítidos. De um lado, temos uma via de ligação nem sempre inteligível (modo de comparação) e, de outro, a dificuldade de se afirmar a existência de um conhecimento inconsciente (superando inclusive as fronteiras lingüísticas). Finalmente, o impedimento antecipado de se contar exclusivamente com hipóteses genéticas de uma origem remota, posto que: *"O poder de formar símbolos não se extinguiu no presente para nenhuma das duas variedades que distingui no começo deste parágrafo. Pode-se observar que objetos de recente invenção (como o aeróstato) são elevados de imediato à condição de símbolos sexuais de uso universal."* (ibid., p.666) Assim, progressivamente e na mesma

⁸⁷ -"O material constituído de representações sexuais não encontra permissão de ser figurado como tal, senão que o mesmo tem que ser substituído no conteúdo do sonho por insinuações, alusões e modos similares de figuração indireta; mas à diferença de outros casos, desta vez a empregada no sonho não deve ser imediatamente compreensível. Temos nos habituado a designar os meios de figuração que correspondem a estas condições como símbolos do figurado por eles. Passaram a ser objeto de um interesse particular desde que se notou que os sonhantes de uma mesma língua servem-se dos mesmos símbolos e, mais ainda, que em certos casos essa comunidade de símbolos ultrapassa o âmbito de uma comunidade lingüística. Posto que os sonhantes não conhecem o significado dos símbolos que usam, em princípio continua sendo enigmática a base de seu vínculo com o que substituem e designam." (Freud, V, p. 665)

medida, surgem novas idéias e problemas a ser integrados (e solucionados) no interior de uma teoria especificamente psicanalítica do simbolismo.

Em relação à seção E do capítulo VI da *Interpretação dos Sonhos*, podemos considerar que ela é pródiga em exemplos, mas frouxa em termos conceituais, incorporando e reafirmando alguns do pontos mencionados e introduzindo também certas novidades. A principal delas, com certeza, é a introdução de explicações genéticas: "*Nesta série de casos, o comum entre o símbolo e o genuíno que ele substitui é manifesto, mas em outros casos está oculto; a eleição do símbolo parece então enigmática. Precisamente estes casos têm o poder de lançar luz sobre o sentido último da referência simbólica; indicam que esta é de natureza genética. O que hoje está conectado por via do símbolo, em tempos primordiais, com probabilidade, esteve unido por uma identidade conceitual e lingüística. A referência simbólica parece resto e marca de uma identidade antiga.*" (Freud, V, p.357-8) A solução freudiana parece reportar-se de certa forma àquela idéia presente nos *Estudos sobre Histeria* de uma fonte comum, uma referência última, originária. Essa linha argumentativa vai cobrar um destaque especial na *Conferência Introdutória X*, escrita dois anos depois. Outro ponto de 1914 digno de nota é o *referendum* da técnica interpretativa combinada (ibid., p.359), uma vez que os símbolos oníricos "(...) geralmente são multívocos, de modo que, como na escrita chinesa, somente o contexto possibilita a apreensão correta em cada caso. A esta multivocidade dos símbolos liga-se também a capacidade do sonho de admitir sobre-interpretações, de figurar num só conteúdo diferentes formações de pensamento e noções de desejo, às vezes de

natureza muito díspar." (ibid.,p.359) Assim, pode-se justificar a escolha de um símbolo em detrimento de outros, além do caso considerado por Freud de simultaneamente haver significados simbólicos e não simbólicos. Um exemplo muito ilustrativo dessa possibilidade é o sonho que se inicia com *"I arrange the centre of a table with flowers for a birthday."* (ibid.,p.378-382) Portanto, o simbolismo deve ser entendido como uma modalidade adicional de figuração, de modo algum exclusiva, o que certamente torna o trabalho interpretativo ainda mais complexo.

A Conferência X, cerne da concepção freudiana do simbolismo, não cumpre apenas o seu propósito básico de fornecer uma apresentação geral e sucinta da teoria, mas leva a termo um autêntico desenvolvimento teórico, sendo as teses anteriores expostas de modo mais elaborado e minucioso. Certamente deve ter contribuído para isso o fato do tema em questão ter sido elevado em data relativamente recente a um ponto de vista propriamente conceitual. Freud procurou desincumbir-se da tarefa proposta em 1914 de delimitar a noção de símbolo no interior do corpo teórico psicanalítico: *"Aqui nos limitaremos a dizer que a figuração [Darstellung] mediante um símbolo pertence às figurações indiretas, mas que toda classe de indícios alertam-nos para que não confundamos em indistinção a figuração simbólica [Symboldarstellung] com os outros modos de figuração indireta, sem haver podido apreender todavia com clareza conceitual essas características diferenciais."* (Freud,V,p.357)

A definição central do texto é apresentada logo no início: *"Chamamos simbólica [symbolische] uma relação [Beziehung] constante dessa índole entre um elemento onírico e sua*

tradução [Übersetzung], e ao elemento onírico mesmo, um símbolo [Symbol] do pensamento onírico inconsciente." (Freud, XV, p.137) Ao utilizar a metáfora da tradução, Freud aparentemente promove uma radical reformulação de suas idéias, parecendo dar crédito àquelas concepções ditas populares, criticadas na seção histórica, no início da *Interpretação dos Sonhos*. Veremos em breve como essa suposta contradição transforma-se em ponto essencial de tensão e constitui-se, de certa forma, na novidade, na originalidade da posição freudiana.

Com o intuito de melhor elucidar as razões freudianas acerca do simbolismo onírico, iremos dividi-las em três grandes grupos que evidentemente guardam uma estreita relação entre si: a) a necessidade teórica; b) o papel determinante da clínica; c) a incursão da psicanálise no campo da cultura.

Freud, ao mencionar as contribuições de seu discípulo Stekel, na *Interpretação dos Sonhos*, apresenta o simbolismo como uma descoberta essencialmente clínica. Entretanto se, por um lado, Freud admite a aguda intuição desse autor, por outro, recrimina fortemente sua falta de senso crítico, que o faz desconsiderar o conjunto da teoria. Mencionamos anteriormente a dependência da clínica, isto é, do elemento transferencial no reconhecimento do símbolo, assim como a falta de critérios precisos *a priori* para sua delimitação e, por conseguinte, a vaguidade teórica subjacente. Apesar de não haver um rigoroso paralelismo entre o trabalho clínico de Freud e suas reformulações teóricas, nem por isso se pode sustentar um descolamento entre ambos. O movimento do pensamento de Freud é singularmente complexo. As descobertas clínicas e as construções metapsicológicas guardam entre si uma

relação de interdependência, mas nem sempre as influências das mudanças numa delas incidem de imediato na outra e frequentemente uma certa assincronia pode ser constatada nesses lapsos de tempo.

É precisamente em relação à necessidade teórica da postulação do simbolismo que podemos depreender o fundamento e a especificidade da concepção freudiana. Um primeiro ponto relevante é a questão da continuidade do pensamento durante o ciclo sono/vigília. Até então a censura era reputada como a única responsável pela não compreensibilidade imediata dos sonhos; assim, o simbolismo surge na condição de um dispositivo a mais a agir com esse fim. Entretanto, cumpre ressaltar não ter esse fator novo de deformação (simbolismo) a mesma natureza da censura, uma vez que ele não pode ser considerado um produto do psiquismo individual. Não constitui propriamente parte do trabalho do sonho, porém é utilizado, a seu turno, pela censura: *"Por conseguinte, o simbolismo é, junto à censura onírica, um segundo fator de deformação do sonho e um fator autônomo. Todavia é fácil supor que resulta muito cômodo para a censura onírica servir-se do simbolismo, posto que ambos procuram o mesmo objetivo: a alienação e o caráter de incompreensibilidade do sonho."* (Freud, XV, p.154) O tema da deformação permite constatar as seguintes vinculações entre os elementos dos sonhos e seu substrato: a) parte e todo; b) alusão; c) ilustração plástica; d) relação simbólica, recém-admitida. (Freud, XV, 109-10 e 137) Entretanto a lógica de utilização dessas diversas formas pelo inconsciente permanece completamente inextricável. A psicanálise perfaz somente o caminho do manifesto ao latente e nunca o contrário, como o realizam, para a admiração de Freud, de modo não conceitual (intuitivo), os

Observamos ainda a harmonização da concepção de símbolo com a idéia da sobredeterminação, na medida em que mencionamos a possibilidade de sempre haver significados adicionais, da factibilidade do símbolo ser e não ser simultaneamente tomado na acepção simbólica. A sobredeterminação, correlata da polissemia, resulta do mecanismo de condensação. Temos, portanto, o seguinte estado de coisas: o símbolo, enquanto elemento imerso na cultura, e especialmente na linguagem e, ainda por cima, sujeito ao trabalho do sonho, em termos de significação, não seria unívoco, nem tampouco completamente indeterminado. Talvez seja válido supor a esse respeito uma amplitude menor da gama semântica do simbolismo em comparação com a dos signos lingüísticos (lembrar as incontáveis línguas), pois enquanto os primeiros são analógicos, os últimos são convencionais. Muito embora, o símbolo, enquanto imagem, conserve um poder evocativo ilimitado. De qualquer forma, seu sentido, como aliás de todos os outros componentes do sonho, não poderia em princípio ser esgotado, posto que "(...) estritamente falando, a 'quota de condensação' é indeterminável." (Freud, IV, p.284)

Segundo a observação de Gabbi Jr., "o aparelho psíquico freudiano é pensado de modo a produzir a passagem do domínio da imagem para o da palavra" (Gabbi Jr.-1991b, p.39). Nesse sentido, o conceito de regressão é necessário para explicar o fato do pensamento, durante o sonho, aparecer sob a forma de imagem. No

⁸⁸ -Nada mais ilustrativo nesse sentido do que o bellissimo ensaio "O delírio e os sonhos da 'Gradiva' de W. Jensen". (Freud, IX, 7-79)

caso acima, temos uma regressão tópica (inversão do curso normal da excitação de um pólo do aparelho, ϕ , ao outro, ψ . O símbolo, por sua vez, cumpre os requisitos da denominada regressão formal, isto é, a substituição de formas de expressão e representação por formas correspondentes mais primitivas. (Freud,V,p.541)

Além disso, é de mais absoluta relevância a explicação do simbolismo em termos econômicos, situando a noção de símbolo em relação ao mecanismo do recalque. Podemos antecipar, seguindo tal via, que esse será o ponto de fundamentação do simbolismo em sentido único (one way, i.e., o sexual é figurado pelos mais diversos elementos, mas contrariamente, não se presta a representá-los), bem como o campo restrito do simbolizado. O argumento freudiano parece ser o seguinte, somente as representações mais investidas de (ocupadas pela) quantidade (libido, em termos psicológicos) são passíveis de uma figuração simbólica e são exatamente elas (de cunho sexual) as sujeitas ao recalque.

Antes de abordarmos a investida freudiana no campo da cultura, merece ser salientada a recusa do criador da psicanálise em tomar a fisiologia como base explicativa dos fenômenos do sonho (Freud,V,p.498-501); nem a biologia, nem tampouco a cultura devem fornecer os fundamentos da psicanálise. o projeto freudiano é bastante ambicioso, na medida em que pretende transitar em terreno próprio. Esse esclarecimento faz sentido se nos ativermos ao contexto da elaboração da concepção do simbolismo. Em 1913 Freud publicou *Totém e Tabu*, visando examinar a origem da moral e da religião. e, de acordo com Gabbi Jr. (1991c), tal texto deve ser entendido como uma obra metapsicológica e não como antropologia

fantástica (p.129). Os quatro ensaios constitutivos do livro teriam a precípua função de esclarecer "o que organiza as representações no interior do aparelho psíquico" (p.129) e justificar a existência de uma estrutura universal, o Complexo de Édipo: "Totem und Tabu pode ser descrito, portanto como a tentativa freudiana de recorrer à hipótese filogenética com o objetivo de construir uma série de estruturas a priori." (p.130) Assim, o procedimento freudiano, na aparência, busca subsídios para suas teses na cultura, no entanto, no final das contas, a cultura é que vem a ser esclarecida pela psicanálise, a partir do postulado de um dualismo onde um dos pólos é comandado pelo elemento sexual. Somente a cultura previamente interpretada do ponto de vista psicanalítico serve de ponto de apoio. A história mítica, e não reconstrução antropológica (i.e., sem pretensão realista), de *Totém e Tabu* cumpre uma precisa função metapsicológica: estabelecer as condições de universalidade dos constructos psicanalíticos. Veremos no final da Conferência X uma solução semelhante (em linhas gerais) para a questão do simbolismo, o desenvolvimento da hipótese filogenética esboçada inicialmente nos *Estudos sobre Histeria* (1895). Um pouco adiante, examinaremos tal analogia, no sentido de verificar se a construção, no caso do simbolismo, também desempenha um papel estrutural semelhante no interior da teoria.

Voltemos a atenção para o exame das teses articuladas na Conferência X. Em primeiro lugar aquela que diz respeito ao campo do simbolizado: restrito e em franca desproporção ao número de símbolos. Basicamente, o elemento corporal por si só, enquanto ponto de convergência das necessidades sexuais e de conservação

(do indivíduo e da espécie), monopoliza a possibilidade de receber uma representação simbólica: "A gama de coisas que encontram figuração simbólica não é grande: o corpo humano como um todo, os pais, filhos, irmãos, o nascimento, a morte, a nudez... e algumas outras." (Freud, XV, p.139) O processo de simbolização diria respeito apenas àquelas situações mais invariantes da vida humana, e principalmente, mais investidas de afeto. A explicação econômica é o traço distintivo da teoria freudiana, em comparação ao simbolismo em sentido amplo de outras áreas, onde inexiste a necessidade do mesmo possuir em seu interior uma polaridade sexual. Mas certamente não se trata de uma descoberta clínica, como Freud pretende (ibid., p.152) e sim de entender a conotação sexual do simbolismo como a escolha de um operador de leitura, como um postulado inevitável da teoria psicanalítica, justamente onde se encontra a definição de sua especificidade. Em outras palavras, somente a partir de uma teoria da neurose onde o sexual é privilegiado enquanto um dos pólos do conflito (do dualismo pulsional, em termos metapsicológicos), a psicanálise pode ser explicativa e, nesse sentido, o esclarecimento do símbolo permanece tributário de seu prévio assimilamento ao sintoma.

Um interessante ponto de contato com a noção de símbolo mnêmico pode ser vislumbrado, na medida em que o símbolo é entendido como uma substituição definitiva, efeito do mecanismo do recalque em ambos os casos; entretanto no primeiro, o conhecimento inconsciente depende do registro nos sistemas de memória, podendo vir à luz no processo de análise dentro de um contexto histórico individual, enquanto no sentido de 1916, presume-se outra espécie de conhecimento inconsciente, de relações analógicas independentes

do indivíduo.⁸⁹ Outra tese central, aventada por Freud, tem como enunciado a negação de um fator contingente no interior da relação simbólica, onde a conexão entre símbolo e simbolizado é efetivamente promovida por um laço lógico, por uma certa semelhança eficaz: "A essência da referência simbólica é uma comparação [Vergleich], mas não uma qualquer." (Freud, XV, p.139) Entretanto, o próprio Freud admite uma excessiva fluidez dos critérios para demarcação do simbolismo, sendo por vezes complicado diferenciá-lo de outras formas indiretas de figuração. (ibid.) Dois anos depois, em 1918, um discípulo de Freud, Ernest Jones propõe-se como tarefa encontrar esses critérios. Em *The Theory of Symbolism*⁹⁰, procura diferenciar o simbolismo

⁸⁹ -"Mas agora se trata de algo mais, precisamente de conhecimentos inconscientes, de conexões conceituais, de comparações entre objetos diversos, que levam a que se possa substituir de maneira constante um por outro. Estas comparações não se estabelecem como algo novo a cada vez, senão que já estão disponíveis, estão listadas de uma vez por todas; é o que resulta de sua concordância em diversas pessoas, concordância esta que quiçá se cumpra apesar das diferenças de idiomas." (Freud, XV, p. 151)

⁹⁰ -Pelo fato de sua publicação ter sido apreciada pelo próprio Freud, e principalmente por se ter tornado uma espécie de referência obrigatória para os psicanalistas, impõe-se ao menos uma apresentação sumária de suas teses. A delimitação do conceito de 'true symbolism' depende do cumprimento de seis atributos: 1-o símbolo implica na substituição de uma idéia essencial por outra de menor relevância, que se torna pelo processo significativa (verificamos uma espécie de derivação de sentido); 2-entre o símbolo e o simbolizado há uma relação de comunidade, ainda que apareça à consciência como muito superficial; 3-o símbolo tende a ser sensorial e concreto, sendo o representado, habitualmente,

propriamente psicanalítico (*true symbolism*) das demais modalidades figurativas.⁹¹

mais abstrato e complexo; 4-o pensamento simbólico seria mais primitivo, tanto onto como filogeneticamente; 5-a idéia representada está, de certo modo, oculta, encoberta; 6-à semelhança do chiste, a produção do símbolo faz-se de forma espontânea e automática ou, por assim dizer, inconscientemente. (Jones-1918, p. 89-90)

⁹¹ -Devemos salientar, como aspecto mais meritório do texto de Jones, o esclarecimento do simbolismo dentro do ponto de vista energético: "All psycho-analytical experience goes to show that the primary ideas of life, the only ones that can be symbolized - those, namely, concerning the bodily self, the relation to the family, birth, love and death - retain in the unconscious throughout life their original importance, and that from them is derived a very large part of the more interests of the conscious mind. As energy flows from them, and never to them, as they constitute the most repressed part of the mind, it is comprehensible that symbolism should take place in one direction only. Only what is repressed is symbolized; only what is repressed needs to be symbolized. This conclusion is the touchstone of the psycho-analytical theory of symbolism". (Jones-1918, p. 110)

Entretanto, por outro lado, Jones reduz substancialmente o peso das hipóteses filogenéticas freudianas, e o faz por duas vias: pela relativa atenuação da independência do simbolismo de fatores individuais ("The point being that symbolism is not conditioned by individual factors only". (ibid., p. 98)) , e pela postulação de uma certa estereotipia da mente humana, responsável pela imensa concordância entre símbolos de culturas distantes (tanto cronologicamente, como a nível de costumes). (ibid.) Assim, podemos aferir a considerável acomodação da tensão presente na teoria freudiana (simbolismo individual e aberto x simbolismo universal e circunscrito - a posição de Jones é no sentido de uma conciliação entre ambas; Freud, entretanto, tende a conservar o termo simbolismo somente para o segundo caso, sem descartar, no

Muitos exemplos de símbolos são fornecidos por Freud. (XV,p.141-51) O exame deve visar a descoberta de certas características comuns, com o fim de elucidar a natureza do *tertium comparationis* envolvido em cada caso. Evidentemente, exemplos não constituem por si demonstrações, e, assim, o caráter sexual do simbolismo dificilmente pode ser visto como um produto da clínica. Tentaremos verificar, isto sim, os recursos utilizados por Freud (a gama de analogias empregada), para sustentar sua tese que vincula intimamente o simbolismo ao sexual. Em termos muito gerais, as comparações poderiam ser divididas em dois grandes grupos, conforme a intermediação fosse operada por elementos lingüísticos (palavras) ou plásticos (formais e funcionais). Também seria admissível uma classificação mais detalhada como a seguinte, a semelhança ocorrendo pela: a) forma (bastão no lugar do pênis- p.141); b) função (caixa substituindo o genital feminino, por poder alojar algo em seu interior-p.142); c) propriedade (dirigível Zeppelin, como o pênis, pelo movimento anti-gravitacional-p.141); d) vaga alusão (atropelamento figurando uma relação sexual-p.143); e) expressão lingüística, via etimologia (madeira como símbolo do feminino-p.146); f) poesia, contos e provérbios, ou seja, o dizer metafórico (morte como uma viagem sem retorno-p.147); g) costumes ou rituais (a extração de um dente no ritual de iniciação da puberdade como símbolo da castração-p.151); h) ignorados, isto é, determinados através de

entanto, a utilização não simbólica dos símbolos, assim como a concomitância de ambos) porém às custas da retirada de uma parcela de sua fértil especificidade (por exemplo, a explicação relativa à origem comum do simbolismo e da linguagem).

parâmetros clínicos (sobretudo significando o genital masculino-p.142). À primeira vista, essa multiplicidade parece não admitir denominador comum e, além disso, o grau de arbitrariedade afigura-se demasiadamente alto, com limites muito tênues em relação a outras formas de representação. No entanto, existe ainda um outro aspecto a ser examinado. Mesmo quando o termo de comparação não envolve palavras, não podemos considerá-los extra-lingüísticos ou, dito de outro modo, a psicanálise não lida com o sonho (em si inacessível), mas com seu relato. Assim, nada haveria de extra-lingüístico no âmbito psicanalítico, e desse modo a solução freudiana necessariamente encaminhar-se-ia na direção da linguagem.

Antes de analisarmos o conjunto dos problemas suscitados pelos postulados freudianos, devemos reafirmar a posição central do conceito de símbolo no interior de uma teoria hermenêutica, isto é, interpretativa, como é o caso da psicanálise. E Freud não deixa a menor dúvida sobre a primazia do método da livre associação: *"A interpretação baseada no conhecimento dos símbolos não é uma técnica que possa substituir à associativa ou comparar-se a ela. É seu complemento e unicamente inserida dentro da mesma produz resultados utilizáveis."* (Freud, XV, p.138)

De certa forma, preconizar o método misto (ainda que hierarquizado), implica na utilização da linguagem usual como parâmetro interpretativo, ou seja, embora falte uma clara explicitação do tema, a teoria freudiana pressupõe uma medida normal da fala⁹², dentro de um contexto sócio-lingüístico

⁹² -Nesse caso um trecho dos Estudos sobre Histeria revela-se uma

determinado. É no encontro de uma cena, onde o próprio sujeito constitui-se como tal, com o espectro de significações prévias, que as palavras passam a denotar. Em outros termos, para Freud, o sentido das palavras é construído, em certa medida⁹³, pelas situações e interações sucessivas, sendo a ação específica o protótipo dessas situações de interação. Desse modo, os símbolos seriam equiparados aos signos lingüísticos, com a seguinte ressalva. Os últimos, convencionais, portariam um significado prévio tradicional, enquanto o simbolismo, trazendo em seu bojo uma determinada analogia, teria o poder de se fazer atual a qualquer momento, e isso contornaria o problema representado pelo

referência imprescindível, ainda que solitária: "Com efeito, pode-se estabelecer, para um histérico, em relação a uma cadeia de pensamentos, ainda que estendidas ao inconsciente, as mesmas exigências de enlace lógico e motivação suficiente [logischer Verknüpfung und ausreichender Motivierung] que se imporiam no caso de um indivíduo normal. Um afrouxamento de tais vínculos não está ao alcance da neurose. Se os enlaces entre representações dos neuróticos e, em especial, dos histéricos causam uma impressão diversa; se aqui a relação entre as intensidades de diferentes representações não parece explicável a partir apenas de condições psicológicas, nós já aprendemos a reconhecer a razão dessa aparência e sabemos que devemos atribuí-la à 'existência de motivos ocultos inconscientes'. Temos direito, pois, de conjeturar tais motivos secretos onde quer que se registre um daqueles saltos na trama [sprung im Zusammenhange], ou onde se transgrida a medida [maßes normal] de uma motivação normalmente justificada." (Freud, II, p. 298)

⁹³ - Confrontar, no entanto, com a hipótese filogenética sobre a origem da linguagem e os sentidos originários (sexuais), parte fundamental da teoria freudiana do simbolismo.

fato peculiar da sua significação permanecer inconsciente.

Na sequência, examinaremos alguns aspectos problemáticos da teorização freudiana sobre o simbolismo, isto é, em termos da compatibilidade com as bases da psicanálise. Em primeiro lugar, haveria o risco de apenas se renovar os métodos populares de interpretar sonhos. Vimos como Freud tenta evitar a constituição de uma chave interpretativa, subordinando a relação simbólica ao método da livre associação. A segunda dificuldade também mencionada anteriormente diz respeito à preservação da autonomia psicanalítica em relação a teorias de outras áreas do conhecimento. A estratégia freudiana é patente. Aquilo que ele toma de outros campos, como exemplo e confirmação de sua teoria, vem marcado por uma interpretação psicanalítica prévia. Em certo sentido, é lícito afirmar que a psicanálise cria seus próprios exemplos, e assim sua autonomia está assegurada de antemão. Aliás, Freud, sem falsa modéstia, situa todas as demais áreas em posição de débito em relação à psicanálise. (Freud, XV, p.153)

Finalmente, devemos nos deparar com um problema de magnitude bastante diversa daquela dos anteriores, um ponto por assim dizer aporético da teoria. O simbolismo como conhecimento inconsciente e, além de tudo, enquanto compartilhado pelos indivíduos, extrapola até as fronteiras lingüísticas. Freud observa a respeito: *"Não é fácil dar conta deste fato com nossas concepções psicológicas. Somente podemos dizer que o conhecimento do simbolismo é inconsciente para o sonhante, pertence à sua vida mental inconsciente."* (Freud, XV, p.151)

Antes porém de apresentarmos a solução encontrada por Freud, devemos relembrar outros aspectos a serem contemplados: a

necessidade do simbolismo ter uma natureza, em última instância, sexual (no seio do dualismo pulsional), a relação do simbolismo com a linguagem (na medida em que o mesmo não é um produto onírico) e finalmente seu ponto de articulação com a teoria das neuroses.

De forma inesperada, Freud recorrerá a uma outra teoria, perfeitamente adequada aos seus propósitos, com o objetivo de esclarecer os pontos anteriormente obscuros: *"Um investigador da linguagem, Hans Sperber [1912], de Upsala, que trabalha independentemente da psicanálise, apresentou a tese de que necessidades sexuais [sexuelle Bedürfnisse] tiveram a máxima participação na gênese e ulterior formação da linguagem."*⁹⁴ (Freud, XV, p.152) De acordo com Sperber, suposta a natureza sexual da linguagem, haveria em um segundo momento um progressivo deslocamento em direção às atividades sociais, como o trabalho: *"Os sons iniciais da linguagem teriam servido à comunicação, particularmente para chamar o companheiro sexual; o posterior desenvolvimento das raízes lingüísticas teria se ligado às atividades dos homens primordiais."* (ibid.) A motivação para o trabalho proviria, de certa forma, dos enlaces estabelecidos com a atividade sexual. O trabalho seria uma espécie de sub-rogado do sexual. Não é difícil identificar nessas linhas traços gerais da teoria freudiana dualista das pulsões, bem como em certas

⁹⁴ -O trabalho de Sperber intitulado "Über den Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache" foi publicado no primeiro número da revista Imago (p. 405), em 1912. A primeira referência de Freud ao mesmo aparece em "O Interesse pela Psicanálise" (1913). (Freud, XIII, p. 180)

imbricações práticas (biológicas), a convergência em torno das grandes necessidades básicas (fome e amor) e o serviço prestado ao fim supremo, a conservação (individual e da espécie).⁹⁵ Essa hipótese seguramente avaliza a interpretação psicanalítica do simbolismo e da cultura (pela via da sublimação), propiciando ainda uma explicação para o problema do conhecimento inconsciente dos símbolos, além de sua universalidade, por intermédio de uma linguagem originária, matriz, de onde as demais teriam sido derivadas por deslocamentos similares (com o conseqüente e progressivo afastamento do sentido sexual).⁹⁶

Resta, no entanto, uma ressalva. Ao recorrer à teoria de

⁹⁵ -É bem verdade que em 1920, com a publicação de "Além do Princípio do Prazer", as coisas mudam radicalmente de figura. A compulsão à repetição passa a ser o fundamento explicativo último. Talvez possamos sugerir, nesse sentido, que o atributo básico da linguagem em meio a esse novo dualismo seja permitir a repetição, pela supressão da ausência. [Recordar o célebre jogo do 'fort' / 'Da' - Freud, XVIII, 14-5]

⁹⁶ -Em seu "Ensaio sobre a origem das línguas" (1759), Rosseau já havia formulado uma teoria com pontos em comum, reconhecendo a ligação entre o surgimento da linguagem e, por assim dizer, a dinâmica pulsional (para utilizar um anacronismo freudiano): "Inclino-me, por isso, a pensar que, se conhecêssemos tão-só necessidades físicas, bem poderíamos jamais ter falado, e entender-nos-íamos perfeitamente apenas pela linguagem dos gestos." (p. 167) "Pode-se crer que as necessidades ditam os primeiros gestos e que as paixões arrancaram as primeiras vozes." (p. 169) "Como os primeiros motivos que fizeram o homem falar foram paixões, suas primeiras expressões foram tropos. A primeira a nascer foi a linguagem figurada e o sentido próprio foi encontrado por último." (170)

Sperber, Freud estaria buscando um recurso lingüístico em apoio à sua concepção ou essa hipótese, desacreditada no meio lingüístico da época, cumpre aqui o papel de uma história mítica como, por exemplo, aquela da horda primitiva em *Totém e Tabu* (1913)? Parece mais provável que Freud tenha reputado a teoria de Sperber como científica, a despeito de seu caráter marcadamente especulativo. Provavelmente sua estratégia deve ser a mesma empregada em outros casos, como os de Abel (sentido antitético das palavras primitivas - Freud, XI, 147-53) e Darwin (horda primitiva - Freud, XIII, 127-9). Freud reencontra suas idéias em obras de outros autores. A alusão aos mesmos funcionaria como um verdadeiro artifício retórico. Considerar a questão desse modo tem uma sensível vantagem: preserva as hipóteses freudianas no âmbito psicanalítico. Do contrário, as evidências dos estudos lingüísticos (biológicos, antropológicos, etc.) posteriores poderiam ter o efeito de destruir a base da concepção freudiana do simbolismo (assim como das famosas hipóteses filogenéticas).

Em outros termos, Freud propõe, ao mencionar a teoria de Sperber, uma hipótese genética para dar conta do simbolismo, desligando a referência de um contexto atual, tornando-a remota e associada a uma origem mítica: *"A referência simbólica seria o resto de uma velha identidade léxica; coisas que uma vez foram chamadas pelos mesmos nomes dos genitais poderiam agora substituí-los no sonho na qualidade de símbolos."* (Freud, XV, p.153) Um exame sucinto da virtual similaridade das hipóteses filogenéticas freudianas pode render alguns esclarecimentos suplementares, úteis para os propósitos da análise ora desenvolvida. Estaria em jogo um certo paralelismo entre o

aproveitamento, por parte de Freud, das idéias de Darwin e de Sperber, onde o ponto comum seria a fundamentação da universalidade dos constructos freudianos. No primeiro caso, trata-se de justificar a prevalência irrestrita do complexo de Édipo, evitando o recurso à família nuclear; no segundo, esclarecer o fato do simbolismo transcender as barreiras culturais e lingüísticas, sem precisar recorrer às estereotípias da mente humana. Assim, poder-se-ia supor uma certa analogia estrutural entre as duas hipóteses, muito embora a do simbolismo não ocupe a mesma posição de destaque daquela do Édipo no conjunto da teoria. Ousando adentrar o terreno mais especulativo, podemos sugerir outras semelhanças, talvez mais superficiais, como o fato das duas situações constituírem-se basicamente por renúncias, ainda que em planos bem distintos, inscritas na ordem da sexualidade. Na horda primitiva, o humano acede a essa condição enquanto tal justamente quando seu desejo passa a ser atravessado pela mediação simbólica (recusa de ocupar o papel do pai da horda). No tempo seguinte, onde surge o simbolismo e a linguagem, temos um passo a mais em direção a uma ordem social, a sexualidade sofre novo deslocamento. As atividades de sobrevivência, relacionadas ao trabalho, emprestariam motivação junto ao suposto primado originário da vida sexual. Ampliando o risco dessas aproximações, sugerimos uma articulação entre os efeitos das duas renúncias: a instauração do registro da falta e conseqüentemente a abertura do campo da neurose, onde a linguagem, como sintoma privilegiado, teria a precípua função de sutura.

Uma observação freudiana de grande importância aponta nesse sentido ao tentar identificar a linguagem universal (matriz

originária) com a sintomatologia neurótica: "Ademais, todavia não lhes disse ainda as circunstâncias nas quais podemos obter a inteligência mais profunda daquela suposta 'linguagem fundamental' [Grundsprache], nem o âmbito em que sobreviveu a maior parte dela. Até que vocês não saibam disto, não poderão apreciar a cabal importância do assunto. Este âmbito é o da neurose; seu material, os sintomas e as outras exteriorizações dos neuróticos, para cujo esclarecimento e tratamento foi criada, na verdade, a psicanálise." (Freud, XV, p.154) Dessa forma, podemos concluir que a noção freudiana de símbolo (em sentido estrito) é uma construção muito coerente com o restante do arcabouço teórico, encontrando sua razão de ser no terreno psicanalítico da neurose. Por outro lado, a monotonia do sentido (sempre referido ao sexual) representa a impossibilidade do símbolo deixar de ser, antes de mais nada, um sintoma.

Os textos freudianos pós-1916 não voltam a tratar do simbolismo de maneira sistemática (a despeito da reformulação do dualismo pulsional, com a advento da pulsão de morte e o reagrupamento no pólo oposto da sexualidade e da autoconservação, sob a denominação de pulsão de vida), e podemos adiantar que não introduzem inovações teóricas a esse respeito. Por outro lado, as referências ao simbolismo são numerosas, sempre confirmando as teses da Conferência X e trazendo à luz exemplos adicionais. Assim, um sobrevôo relativamente panorâmico desses textos merece ser empreendido e fa-lo-emos, através da seguinte divisão temática (e não por ordem cronológica, na medida em que a montagem da teoria foi anteriormente estabelecida). A partir de diversos exemplos ilustrar a hipótese filogenética e sua relação com o

sintoma e com a linguagem.

Ainda na mesma série de conferências introdutórias, de 1916, mais especificamente na Conferência XIII, Freud explicita com clareza ainda maior o fundamento de sua teoria do simbolismo, o apelo aos primórdios: "A pré-história a que o trabalho do sonho reconduz-nos é dupla. Em primeiro lugar, a pré-história individual, a infância; por outro lado, na medida em que cada indivíduo de alguma forma repete abreviadamente em sua infância todo o desenvolvimento da espécie humana, esta outra pré-história: a filogenética. Será possível distinguir nos processos anímicos latentes a parte que provém da época primordial do indivíduo da que provém da filogenética? Não reputo a tarefa impossível. Assim, tal como me parece, a referência simbólica [Symbolbeziehung], não aprendida em nenhum caso pelo indivíduo, tem justificado direito de ser considerada uma herança filogenética [phylogenetisches Erbe]." (Freud, XV, p.182) Nos seus últimos escritos, entre 1937 e 1940, vamos encontrar essa mesma ênfase no caráter de 'herança arcaica' do simbolismo. A seguinte observação, extraída de *Análise Terminável e Interminável* (1937), revela o mesmo teor da citação anterior: "(...) a experiência analítica impôs-nos a convicção de que inclusive certos conteúdos psíquicos como o simbolismo não possuem outra fonte que a transferência herdada, e diversas indagações da psicologia dos povos, todavia, sugerem-nos pressupor na herança arcaica [archaischen Erbschaft] outros precipitados, igualmente especializados, do desenvolvimento inicial da humanidade." (Freud, XXIII, p.242) Além disso, em *Moisés e a Religião Monoteísta* (1939) (ibid., p.118) e no *Esquema de Psicanálise* (1940) (ibid., p.189-90) Freud insiste a respeito do

simbolismo da circuncisão em seu suposto caráter de marca mnêmica filogenética da pré-história da família humana. Portanto, a hipótese filogenética afigura-se um dos pontos essenciais da psicanálise, na medida em que, como vimos anteriormente, ela confere uma certa independência contextual e, desse modo, viabiliza a pretensão de universalidade da teoria.

Por outro lado, não parece ser menos importante a assimilação do simbolismo ao sintoma, operada explicitamente por Freud no final da *Conferência X* (p.154) e sustentada nos momentos subseqüentes. Um brevíssimo texto também de 1916, *Uma relação entre um símbolo e um sintoma*, revela-se exemplar do procedimento freudiano, uma vez que visa esclarecer determinado símbolo (o sombreiro) considerado enigmático, por não se vislumbrar o nexu analógico envolvido. Na ausência dessa devida intelecção, a interpretação freudiana objetiva, pela sua própria aplicação à clínica (no caso, um ritual obsessivo ligado ao sombreiro), onde o sombreiro é tido como símbolo do genital masculino, uma problemática *confirmação* de si mesma. (Freud,XIV,p.346-7) De modo similar, ainda na série de conferências introdutórias, em 1917,o cerimonial de outra paciente fixa um dos significados simbólicos do relógio, como genital feminino, pela referência implícita a processos regulares em ambos os casos. (Freud,XVI,p.241-4) E finalmente, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), mais uma vez a respeito dos sintomas obsessivos, Freud observa que eles seriam satisfações substitutivas, freqüentemente viabilizadas às custas do mecanismo de disfarce simbólico. (Freud,XX,p.107)

Numerosos exemplos novos de símbolos aparecem nos textos freudianos posteriores à *Conferência X* e, mesmo sem a implicação

de quaisquer reformulações conceituais, vale a pena relacionar alguns deles, ainda que à guisa de ilustração suplementar. Na Conferência XXVIII, de 1917, encontramos uma curiosa argumentação freudiana sobre a validade da interpretação simbólica: *"Tampouco deixaremos de mencionar que um grande número de resultados singulares da análise, que de outro modo cairiam sob a suspeita de serem produtos da sugestão, são corroborados desde outra fonte não objetável. Nossos testemunhos são neste caso os dementes e os paranóicos, insuspeitáveis, desde logo de receberem uma influência sugestiva. O que estes enfermos nos contam de suas traduções simbólicas [Symbolübersetzungen] e de suas fantasias que neles penetraram até a consciência coincide, ponto por ponto, com os resultados de nossas indagações sobre o inconsciente dos que sofrem da neurose de transferência, confirmando assim a correção de nossas interpretações, tão freqüentemente colocadas em julgamento."* (Freud, XVI, p.412-3) Evidentemente, podemos reputar a este trecho freudiano a mesma circularidade argumentativa encontrada nas pretensas confirmações culturais da teoria psicanalítica, isto é, temos uma "descoberta" com todo o aspecto de uma extensão de conceito. Sem dúvida, a ampliação do conjunto de fatos a ser explicados pela teoria resulta no aumento de sua atratividade intrínseca e pode contribuir para sua aceitação, mas a plausibilidade da teoria em si não fornece garantias objetivas de qualquer espécie. Podemos multiplicar os exemplos adicionais: a) a afirmação, encontrada em *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* (1920), de um significado simbólico (sexual) das modalidades de tentativas de suicídio (Freud, XVIII, p.155); b) *Sobre a conquista do fogo* (1932), onde

Freud, acerca do mito de Prometeu, extrai algumas equivalências simbólicas: fígado = fogo = libido e pássaro = pênis = ave Fênix. (Freud,XXII,p.176); c) Conferência XXXIII (1932), sobre a feminilidade, a equiparação do filho ao pênis desejado (ibid.,p.119); d) a figuração simbólica do nascimento por meio do abandono num cesto na água, como também do resgate da água, em *Moisés* (1939)(Freud,XXIII,p.11).

A partir das considerações anteriores, podemos promover um estreitamento gradual do escopo do presente estudo, focalizando em seguida as demais referências explícitas à articulação entre simbolismo e linguagem, visando por fim estabelecer o conjunto dos pressupostos lingüísticos de Freud ou, em outros termos, ultrapassar a questão do simbolismo propriamente dito, rumo a uma teoria freudiana da significação. Na Conferência XIII (1916), o simbolismo, linguagem figurativa, é considerado um estágio anterior ao estabelecimento da linguagem discursiva atual.⁹⁷ No trabalho *Sonhos e Telepatia* (1922), podemos constatar como o símbolo articula-se com o conceito de regressão formal evocado logo acima, ou seja, o simbolismo é entendido como linguagem arcaica, possuindo duas características principais. É figurativo e não gramatical: "A linguagem do simbolismo não conhece, como vocês

⁹⁷ -Sobre a incompreensibilidade da tradução dos pensamentos latentes nos sonhos: "Temos dito que ele remonta a estados de nosso desenvolvimento intelectual superados por nós há muito, à linguagem figurativa, à referência simbólica, quiçá, condições que existiram antes de que se desenvolvesse nossa atual linguagem discursiva. Por isso chamamos de 'arcaico' ou 'regressivo' o modo de expressão do trabalho onírico." (Freud,XV,p. 182)

sabem, gramática alguma; é uma linguagem de extremado infinitivo, onde voz ativa e voz passiva são figuradas mediante a mesma imagem." (Freud, XVIII, p.204) Dois anos depois, em sua *Apresentação Autobiográfica* (1924), Freud reitera que o simbolismo não seria um produto do sonho, e subsume a 'linguagem onírica' à cultura: "O simbolismo tem valido à psicanálise numerosas inimizades; muitos investigadores, demasiado sóbrios, nunca puderam perdoá-la pelo reconhecimento do simbolismo, tal como resulta da interpretação dos sonhos. Mas a análise não é culpada de seu descobrimento; desde há muito tempo já era notório em outros campos e ainda desempenhava neles (folclore, saga, mito) um papel mais importante do que na 'linguagem do sonho'." (Freud, XX, p.64-5) Além disso, no texto de 1926, sobre a questão da análise leiga, Freud procura furtar-se à arbitrariedade que o seu procedimento interpretativo parece comportar, e fá-lo recorrendo ao simbolismo, como um conhecimento estável, passível de aprendizagem como tantos temas de domínios diversos. (Freud, XX, 205-6)

E afinal, na *Conferência XXIX* (1932), Freud recapitula os pontos principais de sua concepção do simbolismo, repete alguns exemplos, e reafirma ser os mitos esclarecidos pela interpretação dos sonhos, e não o contrário. (Freud, XII, p.22-4) Podemos ver como se condensam os fundamentos das construções teóricas freudianas acerca do simbolismo, articulando cultura (incluindo a linguagem), simbolismo e sintoma em torno da matéria-prima psicanalítica, o sexual: "No conteúdo manifesto dos sonhos encenam-se muitas imagens e situações que recordam os consabidos motivos dos contos tradicionais, as lendas e mitos. Por isso a interpretação de tais sonhos lança luz sobre os interesses

originários pelos quais se criaram esses motivos, embora, está claro, não possamos olvidar as mudanças de significado que afetaram a esse material no curso das épocas. Nosso trabalho de interpretação descobre por assim dizer a matéria-prima [Rohstoff] que com muita freqüência deve ser chamada sexual no sentido mais amplo, mas que numa elaboração posterior encontrou as mais diversas aplicações." (ibid.,p.23) Veremos adiante as conseqüências, em termos lingüísticos, da postulação dessa matéria-prima (essência).

Capítulo III - Teses freudianas acerca da natureza da linguagem

"Must a name mean something? Alice asked doubtfully."

(Lewis Carroll-1871,p. 165)

Em termos de composição temática, o presente capítulo, à primeira vista e em contraste com o anterior, pode, com razoável probabilidade revelar-se moderadamente heterogêneo. Isto resulta, sem dúvida, do fato do fio condutor (referências à linguagem) ser amplo o suficiente para admitir a inclusão de considerações sem ligação aparente imediata entre si. Entretanto, esperamos demonstrar no decorrer da análise uma convergência consistente em torno da tese central deste estudo de que a linguagem, na teoria psicanalítica, opera a mediação na terminologia metapsicológica entre o sexual e o não sexual, ou seja, a linguagem é o ponto de tensão do dualismo pulsional. Nesse sentido, após uma extensa exposição das observações julgadas pertinentes ao assunto, o alvo será justamente propor uma articulação plausível entre os diversos pressupostos freudianos acerca da linguagem dentro da perspectiva supracitada. Se a empresa tiver algum êxito, tentaremos trazer à luz a pretensa (por ser mais ou menos implícita) concepção lingüística de Freud e procuraremos verificar seu grau de coerência interna. Se essas condições forem cumpridas, conseguiremos vislumbrar a teoria da significação envolvida na psicanálise freudiana.

Antecipando a arquitetura do capítulo, há uma primeira seção que consiste de uma pesquisa dos pontos explicitados por Freud relativos à abordagem da palavra e de sua representação, divididos por nós da seguinte maneira: a) a idéia de um sentido originário; b) o sentido antitético das palavras primitivas; c) as

palavras como ensalmos; d) a relação entre as representações de palavra, objeto e coisa; e) o tratamento dedicado às palavras pelo chiste, sonho e esquizofrenia. Logo após, na segunda parte (a rigor, de caráter mais hipotético), reuniremos uma série de referências nos seguintes agrupamentos temáticos: a) a origem da linguagem (a partir de uma matriz universal); b) a virtual passagem da linguagem figurativa para a discursiva; c) a problemática correspondência entre linguagem e realidade; d) o conhecimento pela via do uso lingüístico; e) a relação entre, de um lado, o originário, as ligações profundas, a univocidade, e de outro, o derivado (por deslocamento), as ligações superficiais, a multivocidade; f) a comensurabilidade das diferentes linguagens. Finalmente, faremos algumas sugestões relativas à especificidade da relação entre sentido e referência no interior da teoria freudiana.

O estudo efetuado acerca do simbolismo pretende ter evidenciado a firme crença freudiana na existência de um sentido originário (primordial) das palavras, cuja referência básica seria sexual. A partir da hipótese de Sperber (Freud, XV, p.152-3), supõe-se a determinação sexual do desenvolvimento da linguagem, onde aparentemente o primeiro passo teria sido o de dar nome às coisas sexuais e depois progressivamente deslocar seus sentidos, tornando-os mais abrangentes, em função do convívio social. É justamente esse significado arcaico, também denominado de pleno por Freud, que é resgatado na teoria psicanalítica pela via do simbolismo e da sintomatologia neurótica. Em outros termos, Freud parece creditar aos nomes uma dupla função, servindo tanto como via de descarga substitutiva da tensão sexual, como contribuindo

para a autoconservação, através das relações sociais, mediadas pela linguagem. Por outro lado, a origem da linguagem é problemática, pois quanto mais literal for mais privada será, e quanto mais metafórica (deslocada), mais comum e compreensível. Provavelmente, o recalque, na medida em que incide sobre o sexual, desempenha um papel determinante. Em *Caráter e Erotismo Anal* (1908) encontramos uma indicação de que, a despeito de se reputar o caráter de ininteligibilidade do sintoma a sua aparência metafórica, ele deve-se justamente à radical literalidade evocativa, pois não está ao alcance do recalque desfazer as relações lingüísticas (de significação) profundas: "*Portanto, se a neurose obedece ao uso lingüístico, toma aqui como em outras partes as palavras em seu sentido originário, pleno de significação; e onde parece expressar uma palavra de modo figurativo, na maioria dos casos não faz senão reestabelecer seu significado antigo.*" (Freud, IX, p.157)

Devemos ressaltar também toda a importância atribuída por Freud à linguagem no seio dos processos interligados da hominização e da fundação da cultura. Ainda no registro da teoria da sedução, onde o conceito de trauma tinha um papel central, a reação apropriada ou não ao trauma era determinante das possíveis repercussões patológicas. Segundo Freud, "(...) a reação adequada é sempre a ação." (Freud, III, p.37) Entretanto, a palavra como substituto da ação seria um aspecto essencial da cultura, como salienta Jackson (citado por Freud) com humor perspicaz: "(...) o primeiro que ao invés de lançar uma flecha ao inimigo dirigiu-lhe um insulto, foi o fundador da civilização." (ibid., p.37-38) ⁹⁸ Isto

⁹⁸ -Lembrar a *Ilíada* (canto I - 206/214), onde Minerva aconselha do

é, a palavra teria um papel importante no progressivo controle pulsional exigido pela cultura. E num único tempo, ela mediaría a sexualidade e refrearia as tendências hostis, ao tornar os seres humanos mais complacentes com o próximo.⁹⁹ O desenvolvimento da linguagem, no entender de Freud, foi uma das etapas mais importantes no caminho da hominização através do incomensurável enriquecimento da vida anímica resultante.¹⁰⁰ (Freud, XXIII, p.110)

Retomando ainda a elaboração freudiana sobre o simbolismo, encontramos a mesma idéia correlativa de uma literalidade inicial do significado. A figuração abstrata é introduzida num segundo momento a partir da operação de um deslocamento contínuo, marca distintiva de nossa linguagem ordinária atual. O simbolismo equivaleria a uma etapa prévia e indispensável à constituição da linguagem: a criação das etiquetas, i.e. dos nomes. Quando da discussão mais pormenorizada seguinte modo a Aquiles, furioso com Agamemnon pela contenda a respeito de Chryseis: "Tem juízo, pois, e não puxes da espada. Haja o que houver, vinga-te por palavras." (p. 9)

⁹⁹ -Com o propósito de ilustrar esse ponto, Freud recorre a uma frase espirituosa de Lichtenberg: "Aquilo pelo qual hoje dizemos: 'Desculpe-me', antes nos valeria uma bofetada." (Freud, VIII, p. 97)

¹⁰⁰ -Freud no texto de 1930 "Mal-Estar na Cultura" especula ainda a respeito de outro elemento fundador da cultura, a assunção da postura vertical pelo ser humano. Desse modo, o olfato - base da periodicidade orgânica do processo sexual, devido à menstruação - perderia progressivamente terreno para a visão, e assim, os estímulos olfatórios intermitentes cederiam o lugar para as excitações visuais contínuas. (Freud, XXI, 97-8) O Prof. Manoel Berlinck situa justamente nesse momento o surgimento da linguagem, na medida em que a indagação pelo desejo sexual feminino torna-se necessária.

das teses freudianas sobre a linguagem, tomaremos partido acerca da dupla acepção do problemático termo "originário". De todo modo, podemos antecipar o fato, a nosso ver, essencial para as hipóteses filogenéticas de Freud, do seu entendimento em termos de princípios organizadores e não de dados históricos relativos à origem. Na verdade, Freud procura justificativas plausíveis (no mínimo, porém, discutíveis) para certas pressuposições centrais de sua teoria: muito embora essa busca de fundamentos, de uma referência última, seja infinita pela sua própria natureza.

Em 1910, Freud escreveu um pequeno texto intitulado *O sentido antitético das palavras primitivas*, onde discute algumas idéias do lingüista Karl Abel (publicadas em 1884), aproximando-as de concepções psicanalíticas. Talvez seja mais preciso afirmar que Freud encontra em Abel a confirmação de sua tese acerca da indeterminação do sentido das palavras. Estas seriam como imagens, prestar-se-iam a tudo. (Freud, VIII, 34) Trata-se da questão fundamental da referência, assunto recorrente na elaboração freudiana. O tema das palavras antitéticas é retomado, de passagem, em diversas ocasiões na mesma década. O cerne do problema está na utilização do mesmo elemento (recurso) lingüístico para exprimir coisas opostas nas línguas da antigüidade, como a egípcia, por exemplo. (Freud, XI, 147-8) Haveria uma espécie de dualidade conceitual, tornando necessária a intervenção de um outro fator para decidir sobre o sentido em pauta, diferente conforme o campo, da escrita ou da fala: " Na escrita, isso se produzia com a ajuda das imagens chamadas 'determinativas', que, colocadas detrás dos caracteres, indicavam seu sentido sem estar destinadas elas mesmas à elocução."

(ibid.,p.150) Como ilustra o caso da palavra **Ken** (forte e débil), da linguagem hieroglífica, a imagem associada de um homem, portador do traço acentuado, decidia a questão. (ibid.) Estaríamos, portanto, no domínio figurativo dos pictogramas. Da mesma forma, para Abel: "*(...) o que servia na língua falada para indicar o signo positivo ou negativo da palavra pronunciada era o gesto.*" (ibid.) O ponto visado por Freud é o tratamento do trabalho do sonho à figuração de opostos e de contradições, principalmente pelo fato do sonho ter um caráter visual. O pensamento do sonho, articulado através de palavras, aparece no sonho manifesto na forma de imagem (ocorreria, para usar a terminologia da *Traumdeutung*, uma regressão tópica). Novamente o conceito de regressão traz à tona hipóteses genéticas, ainda intimamente relacionadas ao tema do simbolismo (pois determinados símbolos também têm o mesmo atributo de figuração de opostos). Como ocorreria mais tarde (1914) com Sperber, Abel traz à teoria psicanalítica: "*(...) a confirmação de nossa concepção da expressão dos pensamentos no sonho. E a nós, os psiquiatras, uma conjetura se nos impõe como inevitável, a de que compreenderíamos melhor a linguagem do sonho e a traduziríamos com maior facilidade, se soubéssemos mais acerca do desenvolvimento da linguagem.*" (ibid.,p.153)

Uma aparente consequência de se aproximar as palavras das imagens é o reforço da idéia da mais estrita interdependência entre sentido e referência. Na medida em que as palavras são nomes, o sentido das mesmas supostamente deveria ser buscado na misteriosa relação que elas guardariam (correlativamente) com os

objetos.¹⁰¹ De certo modo, essa concepção pode ser dita equivalente ao crédito de um papel descritivo à linguagem, *i.e.* não apenas evocativo.

Cumpra desfazer, entretanto, a aparente contradição entre a idéia mencionada anteriormente de um significado literal originário (sexual) e a do sentido antitético das palavras primitivas em discussão. Elas harmonizam-se na medida em que, no primeiro caso, a ênfase recai sobre o processo de nomeação, os elementos lingüísticos inicialmente significam pela ligação com as coisas, ou seja, os substantivos ocupam o plano principal. No caso dos sentidos antitéticos, lidamos, fundamentalmente, com a utilização de adjetivos. Nesse contexto, presumivelmente um segundo passo no processo de constituição da linguagem é a expressão de relações. Um esclarecimento adicional. Não é relevante a ausência de credibilidade de autores como Sperber e Abel no meio lingüístico, pois nosso interesse, no presente estudo, recai sobre o papel desempenhado por esse tipo de hipótese no interior da teoria freudiana. Aliás, provavelmente, as citações dos mesmos devem ser atribuídas ao intenso grau de concordância entre algumas de suas idéias e noções psicanalíticas, e não devem ser reputadas propriamente como fontes inspiradoras. Como esses trabalhos tiveram um desenvolvimento alheio ao da psicanálise, Freud pretende tomá-los como confirmação isenta de suas teses.

¹⁰¹ -Lembrar que no texto *Sobre a Concepção das Afasias (1891)* a representação de objeto está organizada em torno do elemento visual. Entretanto, a partir do *Projeto de uma Psicologia (1895)*, a representação de coisa deixa de ter um caráter sensorial, e a rigor, tampouco algum outro, pois não pode ser predicada, funcionando como pura referência.

Associada ao sentido antitético das palavras primitivas, haveria também uma certa ambivalência conceitual, como podemos observar no caso da linguagem do sonho (Freud, XIII, p.179), particularmente, no caso da palavra 'tabu' (ibid., p.72), ponto de confluência de tendências anímicas opostas. Não podemos desconsiderar aqui o peso do dualismo pulsional freudiano (em suas duas formulações principais). A linguagem é situada na sua encruzilhada como uma espécie de compromisso que serve a um só tempo enquanto importante via de descarga para a pulsão sexual (i.e. um sub-rogado do ato sexual) e como elemento de mediação simbólica do convívio social (pois numa certa medida a existência de leis pressupõe uma renúncia pulsional). A utilização do termo tabu traria a marca inequívoca dessa ambivalência, constatável no sumário oferecido por Freud: *"O significado do tabu é explicitado seguindo-se duas direções contrapostas. Por um lado, refere-se ao 'sagrado', 'santificado', e, por outro, ao 'ominoso', 'perigoso', 'proibido', 'impuro'."* (ibid., p.27) Nas Conferências Introdutórias (1916) observamos a ênfase nos aspectos contextuais, na decisão entre os dois sentidos opostos (Freud, XV, p.163) e, por conta disso, Freud aproxima o trabalho do sonho das escritas antigas, repletas de imprecisões e carente da expressão de certas relações. (ibid, p.210-2) No caso dos sonhos haveria o seguinte agravante: os mesmos (apesar de admitirem relato) não estão primariamente destinados à comunicação, isto é, não possuem um apelo comunicativo intrínseco.¹⁰² A analogia de Freud produz resultados

¹⁰² - "Agora temos que confessar sem circunlóquios que para o sistema expressivo do sonho as coisas são muito mais desfavoráveis do que para todas estas velhas línguas e escrituras. Com efeito, no fundo elas estão, apesar de tudo, destinadas à comunicação, vale dizer,

curiosos. Se por um lado tem como ponto de partida a intencionalidade presente em ambos os casos, por outro a comunicação no sonho é bastante problemática, é privada e feita à revelia. Em outras palavras, o sustentáculo da mesma é a profunda convicção hermenêutica freudiana; porém ela termina por anular a si própria ao denunciar o seu grau de arbitrariedade. O ponto focalizado por Freud concerne ao pretenso encontro, por intermédio do sonho, do simbolismo onírico, da sintomatologia neurótica, da matéria-prima constituinte do humano em sua dimensão cultural, do princípio organizador básico de suas produções. Elas criam, assim, as condições propícias para serem esclarecidas, em termos de significação, em toda sua profundidade.

Em toda a obra de Freud existe uma outra característica atribuída às palavras: um certo poder mágico de influenciar, muito além de seu uso cotidiano, marcado por referência histórica antigas crenças associadas a essa magia. Na teoria psicanalítica, a linguagem conserva indefinidamente sua importância como via de descarga da quantidade. As palavras para Freud representam uma forma de ação e, de certo modo, possuem um sentido coletivo, calculadas para que sejam compreendidas, quaisquer que sejam os caminhos e os recursos. Este caráter, precisamente, falta ao sonho. O sonho não quer dizer nada a ninguém; não é veículo da comunicação: pelo contrário, empenha-se em permanecer incompreensível. Por isso, não nos deveria maravilhar nem nos desconcertar que um certo número de ambigüidades e imprecisões do sonho permaneçam indizíveis. Como lucro seguro de nossa comparação resulta esta única intelecção: essas imprecisões, empregadas para objetar o acerto de nossas interpretações de sonhos, são, mais propriamente, características regulares de todos os sistemas primitivos de expressão." (Freud, XV, p. 212)

comunitário, na medida em que surgem nas situações de interação, fundamentais para a autoconservação do indivíduo e, por conseguinte, da espécie. No texto de 1890, *Tratamento psíquico (Tratamento da alma)*, encontramos a primeira aparição da palavra na condição de 'ensalmo', isto é, como capaz de produzir efeitos psíquicos singulares, onde sua eficácia decorre do caráter de ato dos pronunciamentos. Também é possível vislumbrar aqui um traço distintivo do futuro projeto psicanalítico, sua circulação exclusiva no domínio das palavras: "(...) as palavras de nosso falar cotidiano não são outra coisa que uns ensalmos [Zauber]desvalidos. Mas será preciso empreender um longo rodeio para tornar compreensível o modo pelo qual a ciência consegue devolver à palavra uma parte, ao menos, de seu antigo poder ensalmador." (Freud, I, p.115) Os primitivos [e não se deve esquecer a equivalência, construída em *Totém e Tabu* (1913), entre o primitivo -selvagem-, o neurótico e a criança por intermédio da universalidade do complexo de Édipo. (Gabbi Jr.-1991c, p.163)], imersos no animismo, não tratariam os nomes (lembrar a primazia dos nomes na linguagem arcaica) como caracteres convencionais e sim como parte essencial constituinte das pessoas e coisas a eles associados. Haveria, por assim dizer, uma ligação suposta e misteriosa entre as palavras e as coisas, uma tal correspondência entre ambos que proporciona à linguagem um alcance descritivo da realidade. (Freud, XIII, p.114) Na *Conferência I* (1916), a mesma idéia é formulada em termos mais próximos das hipóteses filogenéticas mencionadas anteriormente: "As palavras foram originariamente ensalmos [Zauber], e a palavra conserva ainda hoje muito de seu antigo poder ensalmador. (...) palavras despertam

sentimentos e são o meio universal através do qual os homens influenciam-se uns aos outros." (Freud,XV,p.15) Aparentemente, existiria uma conexão entre a existência de um sentido originário, pleno, numa relação virtual e estreita com as coisas (seu resgate sendo operado pela via do simbolismo) e os efeitos psíquicos causados pelas palavras, na medida em que estas são tomadas como marcas mnêmicas filogenéticas. As palavras trariam em seu bojo o processo de hominização e de constituição da cultura enquanto elemento interposto (de mediação) no percurso da satisfação pulsional.

Além disso, a concepção das palavras como ensalmos também está presente em outros contextos como, por exemplo, o da psicologia das massas. Estas, enquanto formações regressivas, são particularmente sensíveis ao poder mágico das palavras. (Freud,XVIII,p.76) E, principalmente, deve ser mencionada a ligação postulada entre o desenvolvimento da linguagem e a onipotência do pensamento, isto é, a possibilidade de se determinar o rumo dos processos ocorrentes no mundo pela via exclusiva do pensamento. (Freud,XXIII,p.109-10) Mesmo a filosofia, para Freud, é descrita como caso particular de animismo sem ações mágicas, na medida em que os sistemas filosóficos, na pretensão de descrever a realidade, tentariam na verdade impingir a esta seus pressupostos doutrinários. (Freud,XXII,p.153) Assim, teríamos, em relação às palavras primitivas, as seguintes características: nomes dotados de um sentido originário (sexual); adjetivos e conceitos (expressão de relações) com sentidos antitéticos; magia atribuída por conta da suposta e estrita relação com as coisas em si.

A primeira formulação de Freud acerca da organização das representações no aparelho psíquico remonta ao texto *Sobre a Concepção das Afasias* (1891), onde apesar do contexto eminentemente neurológico, encontramos um esquema sobre o funcionamento da linguagem passível de um descolamento da anatomia. Como vimos no capítulo II (atinentemente ao simbolismo), Freud distingue entre duas representações complexas, a de palavra (fechada e organizada pelo elemento acústico) e a de objeto (aberta e organizada pelo elemento visual). (Freud-1891,p.79-80) Freud conclui seu estudo com as seguintes observações: "*Não podemos deixar de formular aqui a tese baseada na patologia das perturbações da linguagem de que a representação-palavra liga-se (mediante as imagens acústicas) à representação-objeto. Chegamos assim a supor a existência de duas classes de perturbações da linguagem: 1) uma afasia de primeira ordem, uma afasia verbal, em que somente estão perturbadas as associações entre cada um dos elementos singulares da representação-palavra; 2) uma afasia de segunda ordem, ou afasia assimbólica, em que está perturbada a associação entre representação-palavra e representação-objeto.*" (ibid.,p.80) As conseqüências de tal formulação talvez sejam consideravelmente mais profundas do que possam parecer à primeira vista, pois a mesma tenderia a reeditar uma concepção bastante tradicional de significação tributária de referências objetais extra-lingüísticas, de caráter visual (lembrar que o substantivo serve, por assim dizer, nesse texto como protótipo da palavra). Por esse motivo, somos levados a recorrer a outros textos freudianos para avaliar sua repercussão sobre conceitos psicanalíticos centrais, como símbolo e sintoma.

A concepção freudiana das afasias (ao menos daquelas onde a perturbação dá-se no interior do aparelho da fala) como desordens funcionais, prescindiria de quaisquer referências anatómicas, mas nem por isso, seria demasiado vaga ou arbitrária. A novidade de Freud, como aponta Gabbi Jr. (1991,p.193-4), nesse contexto, é justamente operar a substituição do universal anatómico por outro de natureza lingüística, as imagens acústicas. Ao conceder primazia a um dos componentes da representação-palavra, Freud diferencia claramente sua posição daquela de Charcot: *"Partimos do pressuposto de que, a despeito de uma ampla possibilidade de associação entre os elementos da função da linguagem, são todavia privilegiadas na atividade funcional algumas direções associativas, de tal modo que a patologia não deve enfrentar todas as associações possíveis entre os elementos da linguagem, mas apenas um certo número delas. Partimos também do pressuposto de que foram aquelas direções associativas que tiveram precedência na aprendizagem das atividades da linguagem. Segundo a interpretação de Charcot, não se verifica um privilegiar de algumas direções associativas a ponto de ter uma validade geral; todas as ligações entre elementos da linguagem parecem ter num primeiro tempo o mesmo direito a funcionar e é a prática ou a estrutura individual que faz deste ou daquele elemento da linguagem o ponto de conexão, o nó dos outros."* (Freud-1891,p.100)

Gabbi Jr.¹⁰³ estabelece um paralelo do maior interesse entre a afasia e a histeria, utilizando como fio condutor da analogia a

¹⁰³-No artigo intitulado "Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana", publicado em 1991. (Gabbi Jr. -1991a)

troca da anatomia pela linguagem como referente universal. Vale a pena reconstituir seu trajeto. O ponto de partida é o texto de Freud concluído em 1893 (mas iniciado 5 anos antes, a pedido do próprio Charcot), denominado *Algumas Considerações sobre um Estudo Comparativo entre as Paralisias Motoras Orgânicas e Históricas*. O traço distintivo da paralisia histórica seria não se comportar integralmente nem como uma paralisia de projeção, nem como uma de representação, ela seria intermediária entre ambas: "Se não possui todas as características de dissociação e de isolamento próprios da primeira, tampouco está sujeita às leis estritas que regem a segunda, a paralisia cerebral. Feitas estas ressalvas, pode-se sustentar que a paralisia histórica é também uma paralisia de representação, mas de uma representação especial cuja característica deve ser descoberta." (Freud, I, p.200)

Freud salienta reiteradas vezes o fato da histeria ignorar a anatomia do sistema nervoso¹⁰⁴: "(...) a histeria comporta-se em suas paralisias e outras manifestações como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse notícia alguma dela." (Freud, I, 207) A perspicácia de Freud, no entanto, é constatar (com Janet) a correspondência entre os limites da paralisia histórica (assim como também das anestésias, e sintomas

¹⁰⁴ -Aliás, devemos ressaltar certas evidências em favor dessa posição antes mesmo do estudo sobre as afasias. No Dicionário de Medicina Geral de Villaret, publicado em 1888, encontramos no verbete "Histeria", de autoria de Freud, as seguintes observações: "As paralisias históricas não levam em consideração o edifício anatômico do sistema nervoso (...)." (Freud, I, 50) "Outra característica das afecções históricas, importante ao extremo, é que de modo algum oferecem um reflexo da constelação anatômica do sistema nervoso." (ibid., 53)

psíquicos) e aqueles determinados pela concepção popular trivial, onde os nomes dos diversos segmentos corporais e órgãos, baseiam-se sobretudo em seu aspecto visual. (ibid.) Em termos psicológicos, ocorreria a abolição da acessibilidade associativa de um determinado segmento corporal, na medida em que fosse impossível por intermédio da ab-reação adequada diminuir o valor afetivo da representação conectada associativamente ao trauma. (ibid.,p.208) [O contexto presente discussão é o da teoria da sedução] Haveria, por assim dizer, uma substituição inconsciente de uma palavra por um determinado evento corporal (e.g. paralisia), ou como assinala Gabbi Jr.: "(...) para expressar o mesmo usando a terminologia do texto sobre a afasia, há uma cisão entre representação de palavra e representação de objeto, onde a primeira é substituída pela segunda." (Gabbi Jr.-1991a,p.197) E uma vez a linguagem substituindo a anatomia como universal, está preparado o terreno para a conclusão de que o sintoma histérico seria uma espécie de afasia, mais precisamente, uma afasia assimbólica. (ibid.)

A opção freudiana em pensar o sintoma histérico nos termos da afasia assimbólica e antes disso de reservar o nome assimbolia para a ruptura na ligação entre palavra e objeto, talvez seja indicativa de seu desejo de encontrar, na realidade dos objetos, a referência da linguagem. Outra alternativa menos problemática teria sido utilizar como protótipo dos sintomas neuróticos e da formação dos símbolos a parafasia¹⁰⁵, permanecendo

¹⁰⁵ -"Por parafasia (Paraphasie) devemos entender uma perturbação da linguagem em que a palavra apropriada é substituída por uma outra não apropriada que tem no entanto uma certa relação (Beziehung) com a palavra exata." (Freud-1891,p. 22)

exclusivamente no campo lingüístico (da linguagem ordinária), e evitando assim as desnecessárias especulações acerca da origem da linguagem e de sua virtual correspondência com alguma realidade (linguagem evocativa versus linguagem descritiva). Em outros termos, a suspeita que recai sobre Freud é a de estar imbuído de um *pathos* realista, mola propulsora da busca de uma referência última. A esse respeito, resta investigar os caminhos freudianos após o abandono da teoria da sedução.¹⁰⁶

Alguns anos mais tarde, no *Projeto de uma Psicologia* (1895), Freud introduz um novo e obscuro elemento, a representação de coisa¹⁰⁷: que por não poder ser predicada, é uma espécie de pura referência. Como no caso da afasia assimbólica e dos sintomas

¹⁰⁶ - Parece, inclusive, deveras significativo o fato do conceito de sobredeterminação, central na metapsicologia, ter sua origem ligada justamente à teoria da sedução. O termo aparece pela primeira vez no capítulo teórico dos "Estudos sobre Histeria", onde Breuer atribui a expressão a Freud. Nesse contexto, por origem do sintoma devemos entender sua causa e, portanto, sobredeterminação revela-se equivalente à multicausalidade. Basta comparar os dois fragmentos seguintes, extraídos do capítulo em questão: "Para que um homem são, originariamente não neuropático, constitua um sintoma histérico genuíno com sua aparente independência relativa à psiquê, sua existência somática autônoma, quase sempre se requer a concorrência de múltiplas causas." (Freud, I, 222) "Como neste [Breuer refere-se a um menino de 12 anos, anorético após um atentado sexual], em todos os casos é preciso que cooperem vários fatores para que numa pessoa se forme um sintoma histérico; este último, segundo a expressão de Freud, é sempre 'sobredeterminado'." (ibid., 222-3)

¹⁰⁷ - A diferença da representação de objeto do estudo sobre as afasias, organizada em torno do elemento visual, a representação de coisa não possui caráter sensorial e, a rigor, nenhum outro: nada se pode falar sobre ela.

históricos, analisados acima, a neurose no Projeto continua a ser pensada em termos de uma ruptura associativa, desta vez entre a representação de coisa, de um lado, e as outras duas (palavra e objeto), de outro. O seguinte trecho, extraído de *Exercícios em Psicomitologia*, ilustra de modo sintético, a articulação existente no âmbito representacional: "Mas é na constituição do desejo que se torna mais clara a articulação entre os três tipos de representação. A vivência de satisfação serve de modelo para a produção do circuito do desejo. Nele estão presentes, pelo menos, quatro representações. Uma primeira, a representação de coisa, é representante da pulsão; uma segunda, a representação de objeto, representa o objeto de desejo; uma terceira, a representação de palavra, representa a palavra ouvida, e uma quarta representação indica que o processo de somação, na fronteira do aparelho psíquico foi interrompido. Essas representações foram inscritas de acordo com uma seqüência temporal, isto é, suas referências apresentavam uma relação de contigüidade. Se forem evocadas de novo, elas serão ocupadas (bezetzen) simultaneamente. Freud usa o termo 'desejo' para designar precisamente essa 'ocupação simultânea.'" (Gabbi Jr.-1991b, p.38) Para o nosso propósito, cabe destacar o fato da palavra adquirir significação particular na mesma cena (situação interativa, na qual a palavra é a palavra ouvida) onde se constitui o desejo. Evidentemente, nesse campo articulam-se as experiências individuais (pois há uma repetição formal inevitável dessa situação, com variações contingentes, justificando assim, tanto o papel estruturante, como as peculiaridades decorrentes) e as ancestrais, sendo as últimas veiculadas por intermédio do significado prévio das palavras.

[Essa observação permanece válida somente se, no caso, o anacronismo for permissível, posto que dependemos da antecipação das hipóteses genéticas freudianas acerca da linguagem.] Ainda no *Projeto*, merece destaque a vinculação operada entre linguagem e realidade psíquica (sendo a primeira, condição da última): "*Os signos de descarga da linguagem são em certo sentido também signos de realidade, signos da realidade do pensar, mas não da externa; (...).*" (Freud, I, p.421) Desse modo, as descargas lingüísticas terminam por propiciar a própria memória do pensar.¹⁰⁸ (ibid., p.414) De alguma maneira, o problema mencionado anteriormente acerca da opção freudiana pela afasia assimbólica em detrimento da parafasia como protótipo da sintomatologia histérica e do simbolismo poderia ser reformulado nos seguintes termos: em que medida a realidade psíquica realmente independeria da realidade fática? Existem diversos indícios da preocupação de Freud, muito após o abandono da teoria da sedução, com a concordância entre a fantasia representada e a verdade histórica, por exemplo a busca da cena

¹⁰⁸ -Freud, na *Interpretação dos Sonhos* (1900), discute também a necessidade do pensar tornar-se relativamente autônomo em relação aos sinais de prazer e desprazer, requerendo qualidades próprias (os signos lingüísticos) e, portanto, possibilitando assim a consciência em todos os casos. (Freud, V, p. 566 e 604-5) Em *Totém e Tabu* (1913) encontramos esse interessante fragmento: "Do ponto de vista genético, talvez isso se deva a que a função de atenção originariamente não estava dirigida ao mundo exterior, recebendo unicamente dos processos endopsíquicos as mensagens sobre o surgimento de prazer e desprazer. Somente com a formação de uma linguagem cogitativa abstrata, por enlace dos restos sensoriais das representações-palavra com processos internos, estes últimos por sua vez tornaram-se pouco a pouco suscetíveis de percepção." (Freud, XIII, p. 70)

primordial no caso do Homem dos Lobos. (Freud, XVII, 36-8 e 74-5)

A derradeira reformulação do sistema representacional ocorre em 1915, no texto *O Inconsciente*, com os mesmos termos recebendo novas significações. A palavra, enquanto signo de qualidade, é alçada à posição de determinante do acesso à consciência. A citação adiante expõe tanto o novo modelo, como sua principal consequência: "O que podemos chamar de representação-objeto [Objektvorstellung] consciente decompõe-se agora na representação-palavra [Wortvorstellung] e na representação-coisa [Sachvorstellung], que consiste no investimento, senão da imagem mnêmica direta da coisa, ao menos de marcas mnêmicas mais distantes, derivadas da mesma. De súbito acreditamos saber agora onde reside a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. Elas não são, como criamos, diversas transcrições do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diferentes, nem diversos estados funcionais de investimento no mesmo lugar, senão que a representação consciente abarca a representação-coisa mais a correspondente representação-palavra, e a inconsciente é a representação-coisa isolada." (Freud, XIV, p.197-8)

No caso das neuroses de transferência, o recalque passa a ser entendido, portanto, como impossibilidade de tradução em palavras, por conta da associação com o objeto rechaçado (ibid., 198). Podemos questionar a necessidade da intermediação da palavra para a consciência, ou seja, por que outros restos perceptivos¹⁰⁹ não podem se tornar conscientes por meios próprios? A

¹⁰⁹ -Pois, a palavra é fundamentalmente o resto mnêmico da palavra ouvida. Nesse ponto, podemos verificar a importância da premissa

resposta freudiana divide-se em dois argumentos, de distinta natureza. O pensamento desenvolve-se dentro de sistemas distantes das percepções originárias, isto é, ela depende de um reforço qualitativo. A palavra fornece qualidades a relações, viabilizando sua apreensão, impossível de outro modo dada a carência de elementos sensoriais. Essas considerações aparentemente são compatíveis com a idéia que perpassa o presente estudo: a preponderância do elemento visual no contexto da relação de significação. Assim, teríamos, de um lado, o pensar originariamente inconsciente, tornado consciente pela ligação com palavras, e de outro, palavras inicialmente referidas a objetos. Somente num segundo momento, haveria relações entre elas.¹¹⁰

sensualista de Freud, através de um fragmento de 'O Eu e o Isso' (1923): "O papel das representações-palavra torna-se agora inteiramente claro. Por sua mediação, os processos internos de pensamento são convertidos em percepções. É como se houvesse sido evidenciada a proposição: 'Todo saber provém da percepção externa'. Por conta de um sobreinvestimento do pensar, os pensamentos chegam a ser percebidos real e efetivamente (Wirklich) - como se originados de fora e por isso são tomados por verdadeiros." (Freud, XIX, p. 25)

¹¹⁰ -No Projeto (1895), Freud aponta o fato da descarga lingüística equiparar os processos de pensar aos processos perceptivos, emprestando-lhes uma realidade objetiva e possibilitando sua memória. (Freud, I, 414) Além disso, a série qualitativa representada pela linguagem proporcionaria a oportunidade para a ocorrência do pensar, discernente, afastado dos investimentos-meta (investimentos-desejo), característica do pensar prático (origem dos demais): "O pensar com investimento dos signos de qualidade de realidade objetiva do pensar ou dos signos de linguagem é então a forma mais elevada e mais segura, do processo do pensar discernente." (ibid., 422) Tempos depois (em 1911), encontramos, em obra impressa, fórmula semelhante, a respeito do pensamento: "É

Uma via particularmente privilegiada para o esclarecimento da posição freudiana a respeito das palavras consiste no exame comparativo do tratamento a que as mesmas são submetidas no sonho, na esquizofrenia e no chiste. No primeiro caso, os sonhos, indubitavelmente chama a atenção de pronto seu caráter visual; Freud inclusive observa uma acentuada semelhança da linguagem onírica com um sistema de escrita e menos com uma linguagem propriamente dita. (Freud, XIII, p.180) Além disso, a palavra não aparece como o principal elemento da elaboração onírica, estando igualmente sujeita ao apelo de figurabilidade, ou seja, passível de sofrer as deformações necessárias por parte do trabalho do sonho. Nos termos de Freud, no *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos* (1917) : "Bastante digno de nota é o pouco que o trabalho do sonho atém-se às representações-palavra; a todo momento está disposto a permutar entre si as palavras até achar aquela expressão que oferece o pretexto mais favorável para a figuração plástica [plastischen Darstellung]." (Freud, XIV, p.227). Em outros termos, tratar a palavra como coisa significa retornar ao seu aspecto visual.

Existe ainda uma suposição essencial para a sustentação da teoria freudiana dos sonhos, o fato da linguagem, originada como ponto de compromisso do dualismo pulsional, sofrer de uma equivocidade estrutural. Os sistemas expressivos arcaicos seriam uma demonstração cabal desse aspecto (vide o sentido antitético provável que em sua origem o pensar tenha sido inconsciente, na medida em que se elevou acima do mero representar e dirigiu-se às relações entre as impressões de objeto; então adquiriu novas qualidades perceptíveis para a consciência por conta apenas da ligação com restos de palavra." (Freud, XII, p. 226)

das palavras primitivas); por outro lado, encontramos uma convergência entre a regressão tópica e a regressão formal em direção às imagens. Sem a equivocidade da linguagem, torna-se inconcebível a passagem do pensamento onírico ao sonho manifesto. Outras conseqüências são: a íntima associação no plano do pensamento entre a representação de uma coisa e a de seu oposto, permitindo assim a figuração pelo contrário¹¹¹ (Freud,V,p.468) e mesmo a fusão de elementos antagônicos numa única imagem (Freud,XV,p.210); a ligação entre a representação de palavra e a de coisa correspondente (Freud,XIV,227-8). Essa presumível correlação propiciaria a oportunidade do trabalho de elaboração onírica concentrar-se nas representações de coisa (ibid.) e, portanto, gerar o caráter visual dos sonhos.¹¹² Uma certa literalidade originária das palavras está pressuposta nessa conexão associativa (bem como uma duplicidade referencial), distante o suficiente para agir em prol da deformação: *"Mas precisamente por esse motivo representa de novo uma desfiguração, pois temos olvidado há muito a imagem concreta da qual a palavra surgiu, e já não a reconhecemos em sua substituição pela imagem."* (Freud,XV,p.110) Além disso, as palavras enquanto imagens são

¹¹¹ -Basicamente equivale a afirmar que o sentido depende da referência.

¹¹² -Intervém nesse momento o conceito de regressão tópica, central na teoria dos sonhos. A citação a seguir, extraída do Complemento metapsicológico da doutrina dos sonhos (1917), revela-se particularmente ilustrativa: "Os pensamentos transformam-se em imagens - predominantemente visuais -, e portanto as representações-palavra são reconduzidas às representações-coisa que lhes correspondem; no conjunto é como se um apelo de 'figurabilidade' presidisse todo o processo." (Freud,XIV,p. 226-7)

sujeitas, como as coisas, à incidência do mecanismo de condensação, sofrendo as mesmas urdiduras e, assim, possibilitando a criação de novas formações léxicas. (Freud,IV,p.302) Mas também a polissemia de algumas palavras concorre para a condensação. A escolha das palavras depende, por conseguinte, da economia figurativa.¹¹³ O principal ponto freudiano parece estar expresso no seguinte fragmento: "A palavra, como ponto nodal de múltiplas representações, está por assim dizer predestinada à multivocidade [prädestinierte Vieldeutigkeit], e as neuroses (representações obsessivas, fobias) aproveitam tão livremente como o sonho as vantagens que a palavra oferece assim à condensação e ao disfarce." (Freud,V,p.346) A interpretação de uma palavra, como de resto, de qualquer elemento onírico implica em diversas decisões relativas à multiplicidade de vertentes a serem escolhidas de modo não exclusivo (e jamais exaustivo). O sentido seria alternativa ou simultaneamente: a) positivo ou negativo (relação de oposição); b) histórico (reminiscência); c) simbólico; d) literal. (ibid.,p.347).

Por outro lado, na esquizofrenia, as palavras são tratadas como se fossem coisas, isto é, assumem um caráter de marcada literalidade. Temos aqui uma formulação paradoxal. De um lado as palavras têm um sentido o mais concreto possível, de outro, a absoluta ausência de contextualização torna a fala do esquizofrênico abstrata a ponto de constituir uma linguagem privada. Estamos às voltas novamente com a problemática da referência. À diferença da histeria, nada se resolve pela via da

¹¹³ -"O trabalho do sonho visa (...) condensar dois pensamentos diversos buscando-lhes, à semelhança do que sucede no caso do chiste, uma palavra multívoca em que ambos possam coincidir." (Freud,XV,p. 157)

inervação corporal, e as sensações correspondentes, em toda a sua concretude, são objetos de pensamentos conscientes. (Freud, XIV, p.195) Além disso, como justificativa para as formações léxicas incompreensíveis, temos a incidência sobre as palavras dos processos primários, as palavras "são condensadas e, por deslocamento, transferem completamente umas às outras seus investimentos; o processo pode avançar até o ponto em que uma só palavra, idônea para isso por múltiplas referências, tome sobre si a sub-rogação de uma cadeia inteira de pensamentos." (ibid., p.196) Assim, em resumo, a preponderância das palavras é o principal fator distintivo entre o trabalho do sonho e a esquizofrenia: "Nesta última, as palavras mesmas em que se expressou o pensamento pré-consciente passam a ser objeto de elaboração por parte do processo primário; no sonho não são as palavras, senão as representações-coisa a que as palavras foram reconduzidas. O sonho conhece uma regressão tópica, a esquizofrenia não; (...)." (ibid., p.227-8) Como vimos anteriormente, o trabalho do sonho vale-se da ambigüidade e da multivocidade das palavras para colocar em relação diferentes círculos de materiais, transmitindo "(...) a impressão de algo ora chistoso, ora esquizofrênico, e assim nos faz esquecer que todas as operações com palavras não são no sonho senão outros tantos preparativos para a regressão à coisa [escorço de coisa concreta]." (ibid., p.228)

No entanto, talvez seja no chiste onde Freud melhor enfrenta a questão dos significados das palavras, pois para sua formação empregam-se todas as propriedades das palavras ligadas à equivocidade tendenciosa¹¹⁴. Em primeiro lugar, temos a tese

¹¹⁴ -Como vimos anteriormente, a equivocidade resultaria da tensão

central: "As palavras são um material plástico [plastisches Material] com o qual se pode empreender toda classe de coisas. Há palavras que em certas acepções perderam seu pleno significado originário, do qual todavia gozam em outro contexto." (Freud, VIII, p.34) Deve-se salientar a aparente contradição implicada por dois aspectos contidos na citação. De um lado, postula-se a plasticidade, de outro, um sentido pleno e originário. Retornamos, assim, a um ponto de tensão presente na teoria do simbolismo, examinada no capítulo anterior. Antecipando um pouco nossas conclusões finais, já podemos indicar a existência de uma certa relação entre essa tensão e a hipótese filogenética sobre o desenvolvimento lingüístico. Ela resulta em um duplo sistema de referências que opera na linguagem ordinária: o sistema remoto (que acarreta a subsistência do primordial e confere ao elemento sexual um papel preponderante) e o sistema contextual, essencialmente social, intersubjetivo. A tensão devida ao dualismo pulsional, por sua vez, far-se-ia presente no interior das duas modalidades de referência. Prosseguindo na análise do chiste, Freud salienta que a acepção múltipla da mesma palavra é a base dos famosos jogos de palavras, da qual o duplo sentido seria um prevista no dualismo pulsional. Ela traduzir-se-ia num primeiro momento em termos de uma oscilação entre o sentido sexual (mais privado) e o sentido social (compartilhado). Nesse contexto, o sentido subjacente do chiste, dentro da formulação energética freudiana, deve ser sempre de natureza sexual. Entretanto, ainda em 1905, data do estudo em questão, Freud reconhece também o papel do chiste a serviço da tendência hostil. Mas somente após 1920, (quando da publicação de Além do Princípio do Prazer), Freud adquire os meios para explicar esse fato em termos metapsicológicos, através da pulsão de morte.

caso particular. (ibid.,p.35-6) Dividindo o campo do chiste em três grandes grupos, segundo o mecanismo formador, temos: I-condensação; II-acepção múltipla; III-duplo sentido. Por sua vez, o último comportaria a seguinte subdivisão, de acordo com os pares envolvidos: a) nome - significado material; b) significado material - metafórico; c) duplo sentido (caso ideal da acepção múltipla, como ilustra bem o exemplo: "*C'est le premier vol de l'aigle*"); d) equivocidade; e) duplo sentido com alusão. (ibid.,p.41) Como afirmamos anteriormente, nos chistes a equivocidade envolvida no processo adquire uma relevância especial, a serviço de um sentido sexual ou hostil subjacente. (ibid.,p.40) Freud reputa a condensação como o mecanismo formador do chiste mais geral e importante. Esta pode ter como consequência uma formação substitutiva, ou não, conforme a linguagem apresente a possibilidade de expressar diversos conteúdos por intermédio do mesmo material. (ibid.,p.42) Por outro lado, as diferentes formas de ligação entre as palavras guardam uma hierarquia entre si, ou seja, existem aquelas ligações consideradas superficiais por não se situarem no campo do sentido (i.e., por não serem imediatamente compreensíveis), baseadas nas semelhanças existentes entre as imagens acústicas: "*Num determinado grupo de chistes (os jogos de palavras), a técnica consistia em acomodar nossa postura psíquica ao som e não ao sentido da palavra, em colocar a representação-palavra {Wortvorstellung} (acústica) mesma em lugar de seu significado dado pelas relações com as representações-coisa-do-mundo {Dingvorstellung}.*" (ibid.,p.115)¹¹⁵

¹¹⁵ -Lembrar a divertida paródia criada por Lewis Carroll (Alice's Adventures in Wonderland), e veiculada por intermédio da moral da

Freud deixa entrever sua concepção de significação onde as coisas desempenham o papel de referência.

Antes de passar à desconstrução das supostas teses freudianas acerca da linguagem, examinemos brevemente o pano de fundo filosófico presente nessa problemática. Trata-se de averiguar em que medida a linguagem, para Freud, pode ser dita descritiva da realidade fática, isto é, entendida como instrumento de um conhecimento que a transcende. Encontra-se em cheque justamente a concepção de significado como um caso ideal de correspondência do elemento lingüístico (em sua forma proposicional) com um estado de coisas, independente da natureza do mesmo. A investigação visa aqui os possíveis ecos metafísicos de uma linguagem fundada num mundo fundamentalmente substantivista. Nesse sentido, a própria pretensão freudiana de abordar a origem (em ambas as acepções, de início e de princípio organizador) da linguagem, implicaria, aparentemente, em ultrapassar seus limites, na incessante busca de uma essência. Resumindo, poderíamos considerar, que estamos diante da concepção de linguagem como uma forma especial de espelho, capaz de refletir com acurácia alguma realidade (exterior ou interior).

Um traço marcante e distintivo da teoria freudiana seria a presença em seu interior de uma relação íntima e indissociável entre os planos semântico e energético, isto é, a psicanálise encontraria sua especificidade justamente na recusa de uma alternativa entre ambos. Ao menos essa parece ser a conclusão predominante do prolífico debate em torno da conhecida obra de duquesa: "Take care of the sense, and the sounds will take care of themselves." (p. 68)

Ricoeur, *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*. A metapsicologia seria uma tentativa de articular harmoniosamente a 'linguagem da força' com a 'linguagem do sentido' e, por conseguinte, também um outro par: explicação e interpretação.¹¹⁶ Para os nossos propósitos aqui interessa salientar as incidências dessa particularidade na presumida concepção lingüística de Freud. Desde o *Projeto* (1895), texto econômico por excelência e talvez o único dedicado à descrição dos processos psíquicos normais, a linguagem é considerada uma via preferencial de descarga da quantidade. Cabe, portanto, examinar de perto o que isso significa, bem como verificar em que medida essa idéia coaduna-se com as hipóteses filogenéticas acerca da origem da linguagem.

No *Projeto*, as diversas referências à linguagem podem ser agrupadas em três situações distintas: na discussão do papel do grito nas vivências prototípicas -de satisfação e de dor-; na constituição da realidade psíquica -isto é, da possibilidade de uma memória do pensar; na abordagem dos erros do pensar e conseqüente falseamento da realidade. Inclusive no primeiro caso, cumpre enfatizar, o grito é o único ponto comum às duas vivências; o elo solitário, por assim dizer, entre a satisfação e a dor. Na vivência de satisfação, o grito originariamente representa a forma possível de descarga. Na ausência do indivíduo prestativo, dado o desamparo inicial do ser humano, o grito funciona como uma válvula

¹¹⁶ -Um comentário crítico a respeito da tentativa de Ricoeur de exercitar o ponto de vista econômico da psicanálise, através de um hábil recorte, assim como a explicitação das nuances da teoria freudiana encontra-se em "Freud - O Movimento de um Pensamento" (particularmente nas páginas 80-96), de L. R. Monzani, publicado em 1989.

que diminui a tensão quantitativa em Ψ . Assim, apenas num segundo tempo ele adquirirá uma função comunicativa. (Freud, I, 362-3 e 414) Já na vivência de dor, o grito empresta qualidade (para atrair a consciência) ao objeto hostil, o resultado desse processo seria a criação da primeira classe de recordações conscientes. Freud acrescenta: "*Daqui a inventar a linguagem não há muita distância*". (ibid., 415) Entretanto, se por um lado, a comunicação é um efeito secundário da descarga da inervação lingüística, por outro, aparentemente está pressuposto *ab initio* o grito como fonia. E é no encontro dessas duas condições que a linguagem constitui-se como tal. Nesse sentido, em torno dessa noção de origem, ousamos formular um paralelo entre a concepção supra-citada do *Projeto* e a hipótese filogenética, expressa com o auxílio da teoria de Sperber.

O fio condutor da comparação é a função econômica da linguagem, enquanto mediadora da dualidade pulsional (sexualidade/auto-conservação). De um lado, no *Projeto*, a linguagem em si representa inicialmente uma via direta de descarga, embora de alcance limitado dada a magnitude da quantidade envolvida. Em seguida, o indivíduo prestativo (aquele que confere à linguagem sua função comunicativa), ao realizar a ação específica, simultaneamente se constitui na fonte imediata de subsistência e em objeto do desejo do pequeno infante. Há aqui indícios para uma concepção teórica posterior, a idéia do apoio [Anlehnung] pulsional (a sexualidade valendo-se das urgências vitais). Dito de outro modo, a linguagem localiza-se no seio da articulação entre vivência de satisfação (origem do circuito do desejo) e vivência de dor (invasão da quantidade, ameaçando a

integridade do aparelho). Quanto à hipótese filogenética, a linguagem apresenta de novo a dupla função de servir como via substitutiva de descarga tanto na ausência do objeto (a sexualidade nos humanos comportaria uma certa realização na própria linguagem) como diante da necessidade de atividades sociais que visam a sobrevivência. Neste caso, no trabalho, onde a situação está invertida, pois a transferência do apelo sexual garante a subsistência, a pulsão de autoconservação está apoiada na sexualidade, a serviço da sobrevivência da espécie. O compromisso entre sexualidade e autoconservação tem uma consequência biológica óbvia: a preservação a um só tempo do indivíduo e da espécie. Em torno dessa teoria econômica, onde a função básica da linguagem, enquanto via preferencial de descarga, seria a de mediação entre o sexual e o não sexual (para resumir com o maior grau de generalidade o dualismo pulsional), diversas outras teses parecem estar combinadas de modo coerente.

A primeira tese diz respeito à *referência sexual na origem da linguagem*. Foi extensamente comentado anteriormente a articulação proposta entre simbolismo onírico e sintomatologia neurótica por intermédio da hipótese filogenética sobre a linguagem. De fato, esta última deve cumprir a dupla exigência de fornecer uma garantia de universalidade¹¹⁷ e explicar a precedência

¹¹⁷ -A busca freudiana de uma linguagem matriz, originária, provavelmente foi influenciada pela penetração do mito do indo-europeu, no século XIX. Haveria, por assim dizer, uma explicação científica na raiz da diversidade das línguas. Machado de Assis (no conto *O Alienista*, de 1882 - p. 19) faz intervir na discussão sobre a loucura (especificamente a respeito do caso de um rapaz bronco que passa a enfeitar suas frases com trechos em grego e latim), o debate entre a religião e a ciência acerca do

do sexual em ambos os casos. O concurso da teoria de Sperber vincula a origem da linguagem às necessidades sexuais, e Freud acrescenta à descoberta da linguagem universal sua prova na sintomatologia neurótica. O simbolismo, por sua vez, como modalidade de linguagem originária, representa a via de acesso a esse passado remoto, mas em última instância depende de um prévio assimilamento ao sintoma para ser esclarecido. De certa forma, perpassando todo esse movimento, temos um projeto de constituição de uma matriz explicativa psicanalítica ou, em outras palavras, a identificação de um fator determinante, predecessor do processo da sobredeterminação. Como o elemento sexual é um fator sempre presente nas diversas formas de polaridade admitidas pela teoria, seria possível questionar o grau de abertura (viz., a possibilidade de apreensão do particular) da interpretação freudiana nos seguintes termos: *"a condensação é equivalente a afirmar que as expressões do conteúdo manifesto são polissêmicas. Ou seja, elas remetem a uma multiplicidade de referências. Há uma pluralidade de tramas que convergem sobre o mesmo ponto nodal. Certamente, cada trama pode aparecer em mais de um ponto nodal. A questão que se coloca é saber se há uma referência última da qual as outras seriam tributárias."* (Gabbi Jr.-1992,p.129)

Num trecho de 1910, anterior portanto ao aparecimento do simbolismo lingüístico: *"(Padre Lopes) - Quanto a mim, tornou o vigário, só se pode explicar pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escritura; provavelmente, confundidas antigamente as línguas, é fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe... # (Simão Bacamarte) - Essa pode ser, com efeito, a explicação divina do fenômeno, concordou o alienista depois de refletir um instante, mas não é impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso trato..."*

trabalho de Sperber (1912), Freud demonstra todo seu interesse em confirmar o caráter regressivo e arcaico da expressão de pensamentos no sonho, pela via da linguagem: "E a nós, os psiquiatras, uma conjectura impõe-se-nos como inevitável, a de que compreenderíamos melhor a linguagem do sonho [Sprache des Traumes], e a traduziríamos [übersetzen] com maior facilidade, se soubéssemos mais acerca do desenvolvimento da linguagem [Entwicklung der Sprache]." ¹¹⁸ (Freud, XI, p.153) O recurso à hipótese genética justifica-se pela ininteligibilidade das comparações estabelecidas pelo simbolismo nos termos atuais. Freud movimenta-se no terreno de sua tese (*Totém e Tabu*): o que hoje é inconsciente, um dia foi consciente; e nesse mesmo ano (1913), define os símbolos como: "(...) substituições e comparações baseadas em similitudes em parte evidentes; contudo, em outra parte destes símbolos perdemos a notícia consciente da hipotética 'tertium comparationis'. Talvez estes últimos, justamente, sejam provenientes das fases mais antigas do desenvolvimento da linguagem e da formação de conceitos." (Freud, XIII, p.179) Além disso, a idéia de uma matriz lingüística parece comprometida com o esforço freudiano de justificar os universais de sua teoria. Nesse sentido, ela seria correlativa de outras, como por exemplo a do desejo, fundante, pelo falo, cerne do complexo de Édipo. Talvez fosse interessante investigar a seguinte analogia, no mínimo polêmica, entre ambas as construções acima. Todos os desejos poderiam ser retranscritos em termos do desejo pelo falo, assim

¹¹⁸ -Do mesmo modo, Freud retorna a esse ponto em *Moisés (1939)* para explicar o simbolismo 'congénito' (Freud, XXIII, p. 128), e no *Esquema de Psicanálise (1940)* com o fim de esclarecer o 'conhecimento inconsciente' dos símbolos. (ibid., p. 164)

como todas as linguagens comportariam uma tradução para os termos originários da matriz lingüística universal. Freud afirma nesse sentido: "A linguagem do sonho, poder-se-ia dizer, é o modo de expressão da atividade anímica inconsciente. Mas o inconsciente fala mais de um dialeto." (ibid., p.180) Com o intuito de apontar um caminho possível para o desenvolvimento dessa ousada comparação, poderíamos sugerir que os dialetos referidos por Freud são as diferentes neuroses, isto é, as distintas formas de expressar o desejo pelo falo, condicionadas pelas modalidades de organização da experiência, de algum modo relacionadas com as diferentes fases da libido.

A segunda tese, a *passagem de uma linguagem figurativa e agramatical para a atual linguagem discursiva*, também se situa no domínio da hipótese filogenética e responde basicamente pela explicação das imprecisões da linguagem dos sonhos.¹¹⁹ Como no caso

¹¹⁹ -Walter Benjamin, no texto "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana" (1916), faz observações muito interessantes a respeito do processo da constituição da linguagem (Gênesis) até a confusão das línguas na torre de Babel (episódios bíblicos). Apresento a seguir alguns pontos. Em primeiro lugar, Benjamin distingue a linguagem humana das demais por ser ela a única que nomeia, e a essência lingüística do homem consistiria no fato dele dar nomes às coisas. (p. 82) No Gênesis, encontram-se ligados três processos: criar, conhecer e nomear. A linguagem intervém nos atos criadores divinos, e a um só tempo a palavra de Deus é verbo e nome ("Em Deus, o nome é criador porque ele é verbo, e o verbo de Deus é saber porque ele é nome"). (p. 88) O homem, por sua vez, não foi criado a partir do verbo, nem foi nomeado, a ele teria sido dado a conhecer a linguagem criada por Deus, e assim seguiria nomeando as coisas e seus semelhantes. (p. 89) A linguagem, nesse momento paradisíaco, consistindo puramente de nomes, é única, a do perfeito saber. O pecado original marca o nascimento do verbo

do simbolismo, o conceito chave é o de regressão formal, isto é, a substituição de uma forma de representação por outra mais primitiva. A linguagem, de início, figuraria somente os objetos (principalmente os sexuais), e, portanto, a função de nomear teria precedência; somente num segundo momento, a linguagem tornar-se-ia apta a expressar relações entre os objetos. A incompreensibilidade aparente dos pensamentos latentes decorreria do fato deles serem veiculados em invólucro arcaico: *"Temos dito que ele remonta a estados de nosso desenvolvimento intelectual superados por nós há muito, à linguagem figurativa, à referência simbólica, quiçá, às condições que existiram anteriormente ao desenvolvimento de nossa atual linguagem discursiva."* (Freud, XV, p.182) Freud compara o trabalho do sonho a línguas antigas (como a ideográfica chinesa) e à escrita hieroglífica, por conta da sensível indeterminação das relações, com o agravante, no caso do sonho, dele não se destinar à comunicação (ibid., p.210-2). Assim, a interpretação de um sonho seria análoga ao deciframento dos sistemas arcaicos de escrita, humano, a palavra passa a dever comunicar 'alguma coisa' (além de si mesma), torna-se um meio; o saber do bem e do mal nada tem a ver com o conhecimento das coisas (por intermédio de seus nomes), é um conhecimento exterior, a imitação não criativa do verbo criador. (p. 93) O pecado original seria, portanto, a origem da abstração, a linguagem perderia assim seu referente concreto, afastando-se das coisas e, a partir desse momento, da nomeação do inexistente até a confusão das línguas na torre de Babel, o caminho é curto. (p. 94-5) A principal diferença entre as linguagens divina e humana residiria no seguinte fato: no verbo criador de Deus as coisas são chamadas pelo seus nomes próprios, enquanto na língua dos homens elas são sobredenominadas. E tal sobred denominação estaria ligada à sobredeterminação reinante na trágica relação entre as línguas dos homens que falam. (p. 96)

isto é, baseada em elementos 'determinativos' e não realizada de modo arbitrário. (Freud,XIII,p.180)

Por outro lado, existe ainda uma forte correlação entre os conceitos de regressão tópica e de regressão formal ou, dito em outras palavras, o sentido do desenvolvimento da linguagem coincide com a tendência do aparelho psíquico de passar do domínio da imagem para o domínio da palavra. O sonho tem um caráter visual, plástico, bem como as linguagens arcaicas ideográficas, onde as imagens funcionam como referência, dirimindo as possíveis ambiguidades (ou melhor, o significado é produto da relação entre as imagens e os sinais, como afirmamos acerca do sentido antitético das palavras primitivas). A regressão tópica explicada por Freud: *"No trabalho do sonho é questão, evidentemente, de transpor para imagens sensíveis, na maioria das vezes de natureza visual, os pensamentos latentes vertidos em palavras. Ora pois, nossos pensamentos procedem de imagens sensoriais dessa índole; seu material primeiro e suas etapas prévias foram impressões sensoriais, melhor dito: as imagens mnêmicas destas que, depois, se ligaram aos pensamentos. Por conseguinte, o trabalho do sonho aplica aos pensamentos um tratamento regressivo, revertendo sua evolução, e no curso desta regressão tem que deixar de lado tudo o que foi acrescentado, como conquista nova, no desenvolvimento progressivo desde as imagens mnêmicas até os pensamentos."* (Freud,XV,p.165) Do ponto de vista do presente estudo, impõe-se a investigação das conseqüências profundas do referido paralelismo entre o sistema conceitual acerca do aparelho psíquico (metapsicologia) e as hipóteses filogenéticas sobre a linguagem.

A terceira tese expressa a correspondência entre a

linguagem e a realidade (psíquica). Sem dúvida, esse breve enunciado precisa ser matizado. Certamente encontramos nos textos freudianos material para desenvolver o tema em duas vertentes principais: o caráter convencional dos signos lingüísticos e o isomorfismo entre linguagem e realidade. A linguagem empresta ao pensar realidade objetiva e, ao mesmo tempo, possibilita sua memória. Por um lado, se todo pensar tem origem no pensar prático (que visa estabelecer a identidade entre o desejado e o percebido), e esta modalidade, guiada pela regra biológica da defesa primária¹²⁰, segue sendo seu fundamento último (Freud, I, 426-32), então o pensar não poderia falsear a realidade. Entretanto, o pensar crítico (teórico), operando com os signos qualitativos da linguagem (o desprazer não desempenha nenhum papel), e cujo objeto é uma série do próprio pensamento, (ibid., 434-5) pode certamente chegar a juízos falsos. Em outros termos, a linguagem tornaria possível o falseamento da realidade. Nosso problema, a relação entre linguagem e realidade, diz respeito tanto à verdade do conteúdo proposicional (descrição de um estado de coisas) num caso, como ao valor das proferições no âmbito da realidade psíquica no outro. Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) encontramos a seguinte observação de Freud que pretendemos desenvolver: "A linguagem usual [Sprachgebrauch] é fiel, inclusive em seus caprichos, a alguma realidade [Wirklichkeit]." (Freud, XVIII, p. 105)

Focalizaremos inicialmente os fundamentos da relação entre linguagem e ação. Na *Comunicação Preliminar* (1893), Freud¹²⁰ -isto é, o pensar prático toma o surgimento de desprazer como sinal para abandonar determinado caminho. (Freud, I, 431)

assinala (no contexto da discussão sobre a catarse): *"Mas o ser humano encontra na linguagem um substituto da ação; com seu auxílio o afeto pode ser 'ab-reagido' quase da mesma forma."* (Freud,II,p.34) Isto é, a linguagem deve ser entendida como importante via de descarga. Vimos anteriormente como essa observação só pode ser apreendida em todo seu alcance teórico a partir do *Projeto de uma Psicologia* (1895), onde o papel da linguagem na constituição do aparelho psíquico é examinado com algum detalhe, ainda que de forma não inteiramente sistemática.

No *Projeto*, a inervação lingüística (o grito) é o único ponto de articulação entre as duas vivências prototípicas básicas: a de satisfação e a de dor; ou, em outros termos, o único ponto de contato entre o sonho (processo psíquico normal) e a neurose (resultante de processos patológicos). No caso da vivência de satisfação, atribui-se um papel comunicativo ao grito: *"A inervação lingüística é originariamente uma via de descarga que opera como uma válvula para Ψ , a fim de regular as oscilações de $Q\bar{N}$; que é um trecho da via em direção à alteração interior, constituída na única descarga enquanto todavia a ação específica permanece por ser descoberta. Tal via cobra uma função secundária, pois chama a atenção do indivíduo prestativo (geralmente, o próprio objeto de desejo) sobre o estado carente e expectante da criança, e a partir de então serve para o entendimento {comunicação}, sendo assim incluída dentro da ação específica."* (Freud,I,p.414) Por sua vez, na vivência de dor, o grito tem a função protetora de impedir o reinvestimento da representação do objeto hostil, por intermédio do empréstimo de sua própria qualidade: *"Em primeiro lugar, são encontrados objetos*

-percepções- que levam ao grito por provocar a dor, cobrando enorme substantividade que esta associação de um som (que também incita imagens de movimento próprio) com uma [imagem]-percepção, ademais composta, ponha em relevo este objeto como hostil e sirva para guiar a atenção sobre a [imagem]-percepção. Toda vez que diante da dor não se receba bons signos de qualidade do objeto, a notícia do próprio gritar serve como característica do objeto. Então, esta associação é um meio para tornar consciente e, portanto, objeto da atenção, as recordações geradoras de desprazer: foi criada a primeira classe de recordações conscientes. Daqui a inventar a linguagem não há muita distância." (ibid.,p.414-5) A última frase conserva algo de enigmático, além de situar também a necessidade de conservação (não sexual) na raiz do surgimento da linguagem. Em termos energéticos, a um só tempo, a linguagem permitiria tanto diminuir a quantidade (através da descarga - interpretada pelo aparelho como sensação de prazer), como evitar a ativação dos neurônios secretores (com o conseqüente acúmulo adicional da quantidade - provocando o surgimento da sensação de desprazer), ligados à memória da vivência de dor.

Outras conseqüências da associação lingüística (ibid.,p.413) são a introdução de uma série qualitativa independente daquela representada pelas sensações de prazer/desprazer (ibid.,356-7) e a viabilização da memória do pensar, através dos signos da descarga lingüística. (ibid.,p.414) Em relação ao processo do pensar, Freud postula claramente a primazia do pensar prático (seria também o originário) (ibid.,p.424-5), cuja função precípua é o estabelecimento de uma identidade entre o percebido e o objeto de desejo (ibid.,426); em

outros termos, o pensar visa a realização de desejo, ele antecipa a ação.¹²¹

O fato do pensar ter seu fundamento último no pensar prático, cuja meta é o estabelecimento de identidade (i.e., a realização do desejo) implica, portanto, que um erro de percurso associativo possa ser imediatamente percebido pelo desprazer (não eliminação da quantidade) resultante do processo. O pensar, enquanto forma de ação¹²², não falseia a realidade, na medida em que não possui qualquer caráter semântico. Se, por outro lado, a série prazer/desprazer é substituída nas formas mais elevadas do pensar (judicativo, teórico) por uma outra série qualitativa, a dos signos lingüísticos, torna-se possível a falsificação da realidade. Nesse sentido, vale a pena examinar o item 4 da parte III do *Projeto*, dedicada justamente aos erros do pensar.

¹²¹ -"O pensar prático, a origem de todos os processos de pensar, segue sendo também sua última meta. Todas as outras variedades desprenderam-se dele. É uma manifesta vantagem que o traslado do pensar (Denküberführung), que sobrevém no pensar prático, não se produza somente na vigência do estado de expectativa, senão que já tenha acontecido; com efeito, 1) assim se poupa tempo para a plasmação da ação específica; 2) o estado de expectativa não é particularmente propício para o decurso do pensar. O valor da prontidão será percebido no breve intervalo entre percepção e ação se se tem em conta que as percepções alternam-se com rapidez. Se o processo de pensar durou demasiadamente, seu resultado tornou-se entretanto inutilizável. Por isso se *premedita*." (Freud, I, p. 432)

¹²² -Nesse contexto, ação significa simplesmente percorrer os caminhos no aparelho psíquico e deve ser diferenciada de ato, realizado a partir da ação e, por sua vez, interferindo efetivamente no mundo. O sonho propicia-nos um bom exemplo dessa distinção, na medida em que está associado a uma paralisia motriz. (Freud, I, 383-4)

Inicialmente Freud justifica a grande economia representada pela utilização do juízo, no processo do pensar, em detrimento dos complexos de percepção singulares (constituídos de uma parte fixa e não compreendida, o complexo-coisa, e uma outra, variável e compreensível, o complexo-predicado), por conta de não existir uma única ordenação no caminho até o estado-coisa desejado, dado que cada complexo-coisa está conectado com diversos complexos-predicado e vice-versa. (Freud,I,432) Os erros reconhecidos por Freud na formação do juízo são de natureza diversa: a) falhas nas premissas, por não se levar em conta toda a complexidade associativa existente; b) erros por ignorância, ou seja, percepção incompleta; c) erros por atenção deficiente, relativos ao investimento prévio do eu. (ibid.,432-3) O pensar discernente dirigido, por sua vez, ao exame dos diversos caminhos possíveis, pode esbarrar em: a) parcialidade, por não evitar os investimentos-meta; b) fragmentariedade, por não ser exaustivo o suficiente. (ibid.,434) Todos esse casos são agrupados sob a denominação de falhas psicológicas. E finalmente temos a situação mais complicada, o erro do pensar crítico, onde a despeito do cumprimento de todas as regras, o resultado leva ao desprazer. Isto é, temos uma falha lógica. A partir desse ponto Freud extrai uma estranha conclusão. Ele toma como exemplo o desprazer intelectual da contradição e atribui as falhas lógicas ao fato de não se levar em conta as regras biológicas. Para ele: "*A existência de tais regras biológicas demonstra-se justamente a partir do sentimento de desprazer pelas falhas lógicas.*" (Freud,I,435)

Diante de tal quadro, devemos nos interrogar se haveria

algo que efetivamente impedisse a linguagem de falsear a realidade. Na parte IV dos *Estudos sobre Histeria*, denominada *Psicoterapia da Histeria*, Freud refere-se a medida normal de concatenação lógica e motivação suficiente, salientando que um afrouxamento desses vínculos estaria fora do alcance da neurose e, portanto, a aparência incompreensível dos proferimentos histéricos seria indicativa da existência de motivos ocultos, inconscientes. (Freud,II,298) Em outros termos, a função comunicativa da linguagem dependeria dela pautar-se por uma medida normal, isto é, socialmente compartilhada. Como vimos anteriormente, a cena inaugural da linguagem é justamente a da ação específica, onde o grito passa a ter um apelo comunicativo, e a palavra é introduzida (nesse contexto a palavra é essencialmente o resto mnêmico da palavra ouvida - elemento nuclear da representação-palavra desde o texto de 1891, *Sobre a Conceção das Afasias*). Esse momento seria responsável por uma primeira fixação do sentido, que ocorreria exatamente no encontro de um significado prévio da palavra com as particularidades (entre elas, o grau de adequação) da referida cena inaugural de interação.

A relação entre o pensamento e a ação ganha novos contornos a partir da introdução do ponto de vista genético. Como ressalta Gabbi Jr. a respeito do recurso a uma filogenia para dar conta da universalidade do Édipo: "É existência de um fator histórico, de uma ação, que instaura as condições para essa estrutura fundamental." (1991-c,p.167) Em outras palavras, trata-se de estabelecer as condições de precedência de um dos termos (pensamento e ação), e Freud não se furta de tomar partido. No final do quarto ensaio de *Totém e Tabu* (1913), a

comparação dos neuróticos com os primitivos leva-o a postular a existência de um momento inaugural, onde realidade psíquica e realidade histórica não se distinguem. Na sintomatologia neurótica não somente temos a defesa da realidade psíquica de alguns impulsos: *"Há nisso também um fragmento de realidade histórica; (...) Então, a analogia dos primitivos com os neuróticos estabelece-se de uma maneira muito mais radical se supomos que também nos primeiros a realidade psíquica [psychische Realität], acerca de cuja configuração não há dúvida alguma, coincidiu no começo com a realidade fática [faktischen Realität]: que os primitivos fizeram realmente aquilo que segundo todos os testemunhos tinham o propósito de fazer."* (Freud, XIII, p.162) O trecho final e conclusivo do ensaio apresenta o neurótico encarcerado no domínio do pensamento, incapaz de agir, e o primitivo condenado à ação irrefletida: *"Mas o neurótico está sobretudo inibido em seu agir, o pensamento é para ele o substituto da ação. O primitivo não está inibido, o pensamento transpõe-se sem mais em ação; para ele a ação é, por assim dizer, mais propriamente um substituto do pensamento; (...)." (ibid.)* A última observação, parece pressupor uma construção teleológica, onde o princípio organizador não coincide com a origem (no sentido de início). Especificando: na teoria psicanalítica, o complexo de Édipo funciona como referência universal (ao menos antes do advento da pulsão de morte, em 1920) e o falo é o operador simbólico por excelência (complexo de castração). Desse modo, estes fatores organizam as experiências mais precoces, mesmo sendo vivenciados num momento posterior. Por exemplo, o desmame seria paradoxalmente a reedição de um acontecimento futuro, a perda do

falo no complexo de castração. Assim, as hipóteses filogenéticas cumprem o propósito de situar a ação num tempo remoto, imemorial (mítico, por assim dizer), desfazendo a contradição aparente e dotando a teoria de um caráter universal. Esse é o sentido do verso emprestado de Goethe (*Fausto*), na conclusão de *Totém e Tabu*, onde Freud reafirma todo o peso de suas hipóteses filogenéticas: "No começo foi a ação."¹²³ (ibid.)

Em acepção ampla, Freud entende por linguagem todos os modos de expressão das atividades anímicas (Freud, XIII, p.179), e basicamente a principal característica dos processos psíquicos diz respeito ao inevitável apelo intencional contido nos mesmos. A seguinte citação, fragmento recolhido da *Interpretação dos Sonhos* (1900), talvez revele o primeiro postulado do edifício teórico psicanalítico: "Por mais influência que exerçamos sobre nossa vida anímica é impossível estabelecer um pensar sem representações-meta [Zielvorstellungen]; e ignoro os estados de desordem psíquica em que semelhante pensar poder-se-ia estabelecer." (Freud, V, p.522)

Até mesmo a idéia do inconsciente parece resultar da universalização do princípio da intencionalidade dos atos psíquicos. Segundo Gabbi Jr., "a crença de que não há ações sem intenções nos leva a examinar a teleologia implícita na teoria do aparelho psíquico freudiano.(...) Portanto, uma firme crença no determinismo psíquico que se afirma pela tese de que todas as

¹²³ - "Im Anfang war die Tat." (Goethe, 'Fausto', parte I, cena 9) - Curiosamente, esta mesma frase foi citada por Wittgenstein: "The origin and the primitive form of the language is a reaction; only from this can more complicated forms develop. Language - I want to say - is a refinement, 'in the beginning was the deed.'" (CV-1997, p. 31e)

nossas representações de nossa vida mental são representações de meta." (1992,p.53)

Nesse nível, cabe analisar o tipo de causalidade envolvida na teoria freudiana. Apontamos anteriormente na totalidade dos casos - simbolismo, sintomas neuróticos, sonhos e o próprio pensar-, como a organização dá-se por referência a um fim: a realização de desejos, a natureza teleológica dos constructos freudianos. Para Gabbi Jr., a causalidade presente na teoria freudiana pode ser dita teleológica na medida em que esta cumpre os seguintes critérios: 1- teoria não atomista (na psicanálise não há unidades discretas de análise); 2- explicação assimétrica (duplo domínio do comportamento humano, dependência da integridade do aparato neurológico); 3- intenção transcende o âmbito da consciência (desejar = intenção de realizar); 4- descrição dos propósitos básicos do ser humano (teoria das pulsões); 5- estabelecimento das condições onde desejo e ação são inseparáveis (via ação específica). (Gabbi Jr.-1992,p.54-6)

Veremos em seguida como essa causalidade teleológica propicia um novo ângulo para o exame da relação entre linguagem e realidade psíquica. Basicamente, a primeira expressa uma intencionalidade semântica, revelando sempre determinadas expectativas, mesmo quando não tem função comunicativa (como no pensamento). Enquanto isso, a nível do aparelho psíquico e em termos econômicos, temos a tendência do mesmo de se livrar da quantidade, mantendo-a no patamar mais baixo possível. Ambas as situações parecem ser traduções (em diferentes registros) do mesmo evento, a realização de desejos. Haveria, por assim dizer, menos uma correlação entre linguagem e realidade psíquica, e sim uma

convergência de propósitos. Um argumento nesse sentido é o fato da linguagem ser introduzida no contexto da ação específica (enquanto resto mnêmico da palavra ouvida), onde também se estabelece o circuito do desejo. Assim, não parece de todo injustificada a seguinte conjetura: o contato com o indivíduo prestativo na ação específica seria constitutivo simultaneamente do suprimento das necessidades vitais imediatas, da vivência prototípica de satisfação e da medida de adequação da linguagem, e esse seria o nó freudiano da relação entre mundo (realidade objetiva), realidade psíquica e linguagem.

A quarta tese é a dos *usos lingüísticos como via de conhecimento*. Pudemos constatar no decurso da pesquisa um certo procedimento freudiano de se valer da imensa gama de usos das expressões cotidianas para comprovar o acerto de suas formulações teóricas, cuja premissa nuclear parece estar situada em torno da possibilidade de resolução de questões conceituais a partir de semelhanças léxicas. É bem verdade que encontramos uma advertência do próprio Freud (*Totém e Tabu* - 1913) contrária a tal operação, a seu ver características dos primitivos e das crianças, tanto uns como os outros "(...) nunca concordam em admitir uma semelhança léxica carente de significado, senão que extraem a conseqüente inferência: se duas coisas chamam-se com nomes de igual sonoridade, é preciso que isso designe uma profunda concordância entre ambas." (Freud, XIII, p.62) Portanto, sem dúvida, muita cautela faz-se necessária ao imputar a Freud o mesmo tipo de crença. Na verdade, o problema é sensivelmente mais complexo.

Explicitando diretamente o ponto, trata-se de averiguar se a linguagem, para Freud, funciona de fato como um espelho, e,

no caso de uma resposta afirmativa, de descobrir afinal o que ela reflete. Evidentemente, a questão não se refere (como no *Crátilo* de Platão) ao caráter necessário ou arbitrário dos signos lingüísticos nem tampouco a posição freudiana aproxima-se de um realismo simplista acerca da relação entre as palavras e as coisas. A linguagem parece interessar a Freud enquanto documento histórico a respeito do processo de humanização, do ingresso numa ordem simbólica. Isto é, ela seria consoante às necessidades e aspirações psicológicas dos seres humanos, ou, em suma, à constituição da denominada realidade psíquica. Ao se conferir nomes semelhantes a diferentes objetos, haveria uma espécie de atribuição intuitiva de nexos conceituais entre os mesmos. Encontramos um bom exemplo desse procedimento num trecho de 1907, sobre o teatro: *"E a linguagem teria recolhido este parentesco entre jogo infantil e criação poética chamando 'jogos' [Spiel] às encenações do poeta que necessitam de apoio em objetos palpáveis e são susceptíveis de figuração (...)." (Freud, IX, p.128)* A coincidência acerca da palavra "jogo" torna inevitável a lembrança da observação (advertência) de Wittgenstein: existe algo comum a todos os jogos? Ou seja, a crítica desse autor dirige-se contra a tendência de considerar algo comum (de resto inexistente) aos jogos como uma espécie de essência dos jogos. Na seguinte série de citações procuraremos questionar um possível essencialismo freudiano acerca de um problema da maior importância para a teoria psicanalítica, a natureza dos sonhos.

A aproximação em termos lingüísticos dos sonhos e dos devaneios ('sonhos diurnos'), onde o último invariavelmente associar-se à realização de fantasias, leva Freud a pretender

confirmar sua apreensão da essência dos sonhos: "A linguagem, com sua insuperável sabedoria, há tempos decidiu o problema da essência dos sonhos [Traum] chamando também 'sonhos diurnos' [Tagtraum] aos castelos no ar dos fantasistas." (Freud, IX, p.131) Freud volta ao tema em 1916, nas Conferências Introdutórias, e reafirma a sabedoria contida na linguagem: "O uso lingüístico, que nada tem de contingente, senão que é a sedimentação de uma velha sabedoria, ainda que não se possa empregá-la sem precaução; nossa linguagem, então, conhece algo que estranhamente chama 'sonhos diurnos' [Tagtraum]." (Freud, XV, p.89) Temos ainda: "Por conseguinte, no uso lingüístico há um vislumbre de que a realização de desejo é o caráter principal do sonho." (ibid., p.119) De modo circular, Freud dirá que os sonhos, pela característica acima citada, nada mais são que 'sonhos diurnos noturnos'. (ibid.) O uso lingüístico (em particular, o uso substantivista dos nomes) em meio a uma aparente diversidade, basicamente focalizaria as essências envolvidas: "O uso lingüístico exhibe nesse ponto uma evidente tomada de partido; com efeito, há também sonhos de angústia e sonhos de conteúdo penoso ou indiferente, porém não comoveram o uso lingüístico." (ibid., p.120) Não termina aí a incursão freudiana em busca do chamado testemunho da linguagem, há outros exemplos ainda, plenos de conseqüências teóricas.

Um determinado caso de simbolismo, a relação sexual figurada pelo ato de subir escada, forneceria um indício adicional do conhecimento veiculado pelas expressões cotidianas, posto que o *tertium comparationis* envolvido nesse símbolo (o ritmo de ambos os movimentos, do coito e da subida), teria sido recolhido pela

linguagem: "Não nos esqueçamos de recorrer ao uso lingüístico; ele nos mostra que 'steigen' [montar] é usado sem mais como designação substitutiva da relação sexual." (Freud,XI,p.135) O mesmo ocorreria na famosa equação simbólica, filho = pênis, conseqüência da trama desejante organizada pelo complexo de Édipo e corroborada pelo uso lingüístico: "Tanto o filho como o pênis são chamados de 'o pequeno' ['das Kleine']." (Freud,XVII,p.118-9) Além da expressões de uso corrente, Freud recorre também à etimologia, nas suas interpretações, como ilustra a seguinte passagem (1939): "Se é lícito confiarmos no testemunho da linguagem, foi o ar em movimento quem proporcionou o modelo da espiritualidade, pois o espírito toma emprestado seu nome do sopro do vento (animus, spiritus; em hebreu: ruach, sopro). Isso indicava o descobrimento da alma como o princípio espiritual do indivíduo. A observação reencontrou o ar em movimento na respiração do homem, cessante com a morte; todavia ainda hoje o moribundo 'expira sua alma'." (Freud,XXIII,p.110-1) Talvez a palavra investigada mais a fundo por Freud seja heimlich, pela sua peculiaridade de pertencer a dois círculos de representações ('familiar' e 'sinistro'), alheios entre si, com alguns pontos situados virtualmente em relação de oposição (um exemplo curioso é a coincidência de significado em certos casos entre heimlich e unheimlich). (Freud,XVII,p.220-6) Assim como fez com a palavra 'tabu', Freud extrai uma verdade psicanalítica do presente caso, a saber, sobre a angústia associada ao retorno do recalçado, daquilo que um dia foi familiar e sucumbiu ao recalque, (ibid.,240), e aliás este se faria presente (tal como uma trade mark) no prefixo "un" da palavra "unheimlich" . (ibid.,244)

Finalmente, a linguagem registraria ainda as fases de desenvolvimento da libido (pensadas como formas de apreensão da realidade e de organização da experiência): os primeiros objetos de desejo jamais seriam abandonados, e os usos lingüísticos atestariam as sucessivas retranscrições nos termos das fases seguintes, além da permanência de traços arcaicos, no amálgama resultante: *"O uso lingüístico recolheu aspectos da fase sexual oral, incluindo-os em suas expressões; fala de um objeto de amor 'apetitoso', chama doce à amada."* (ibid., p.97) Evidentemente, essa tese da linguagem como via de conhecimento vincula-se às hipóteses filogenéticas freudianas e, de certa forma, um ponto de contato possível entre ambas é a pressuposição de um dado essencialismo, relativo ao postulado de uma referência última (universal) que remonta à sexualidade no interior do complexo de Édipo. Mas, além disso, consideramos necessário retomar, com o vocabulário da metapsicologia freudiana, a articulação em moldes teleológicos, entre a linguagem e o aparelho psíquico, na extensão de seus diversos desdobramentos.

A quinta tese diz respeito à existência, na obra de Freud, de duas séries correlativas: *1- originário- relações profundas- univocidade; 2- deslocado- relações superficiais- multivocidade.* A segunda é claramente tematizada, sendo aliás objeto por excelência da teoria; em contrapartida, a primeira simplesmente se encontra implícita em esparsas alusões, muito embora ocupe uma posição de fundamento necessário. Em outros termos, a ambição explicativa da psicanálise, postulamos aqui, depende da suposição de certa estabilidade no campo da significação, de uma estrutura universal que organize essas

relações e. de uma forma usual de linguagem assentada sobre uma métrica pragmática.

A idéia de um sentido originário das palavras foi mencionada por ocasião do exame do simbolismo onírico e compõe a hipótese filogenética sobre a linguagem. Tanto o simbolismo como a sintomatologia neurótica, qua modos arcaicos de figuração, e para além da aparência de deformação, promoveriam o resgate do mesmo: *"Portanto, se a neurose obedece ao uso lingüístico, toma aqui como em outras partes as palavras em seu sentido originário, pleno de significação; e onde parece expressar uma palavra de modo figurativo, na maioria dos casos não faz senão reestabelecer seu antigo significado."* (Freud, IX, p.157) Através da teoria de Sperber, temos a seguinte equivalência: sentido originário = sentido sexual e, assim, as palavras utilizadas no cotidiano, na linguagem usual, representariam deslocamentos desse sentido primitivo, ocorridos *pari passu* com o incremento da vida social e a constituição da própria cultura. A duplicidade implicada concerne predominantemente à referência¹²⁴, e menos ao sentido, mas como ambos, na aparência, são inseparáveis na teoria freudiana

¹²⁴ -A suposição deste estudo é de que a referência esteja intimamente relacionada com o dualismo pulsional da teoria. Assim, no primeiro momento, a linguagem atenderia simultaneamente às exigências sexuais e de autoconservação, como afirmamos no decorrer do texto. Com a reformulação metapsicológica de 1920, as duas pulsões acima citadas unem-se em torno de um propósito vital, a sobrevivência do indivíduo e da espécie; e o polo oposto passa a ser a pulsão de morte. Nesse caso, conjecturamos, a linguagem também encontra seu papel, trabalhando a serviço da repetição, através da supressão da ausência (cf. o jogo "fort-da" discutido em Além do Princípio do Prazer - Freud, XVIII, 14-7), e enquanto memória filogenética universal.

(Gabbi Jr.-1992,p.23), temos uma virtual multiplicação do sentido.

A postulação das relações profundas (i.e., aquelas que vigoram quando os proferimentos possuem sentido) seria consequência da extensão generalizada do princípio da intencionalidade, não havendo desordem psíquica capaz de violá-lo, isto é, de estabelecer um pensar sem finalidade. Nas palavras de Freud: *"Como exemplo inequívoco de associação isenta de qualquer representação-meta tem se considerado o caso em que as representações (ou imagens) emergentes aparecem unidas pelos laços da chamada 'associação superficial', ou seja, por consonância, ambigüidade das palavras, coincidência no tempo sem relação interna de sentido, todas as associações que nos permitimos usar no chiste e no jogo de palavras. (...) Toda vez que um elemento psíquico liga-se com outro por uma associação chocante e superficial, existe também entre ambos um enlace correto e profundo, submetido à resistência da censura."* (Freud,V.p.523-4) A relação superficial tem como condição a relação profunda, podemos constata-lo nos chistes, nos sintomas neuróticos e principalmente nos sonhos, marcado por uma espécie de fragilidade associativa em termos lógicos. Isso decorre do fato do recalque incidir sobre a relação profunda no afã de eliminar basicamente o sentido sexual (e, como vimos, ele é também o originário). Um tipo de ligação superficial de importância clínica é o caso da semelhança a nível de sonoridade (nos jogos de palavras chistosos, o elemento acústico, por vezes, suplanta o semântico - Freud,VIII,p.115) que recupera de certa forma um traço arcaico do desenvolvimento psíquico: *"Nunca se deve olvidar como a criança trata as palavras como se fossem coisas do mundo, e quão substantivas são então para*

ela as homofonias." (Freud,X,p.50-n.28)

Além disso, devemos considerar a advertência freudiana sobre o fato do simbolismo ser portador, em última instância, de profundas relações de significação: "*É impossível orientar-se nas fantasias - as ocorrências influenciadas pelo inconsciente - e na linguagem sintomática do ser humano se não se conhecem estes profundos nexos. Fezes- dinheiro- presente- filho- pênis são tratados aqui como equivalentes e ainda como sub-rogados mediante símbolos comuns.*" (Freud,XXII,p.93) A relação simbólica, depois da Conferência X (1916), é entendida como uma relação constante de significação, ou seja unívoca (por conta da referência às coisas sexuais, e talvez produto de uma definição ostensiva), embora o mesmo objeto (sexual) possa ser figurado por diversos símbolos. Entretanto, o símbolo, como os outros elementos lingüísticos, pode ser tomado também em acepção não simbólica, sendo esses outros sentidos (e a conseqüente multivocidade) provenientes do processo de deslocamento do sentido originário e do mascaramento das relações profundas pelas superficiais.

No domínio da intencionalidade, das inevitáveis representações de meta, isto é, da teleologia da linguagem e do aparelho psíquico (terceira tese), podemos interrogar-nos sobre a forma da relação entre os princípios quantitativos (reguladores da tendência à descarga de quantidade do aparelho) e os dois níveis supra-mencionados de ligações entre os elementos lingüísticos. Logo no início do *Projeto de uma Psicologia* (1895), Freud introduz, em sua concepção quantitativa, o princípio da inércia (inspirado no modelo do arco-reflexo): os neurônios procuram livrar-se da quantidade. (Freud,I,340) Entretanto, esse princípio

funciona como uma ficção teórica, uma vez que é claramente incompatível com a vida, e cede o terreno a um outro, o princípio da constância, onde o aparelho deve suportar uma certa $Q\eta$ para dar conta das demandas da ação específica. "Não obstante, no modo em que o faz mostra-se a permanência da mesma tendência, modificada no afã de manter ao menos a $Q\eta$ no nível mais baixo possível e de se defender de qualquer acréscimo, isto é, mantê-la constante." (ibid.,341) Em seguida temos uma tese da maior repercussão para a futura teoria psicanalítica: "Todas as operações do sistema de neurônios devem situar-se sob o ponto de vista da função primária ou bem aquele da função secundária imposta pela premência da vida." (ibid.) Somente muitos anos depois, essa distinção vai aparecer em obra impressa, no artigo *Formulações sobre os dois princípios do suceder psíquico*, de 1911, mas com outros nomes: princípio do prazer / processo primário e princípio da realidade / processo secundário, onde os últimos representam, não uma substituição, mas uma consolidação dos primeiros (Freud,XII,228). De interesse especial para o nosso propósito é o fato existir nos dois casos, respectivamente, energia (investimento) livre e ligada (o).

Basicamente, no processo primário¹²⁵ o investimento desloca-se inteiramente de uma representação a outra, de modo que o último elemento de uma cadeia associativa torna-se o único passível de consciência. Isto é, um complexo íntegro encontra-se

¹²⁵-Deve ser evitado o erro freqüente de se imputar aos processos primários o caráter de inconsciência. Os exemplos a seguir são elucidativos do ponto visado: a maior parte de nosso pensar secundário é inconsciente, enquanto o sonho, produto por excelência do processo primário, é consciente.

sub-rogado na consciência por uma única representação. Um bom exemplo é fornecido pelo caso clínico de Emma (parte II do *Projeto*, dedicada à psicopatologia - Freud, I, 400-3), onde a inocente representação "vestido" conecta a cena I à cena II, de resto recalcada. Esclarecer (tornar compreensível) o sintoma de Emma (não entrar sozinha numa loja para que não riam de seu vestido) equivale a solucioná-lo, ou seja, trazer à consciência todo o percurso associativo (transformar o processo primário em secundário), a trama envolvendo ambas as cenas. Cabe também explicitar a relação privilegiada do sexual com o processo primário. No contexto do *Projeto*, temos no âmbito do sexual uma constelação psíquica particular. A recordação produz efeitos ausentes na ocasião da vivência, pois o reconhecimento do caráter sexual dá-se com posterioridade [ainda não há sexualidade infantil, o registro é biológico: "*O retardo da puberdade possibilita processos primários póstumos.*" (ibid., 407)]. Mais tarde, a explicação é outra: a pulsão sexual permaneceria mais tempo sob domínio do princípio do prazer, por conta do autoerotismo inicial, bem como do período de latência (Freud, XII, 226-7). Haveria, por assim dizer, uma dificuldade inerente em se renunciar às antigas fontes de prazer, comprovada pela atividade de fantasiar. (ibid.) Desse modo, existiria um vínculo mais estreito entre, de um lado, a pulsão sexual e a fantasia, e, de outro, entre as pulsões do eu e as atividades da consciência. (ibid.)

Na vigência do processo secundário¹²⁶, o eu exerce sua

¹²⁶ -Nos termos energéticos do *Projeto*, o processo secundário corresponde a um estado ligado, a um investimento neuronal

função de inibição, e, ao evitar o livre fluxo dos investimentos pela consideração da realidade objetiva, impede a assimilação do desejo à sua realização. O sonho funciona como um ilustrativo contra-exemplo, pois em sua formação intervêm os mecanismos primários (condensação e deslocamento) no sentido de atingir alucinatoriamente as metas básicas do aparelho psíquico. Sua marca registrada é a aparente fragilidade associativa, a superficialidade de seus nexos. No plano hermenêutico, é a equivocidade de seus quadros, correlata de sua inesgotável polissemia. A linguagem, por sua vez, possibilita a formação de juízos, permitindo ao aparelho uma grande economia no processo de pensar, em comparação ao trabalho necessário na consideração de complexos perceptivos não ordenados. (Freud, I, 432) A vinculação com palavras propiciaria ainda, na medida em que pressupõe a conservação de um investimento em tais representações, a reconstituição de toda a cadeia associativa percorrida no pensar. Ou seja, de acordo com nossa hipótese, as relações profundas de sentido traduzem-se no vocabulário econômico pela manutenção da energia ligada.

Por outro lado, a palavra é ponto de convergência de diferentes círculos representacionais, sobredeterminada como o sintoma, como evidencia a citação de Freud (*Gradiva*-1907), a respeito da predileção de Zoe por curiosas frases de duplo sentido (formuladas com o intuito de resgatar gradualmente Harold de seu delírio): *"Não a cremos fruto do acaso, senão uma consequência necessária das premissas do relato. Não é mais do que o elevado, com uma corrente de pequena magnitude. Segundo Freud, essas são as condições do processo de pensar. (Freud, I, 416-7)*

correspondente do determinismo duplo dos sintomas, pois os ditos mesmos são sintomas e, como estes, provém de compromissos entre o consciente e o inconsciente. Esta dupla origem é mais facilmente advertida nos ditos do que, por exemplo, nas ações; e consegue-se - por conta da flexibilidade do material do dito - procurar numa mesma articulação de palavras uma boa expressão para os distintos propósitos do dito, estaremos frente ao que chamamos de 'equivocidade' [Zweideutigkeit]." (Freud, IX, p.71) A palavra (referida à coisa) permite o acesso ao objeto no âmbito do processo secundário, porém, entre outras tantas vicissitudes, ela pode revelar-se ainda material a serviço do processo primário, às expensas de sua plasticidade. "Ou seja, a passagem da imagem à palavra é possível devido a propriedades que existiriam nela mesma. Mas o que queremos saber é como as características de motivação suficiente se relacionam com o princípio da constância." (Gabbi Jr.-1992, p.59) E um pouco adiante o autor formula com outras palavras a hipótese expressa acima: "Portanto, princípio da constância (processo secundário) está ligado a ligações profundas da fala e princípio da inércia (processo primário) a ligações superficiais. Em ambos os casos está pressuposta a teleologia implícita da linguagem: no primeiro caso as intenções são pré-conscientes, no segundo inconscientes." (ibid.) Assim, em termos lingüísticos, o princípio da constância corresponderia à garantia de uma intencionalidade compreensível, e o princípio da inércia, por outro lado, seria apto à figuração da equivocidade, da ambiguidade (oposição entre intenções). (ibid., p.60) As tais ligações profundas não são tematizadas por Freud, apenas pressupostas; como a medida usual da fala (concatenação lógica e

motivação suficiente) mencionadas na *Psicoterapia da Histeria* (Freud, II, 298), na condição de parâmetro para decidir-se entre a normalidade e a patologia. Bem, naquele momento a fala era via de acesso ao sintoma, e isso modifica-se radicalmente com o abandono da teoria da sedução.

A fala passa a ter em si mesma um caráter sintomático, pelo fato de sua constituição ser tributária das ligações superficiais, e um argumento nesse sentido é a adoção, por parte de Freud, da técnica da livre associação. Não parece muita ousadia supor que a finalidade última da regra do pensar seja desfazer livremente certos clichês associativos, intimamente conectados com uma determinada ficção neurótica, da qual o enfermo permanece prisioneiro. Isto é, ele 'funcionaria' fixado a uma única forma de apreender a realidade; e a análise, em sua tarefa terapêutica, teria como objetivo destruir esse mito (neurose), ampliando, assim, consideravelmente o repertório, no plano do pensamento e da ação, do sujeito. A fala do paciente seria duplamente marcada pela equivocidade, pois, em primeiro lugar é veiculada pela linguagem cotidiana (proveniente de uma sucessão de progressivos deslocamentos, desde a unívoca linguagem originária), e em segundo é sobredeterminada por intenções (conscientes e inconscientes) por vezes antagônicas. Na psicanálise, o movimento no campo da linguagem afigura-se incessante¹²⁷, e o grau de fixação do sentido pode ser tomado como parâmetro do caráter sintomático do proferimento. O esclarecimento dos sintomas, sonhos e chistes

¹²⁷ -Dito de outro modo, não se pode determinar o montante de condensação e, portanto, a análise seria, rigorosamente, em termos teóricos, interminável.

(neste último caso equivale a identificar a razão de seu efeito cômico) relaciona-se com o ato de mostrar as relações profundas subjacentes às visíveis relações superficiais. Uma notável exceção parece ser o caso do simbolismo onírico, talvez o único exemplo, no texto freudiano, onde se supõe algo acerca da natureza das ligações profundas.¹²⁸ E o simbolismo, por outro lado, parece emblemático do paradoxo psicanalítico visado por Wittgenstein: a polissemia na aparência, e a monotonia no fundamento (as relações profundas são sempre as mesmas, referidas ao sexual, desde a origem suposta e remota da linguagem). Em outras palavras, sua crítica recai sobre o aparato explicativo da teoria, sobre a metapsicologia freudiana.

A sexta tese sustenta a *comensurabilidade de todas as linguagens*. Ela provém da elaboração sobre a universalidade do simbolismo onírico¹²⁹ e, particularmente, da hipótese filogenética sobre a linguagem: a existência de uma matriz lingüística originária, a partir da qual ter-se-iam desenvolvido as diferentes línguas. Vimos anteriormente como por linguagem, em acepção ampla, Freud parece entender a totalidade dos modos de expressão das atividades anímicas (Freud, XIII, p.179). Assim, a psicanálise seria explicativa na medida em que fosse capaz de esclarecer os

¹²⁸ -Gabbì Jr. formula hipótese análoga: "a psicanálise não possui uma teoria sobre as relações profundas, as presentes nos relatos sensatos, ela permite apenas teorizar sobre relações superficiais." (1992, p. 125)

¹²⁹ -"Ademais, o simbolismo supera a diversidade das línguas; no caso de uma investigação hipotética, provavelmente seu resultado seria ubíquo, o mesmo em todos os povos. Na aparência, pois, estamos frente a um caso seguro de herança arcaica." (Freud, XXIII, p. 95)

interesses primordiais do homem, suas motivações básicas e, de certa forma, portanto, de identificar o motor do desenvolvimento tanto da linguagem como da própria cultura. Freud pretende ter encontrado esse elemento organizador na sexualidade. No entanto, dentro de um esquema pulsional sempre dualista, considerando ainda que a sintomatologia neurótica é a tão procurada linguagem universal. (Freud, XV, p.154) A idéia recorrente, interpretar = traduzir (presente por exemplo em Freud, XIII, p.179 e XXIII, p.95), encontra, portanto, sua justificativa. Desse modo uma multiplicidade de traduções tornam-se possíveis: entre as linguagens das diferentes neuroses¹³⁰, entre os conteúdos das diversas produções culturais e, fundamentalmente, do pensamento manifesto do sonho para o latente (o contrário nunca é possível, pois a lógica de figuração do inconsciente jamais é elucidada). Resumindo, os fundamentos da sexta tese são: a) referência sexual na origem, na tensão com a imperativa autoconservação; b) matriz lingüística originária [quiça influência do mito do idioma indo-europeu, suposto precursor comum de uma vasta gama das línguas atuais]; c) motivação psicológica na base do desenvolvimento da linguagem; d) correlação entre a teleologia da linguagem e a do aparelho psíquico; e) tradução como modelo da interpretação psicanalítica. A partir do conjunto formado pelas

¹³⁰ -Freud apresenta a história clínica de uma paciente histérica que desenvolve um quadro obsessivo, a partir da satisfação de seus desejos inconscientes, e comenta: "Um caso assim seria substantivo em mais de um sentido. Por um lado, talvez pudesse reclamar o valor de um documento bilingüe e mostrar como um conteúdo idêntico é expresso pelas duas neuroses em linguagens distintas." (Freud, XII, p. 399)

seis teses apresentadas, podemos especular sobre a especificidade da relação de significação no interior da teoria freudiana.

Uma conjectura inicial advém das supostas teses acima: a existência, no texto freudiano, de duas modalidades de linguagem distintas, intimamente relacionadas entre si (havendo, no entanto, a primazia no plano estrutural de uma delas), mas reguladas por regras próprias e, portanto, possuindo cada uma seu *modus operandi* peculiar. A primeira modalidade merece a denominação de *linguagem primordial* e corresponde a uma suposta origem, onde o elemento sexual teria desempenhado o papel de princípio organizador por excelência, em meio às urgências vitais. Algumas de suas características principais seriam, entre outras, as seguintes: a) universalidade ancorada na hipótese filogenética (similar à do complexo de Édipo); b) simplicidade das formas expressivas envolvidas (linguagem arcaica), c) marcante prevalência da função de nomeação (e aqui cumpre ressaltar o fato de os objetos visados serem os sexuais, portanto, por linguagem devemos entender a atribuição de nomes ao elemento sexual, mesmo que um dos fins da utilização das palavras seja também a autoconservação); d) linguagem substantivista, onde o procedimento de nomeação estaria baseado em definições ostensivas (ou seja, no ato de dizer "isto é ...", apontando, ao mesmo tempo, para um determinado objeto em particular); e) em consequência da anterior, o significado seria visual na origem ou, acentuando outra perspectiva, o significado seria extra-lingüístico; f) imperaria uma relação de significação unívoca; g) dependência da suposição de uma referência remota, recuperável apenas indiretamente. O simbolismo onírico, além de se afigurar como caso prototípico dessa modalidade (na medida em que

ele reúne em si todas as características descritas acima), representaria a sua sobrevivência no interior da linguagem atual.

Quanto à segunda modalidade, podemos chamá-la de *linguagem ordinária*. E não são poucas as diferenças guardadas em relação à anterior. Citaremos apenas as principais: a) essa modalidade derivaria da anterior, através de um processo de sucessivos deslocamentos semânticos; b) o sexual perderia progressivamente sua preponderância (para o social) em vista da operação dos citados deslocamentos; c) a função de nomeação cederia a primazia à expressão da multiplicidade das relações entre os elementos constitutivos da trama lingüística, o significado seria incorporado à linguagem, não mais algo situado em seu além; d) as palavras passariam a ser multívocas, portanto, com a introdução da equivocidade; e) tendo em vista o inciso anterior, tornar-se-ia necessária uma referência contextual não remota.

Entretanto, o nosso esquema é mais complexo, pois é inegável a subsistência da *linguagem primordial* no interior da *linguagem ordinária*, dado que a segunda provém da primeira. Haveria, por conseguinte, um duplo sistema de referências operantes no caso da *linguagem ordinária*: a utilização da linguagem, em qualquer momento, implicaria no ato de se reportar simultaneamente a uma referência remota e a uma outra atual. Muitas das considerações psicanalíticas dependeriam, em termos de seu poder explicativo, de identificar a variação da referência em questão, pois nesse âmbito, sentido e referência afiguram-se inseparáveis. Assim, podemos ensaiar a aplicação desse esquema aos objetos freudianos tradicionais, divididos em quatro casos

principais: 1- simbolismo que remete exclusivamente a uma referência remota; se a atual intervém, não estamos mais no âmbito simbólico; 2- esquizofrenia onde observamos uma completa disjunção entre as referências com resultados paradoxais; de um lado, a inoperância da referência remota torna a linguagem desprendida, abstrata em seu mais alto grau, de outro, a absoluta falta de contextualização tem o efeito de converter as palavras à concretude (como se fossem coisas); ambos os mecanismos, entretanto, concorrem para o mesmo resultado final, uma linguagem totalmente privada; 3- chiste onde o trânsito imprevisto pelas diferentes referências responde pelos seus efeitos psíquicos, isto é, o prazer do encontro de um atalho econômico; o sentido sexual subjacente proviria da referência remota, mas a atual mantém-se inalterada; 4- neurose em que a referência remota, mesmo sem ser imediatamente visível (subsistem as ligações profundas), determina o processo; a referência presente, trocada, produz o efeito de uma aparente ininteligibilidade da fala (sintomática).

Em suma, a argumentação desenvolvida pretende ter mostrado como Freud, desde seus trabalhos iniciais, buscou de modo incessante referências últimas que justificassem os operadores explicativos presentes na teoria psicanalítica. Procuramos ainda explicitar como esse referencialismo, ao ser traduzido em termos lingüísticos, gerou um nominalismo bastante específico. Não se trata apenas da postulação de um significado extra-lingüístico das palavras na origem; o objetivo de Freud é encontrar, num recuo cada vez mais longínquo, os fundamentos (princípios organizadores) de sua concepção dualista. A inscrição das palavras no registro de

uma determinada polaridade¹³¹, obriga a linguagem a funcionar como mediadora simbólica entre o sexual e o não sexual, comportando assim toda ambigüidade e equivocidade que resultam da natureza essencialmente conflitiva do dualismo freudiano. Dessa forma, apesar da teoria freudiana tornar-se progressivamente mais complexa para explicar os diversos tipos de contra-senso que constituem, por excelência, o objeto psicanalítico, ela jamais teria abandonado por completo seu nominalismo implícito. Nesse sentido, a tese da dupla referência seria, portanto, uma tentativa metapsicológica de preservar a coexistência no plano semântico (evitando o impasse) da referência lingüística universal e da polissemia das palavras.

¹³¹ -Onde o elemento sexual sempre corresponde a um dos pólos em questão.

Conclusão

Esperamos ter mostrado suficientemente como o interesse das críticas filosóficas de Wittgenstein dirigidas a Freud reside, em primeiro lugar, no fato delas recusarem a primazia do plano epistemológico, ultrapassando desse modo - sem deixar de tomar partido - a polêmica questão da cientificidade da psicanálise. As observações de Wittgenstein visam principalmente a pretensão teórica freudiana - desejo de universalidade - e o essencialismo implícito, pilares da constituição do objeto psicanalítico. Assim, o filósofo vienense contesta em princípio o tipo de questões que a psicanálise propõe-se resolver, ela tentaria "explicar" fatos que precisam somente de esclarecimentos. Essa suposta confusão seria ofuscada pelo brilho da teoria freudiana, com seu convite altamente sedutor de adesão a um quadro referencial completo. A presente dissertação, recusando de saída a ausência de um exterior à psicanálise¹³², procurou desenvolver uma forma de leitura rigorosa e filosoficamente inspirada da teoria psicanalítica, cujo mérito principal seria o de tentar identificar seus pressupostos. Não se trata, no entanto, de fazer julgamentos de valor, mas simplesmente de exibir as imagens em torno das quais tal teoria estrutura-se.

As críticas a Freud ilustram também uma das marcas da filosofia de Wittgenstein, a articulação entre três planos, em seu entender, profundamente interligados: lógico, estético e ético. Assim, ao comentar como a substituição da necessidade lógica por preferências estéticas permaneceria velada graças às anfibiologias¹³² -Na medida em que ela seria fundamentalmente um modo opcional de representação, sem possuir, a priori, um certo conteúdo heurístico evidente.

cientificistas da teoria freudiana, Wittgenstein aponta para as consequências éticas da prática psicanalítica. A nosso ver, a novidade essencial dessa crítica é situar a psicanálise no campo da estética¹³³, abrindo novas linhas de investigação, na medida em que de um lado a metapsicologia pode ser tomada como uma teoria acerca da lógica de figuração do aparelho psíquico (mostrando no caso do sonho, por exemplo, a complexidade da representação através de imagens), apta, portanto, para engendrar explicações estéticas; e de outro, como a lógica da teoria freudiana depende de preferências estéticas na escolha de imagens (analogias, metáforas) que organizem a própria metapsicologia.

A análise histórica da noção freudiana de símbolo pretende ter evidenciado a crescente tensão teórica decorrente da postulação a um só tempo de um simbolismo aberto e da validade universal do dispositivo interpretativo psicanalítico. Vimos que Freud não recusa o problema, talvez por reconhecer a importância do simbolismo para a interpretação psicanalítica da cultura. Enquanto ponto de articulação do individual com o compartilhado, o simbolismo traz à tona a questão do processo de hominização e de constituição da cultura. O surgimento da linguagem representa a própria instauração de uma ordem simbólica e, não custa insistir, a linguagem também é o terreno psicanalítico por excelência. Entretanto, como Freud não tematiza a concepção lingüística da qual a psicanálise seria tributária, utilizamos a noção de símbolo

¹³³ -Entendida no sentido de Wittgenstein, onde importam tanto relações de adequação a um conjunto predeterminado de regras como redescrições (descrições suplementares), que funcionam na medida de seu convencimento e não em virtude de qualquer correspondência com fatos.

como via de acesso privilegiada à suposta teoria freudiana da significação (isto é, da relação entre sentido e referência). Por outro lado, como a palavra definitiva de Freud acerca do simbolismo data de 1916 (*Conferência Introdutória X*) novos estudos são necessários para esclarecer a repercussão do advento da pulsão de morte, isto é, determinar se ela é passível de simbolização e, em caso afirmativo, em que moldes. Nesse sentido, sugerimos que a supressão da ausência pode aliar-se à compulsão à repetição.

Com efeito, o fato do simbolismo revelar-se como uma modalidade lingüística menos estruturada e com muitas peculiaridades, leva Freud a tomá-lo como vestígio dos primórdios da linguagem. Baseados nas comparações apresentadas por Freud entre o simbolismo e a linguagem corrente, formulamos a tese da dupla referência: todo uso lingüístico remeteria, por assim dizer, tanto a uma referência remota como a uma outra, contextual. No entanto, é necessário frisar que a aplicação do modelo da dupla referência foi apenas esboçado nessa dissertação, exigindo análises ulteriores para comprovar sua consistência global com os demais tópicos metapsicológicos.

A presumida concepção lingüística de Freud estaria intimamente relacionada com as notórias hipóteses filogenéticas psicanalíticas.¹³⁴ No decorrer da argumentação, imputamos ao referencialismo marcado do pensamento freudiano a responsabilidade de ser a fonte inspiradora da criação das histórias míticas sobre as origens. Assim como no caso da horda primitiva encontra-se a base da universalidade do Complexo do Édipo (pedra angular do edifício teórico), no mito correlativo da origem sexual da

¹³⁴

-cujo estatuto tem sido historicamente objeto de controvérsia.

linguagem (matriz originária) situam-se os fundamentos de alguns pressupostos psicanalíticos. Por conseguinte, uma das conseqüências mais importantes dessa idéia é permitir à psicanálise tratar todas as linguagens como sendo comensuráveis entre si e com isso ampliar a base de sua ambição de universalidade. Precisando melhor esse ponto, a linguagem seria desde a origem atravessada pelo dualismo pulsional, um dos alicerces da tese psicanalítica da natureza fundamentalmente conflitiva do suceder psíquico. Em outros termos, aventamos a hipótese de que a linguagem operaria uma espécie de mediação entre o sexual e o não sexual no interior da teoria freudiana. Ademais, essa polaridade proporciona um esclarecimento adicional acerca da equivocidade das palavras e expressões lingüísticas e também da tendência, gerada pelo mecanismo do recalque, do sexual expressar-se via de regra indiretamente, por meio de alusões.¹³⁵

Finalmente, o estudo empreendido sugere que a incansável busca freudiana pelos fundamentos (numa origem cada vez remota) decorreria, em suma, do suposto nominalismo de Freud, i.e. de sua forte tendência a tratar as palavras como nomes. Procuramos mostrar que embora o nominalismo freudiano seja bastante sofisticado - apresentando numerosas nuances -, ele não estaria muito distante da concepção agostiniana da linguagem, tal como delineada por Wittgenstein no início das *Investigações Filosóficas*. (PI, p.9-10) A perspectiva de investigar o papel desempenhado pelo nominalismo de Freud nas críticas dirigidas a ele por Wittgenstein afigura-se como um possível e atraente desdobramento da presente dissertação. Também caberia verificar

135

-O caso dos chistes ilustra bem esse ponto.

como as principais teorias psicanalíticas pós-freudianas lidaram com a questão da referência e, ainda, determinar em que medida as suas soluções poderiam ou não modificar a pertinência das objeções de Wittgenstein à psicanálise.

BIBLIOGRAFIA (obras de FREUD e WITTGENSTEIN)

Sigmund Freud:

Todos os textos de Freud são retirados de *Sigmund Freud - Obras Completas* (24 volumes) - Tradução de José L. Etcheverry - Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. A única exceção é *Zur Auffassung der Aphasien*, Leipzig und Wien: Franz Deuticke, 1891. No sentido de identificar alguns dos termos originais de Freud, nucleares na argumentação aqui desenvolvida, foi consultada a *Studienausgabe* (Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1989).

Ludwig J. J. Wittgenstein:

TLP 1-*Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) - (tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos) - São Paulo: Edusp, 1993.

GB 2-*Remarks on Frazer's Golden Bough* (1931) - (tradução de J. Beversluis) - in: Wittgenstein: Sources and Perspectives, editado por C.G. Luckhardt - Sussex: The Harvester Press, 1979.

BT 3-*Philosophy* (1933) [sections 86-93 (pp.405-35) of the so-called 'Big Typescript' (catalog number 213)] - (traduzido por C.G. Luckhardt e M.A.E. Aue), editado por Heikki Nyman - *Synthese* 87: 3-22, 1991.

B1B/BrB 4-*The Blue and Brown Books* (1933-1934 / 1934-1935) - New York: Harper & Row, Publishers, 1965.

AWL 5-*Wittgenstein's Lectures - Cambridge, 1932-1935, from the notes of Alice Ambrose and Margaret Macdonald*, editado por Alice Ambrose - Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LA 6-*Lectures and Conversations on Aesthetics, Psychology, and Religious Belief* (1938-1946), editado por Cyril Barrett - Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1967.

- PI 7-*Investigações Filosóficas* (1953), tradução de José Carlos Bruni - São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- CV 8-*Culture and Value* (1929-1951), tradução de P. Winch, editado por G. H. von Wright - Oxford: Blackwell Publishers, 1992.
- C 9-*On Certainty* (1949-1951), tradução de Denis Paul e G. E. M. Anscombe, editado por G. E. M. Anscombe e G. H. von Wright - New York: Harper and Row, Publishers, 1972.

BIBLIOGRAFIA (obras de outros autores)

- 1-Assoun, P.-L. *Freud et Wittgenstein*, Paris: Presses Universitaires de France, 1988.
- 2-Baker, G.P. & Hacker, P.M.S. *Wittgenstein - Meaning and Understanding*, Oxford: Basil Blackwell, 1988.
- 3-Benjamin, W. *Sur le langage en général et sur le langage humain* (1916) in: *Mythe et Violence* (traduzido por Maurice de Grandillac). Paris: Denoel, 1971.
- 4-Bouveresse, J. *Wittgensteins: La Rime et la Raison*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1973.
- 5-_____. *Philosophie, Mythologie et Pseudo-Science - Wittgenstein lecteur de Freud*, Combas: Éditions de L'Éclat, 1991.
- 6-Carroll, L. *Alice's Adventures in Wonderland* (1865) & *Through the Looking-Glass* (1871), New York and Toronto: Bantam Books, 1981.
- 7-Cioffi, F. *Wittgenstein's Freud* in: *Studies in the Philosophy of Wittgenstein* (editado por Peter Winch). London: Routledge & Kegan Paul, 1969.

- 8-_____. *Wittgenstein and Obscurantism* in: The Aristotelian Society, supplementary volume LXIV, 1990.
- 9-_____. *Wittgenstein on Freud's 'abominable mess'* in: Wittgenstein Centenary Essays (editado por A. Phillips Griffiths). Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- 10-Davidson, D. *Paradoxes of Irrationality* in: Philosophical Essays on Freud (editado por Richard Wollheim and James Hopkins). Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- 11-_____. *Actions, Reasons and Causes* (1963) e *Psychology as Philosophy* (1974) in: Essays on Actions and Events. New York: Clarendon Press / Oxford University Press, 1986.
- 12-Gabbi Jr., O.F. *Notas sobre o conceito freudiano de símbolo*, *Ciência e Cultura* 40(12): 1164-1167, 1988.
- 13-_____.(a) *Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana* in: *Filosofia da Psicanálise* (org. Bento Prado Jr.). São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- 14-_____.(b) *Exercícios em Psicomitologia, Trans/Form/Ação*, v.14, p.1-44. São Paulo, 1991.
- 15-_____.(c) *A Origem da Moral em Psicanálise*. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Série 3, 1(2): 129-168, jul.-dez. Campinas, 1991.
- 16-_____. *Alice e a Metapsicologia - a psicanálise como teoria do contrasenso*, *Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp*, número 23. Campinas, 1992.
- 17-Haller, R. *Wittgenstein e a Filosofia Austríaca: Questões* (traduzido por Norberto Abreu e Silva Neto), São Paulo: Edusp, 1990.

18-Hanly, C. *Wittgenstein on Psychoanalysis* in: Ludwig Wittgenstein - Philosophy and Language (editado por Alice Ambrose e Morris Lazerowitz). London: George Allen and Unwin, 1972.

19-Holanda Ferreira, A. B. de *Novo Dicionário da língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

20-Homero *Illiada* (traduzido por Pe. M. Alves Correia), Lisboa: Livraria Sá da Costa-Editora, 1960.

21-Janik, A. *Psychoanalysis: Science, Literature or Art?* in: *Style, Politics and the Future of Philosophy*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1989.

22-Jones, E. *The Theory of Symbolism* (1918) in: *Papers on Psycho-Analysis*, Boston: Beacon Press, 1961.

23-Lalande, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia* (1926), São Paulo: Martins Fontes, 1993.

24-Lorenzer, A. *Crítica del concepto psicoanalítico de símbolo* (traduzido por José Luis Etcheverry), Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1970.

25-Machado de Assis, J.M. *O Alienista*, São Paulo: Editora Ática, 1987.

26-McGuinness, B. *Freud and Wittgenstein* in: *Wittgenstein and his time* (editado Brian McGuinness), Oxford: Blackwell, 1987.

27-Monzani, L.R. *Freud - O Movimento de um Pensamento*, Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

28-_____. *Discurso Filosófico e Discurso Psicanalítico* in: *Filosofia da Psicanálise* (org. Bento Prado Jr.). São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

29-Rorty, R. *Philosophy and the Mirror of Nature*.
Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1980.

30-Rousseau, J.-J. *Ensaio sobre a origem das línguas*
(1759) (traduzido por Lourdes Santos Machado), São Paulo: Abril
Cultural, 1973.

Índice

Introdução	1
I-Wittgenstein - crítico de Freud	14
II-A noção freudiana de símbolo	90
III-Teses freudianas acerca da natureza da linguagem	145
IV-Conclusão	208
V-Bibliografia	213